



Enquanto  
**NÃO TOCAR**  
ninguém se  
levanta

Tás  
atrasado!

Ao  
gabinete  
do diretor,  
**JÁ!**

Sai da  
frente!

# ESCOLA

os **PIORES** ANOS DA  
MINHA VIDA

**James Patterson** e **Chris Tebbetts**

O famoso autor multipremiado,  
com mais de 150 milhões de livros vendidos

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

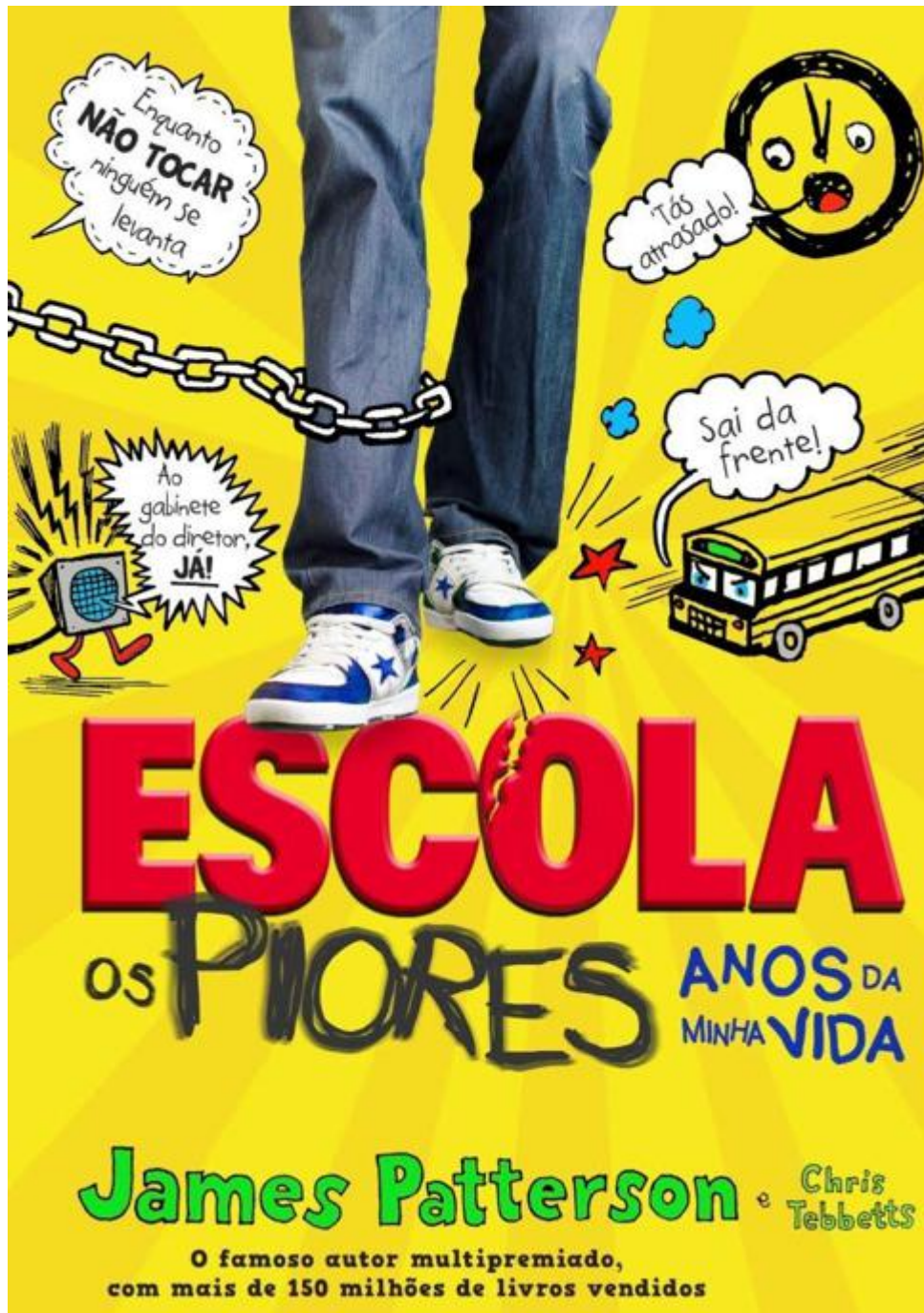
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***





É o primeiro dia de aula em sua nova escola, mas Rafa Khatchadorian já sabe que será o pior ano de sua vida. Como se não bastassem seus problemas em casa, agora ele terá que descobrir como sobreviver ao sexto ano. Por sorte, Rafa bolou o melhor plano de todos os tempos: ele se propôs a quebrar todas as regras do colégio, valendo pontos. Porém, professores, pais e valentões não curtiram essa ideia mirabolante. Será que o plano vai passar de mágico a trágico?



# CAPÍTULO 1



Meu nome é

Rafa Khatchadorian,

herói trágico

Acho que faz bastante sentido eu começar esta história de desespero e infortúnio no banco de trás de uma viatura do Departamento de Polícia de Hills Village, espremido feito sardinha em lata, junto com Leonardo Caladão e Georgia, minha irmã insuportável.

Bom, este é o retrato de uma família patética da qual você nunca iria querer fazer parte, pode acreditar. Mais tarde falarei sobre o infeliz incidente com a polícia. Mas preciso de uma preparação antes de contar essa história desastrosa.

Então... *tchã-rã!* Aqui está, para os fãs de livros – e todos aqueles que estão precisando de pontos extras de leitura na escola –, minha autobiografia até o momento. O tão temido sexto ano. Se você já chegou lá, sabe do que estou falando. Se ainda não chegou, logo, logo vai saber.

Mas vamos encarar a realidade: *me* entender (quer dizer, entender *de verdade* a mim e à minha vida maluca) não é assim muito fácil. Por isso acho tão difícil 3



encontrar pessoas confiáveis. O fato é que eu não sei em quem posso confiar.

Então, de maneira geral, não confio em ninguém. Tirando a minha mãe, Jules. (Na maior parte do tempo, pelo menos.)

Então... vamos ver se eu posso confiar em você. Para começar, aqui vão algumas informações básicas.

Esse aí sou eu, chegando à “prisão” – também conhecida como Escola Municipal de Hills Village – no carro de Jules. O crédito do desenho vai para Leonardo Caladão.

Voltando à história, tem, *sim*, outra pessoa em quem confio: Leonardo.

Leo é Louco e Irado com *L* e *I* maiúsculos, mas está sempre com os pés no chão.

4





Eis algumas pessoas em quem eu não confio nem um pouquinho.

Tem a professora Donatella Carrasco, mas você pode chamá-la apenas de Mulher-Dragão. Ela dá aula de inglês e também é responsável pela minha matéria preferida no sexto ano: castigo depois da aula.

Tem também a professora Ida Severo, a coordenadora. Ela é responsável por absolutamente tudo na EMHV – até pela respiração das pessoas.





Esta é Georgia, minha irmã superenxerida, superantipática e superpirralha cuja única qualidade é se parecer com a Jules quando ela estava no quarto ano.

Tem mais gente na minha lista, e vamos falar dessas pessoas em algum momento. Ou não. Não sei bem como isto aqui vai funcionar. Como você provavelmente já percebeu, este é o primeiro livro que escrevo.

Mas vamos falar sobre *nós dois* um pouquinho.

Eu até quero confiar em você, mas como vou saber se posso contar todas essas coisas pessoais que me dão vergonha (como, por exemplo, a história desastrosa com o carro de polícia)? Como você é? Como você é *por dentro*?

É uma pessoa boa e decente? Quem disse? Você? Seus pais? Seus irmãos?

Está bem, no espírito de uma possível amizade entre nós (e isso é uma coisa muito séria para mim), aqui vai outra confissão verdadeira.

6



*Na verdade*, era assim que eu estava quando cheguei à escola naquele primeiro dia do sexto ano.

Ainda somos amigos ou você já caiu fora?

Ei... *Não vá embora*, tá?

Acho que gostei de você. Falando sério. Pelo menos você sabe escutar. E – pode acreditar – eu tenho uma história e tanto para contar.

7

# CAPÍTULO 2



Escola Municipal de

Hills Village/Prisão

de segurança máxima

Certo, então imagine o dia em que a sua tataravó nasceu. Imaginou? Agora recue mais uns 100 anos. E depois mais 100. Foi mais ou menos nessa época que construíram a Escola Municipal de Hills Village. Claro que, naquela época, ela era uma prisão para adultos, mas não mudou muito de lá para cá. Agora é uma prisão para alunos de sexto, sétimo, oitavo e nono ano.

Eu já assisti a filmes suficientes para saber que, quando você chega na cadeia, basicamente tem duas escolhas: (1) bater em alguém até não poder mais para que todas as outras pessoas achem que você é louco e não encham o seu saco, ou (2) ficar de cabeça baixa, tentar não chamar a atenção e não despertar o lado ruim de ninguém.

Você já viu como eu sou. Então deve imaginar qual opção escolhi. Assim que entrei na sala de aula, fui direto me sentar na última fileira, o mais longe possível da mesa do professor.



Esse plano só tinha um problema, e o nome dele era Miller. Miller Matador, para ser exato. É impossível não despertar o lado ruim desse garoto, porque ele só tem esse!

Mas eu ainda não sabia disso.

– Vai sentar no fundão, é? – disse ele.

– Vou, sim – respondi.

– Você é daqueles que gostam de arrumar encrenca?



Dei de ombros.

– Sei lá. Na verdade, não.

– Porque é aqui que ficam os caras barra-pesada – continuou ele, dando um passo na minha direção. – E, por falar nisso, você está no meu lugar.

– Não tem seu nome escrito aqui – retruquei.

Eu já estava mesmo pensando que tinha falado besteira quando Miller colocou uma das patas tamanho GGG no meu pescoço e começou a me erguer, como se eu fosse um saco de batatas.

Como geralmente gosto de manter minha cabeça grudada no corpo, achei melhor trocar de lugar.

9

– Vamos tentar mais uma vez – disse ele. – Este é o meu lugar. Entendeu?

Entendi, sim. Fazia uns quatro minutos e meio que eu estava no sexto ano e já tinha um alvo pintado nas costas. Justo eu, que não queria chamar a atenção...

E não me entenda mal. Não sou um banana. Espere mais alguns capítulos e mostrarei do que sou capaz. Mas, por enquanto, resolvi apenas me mudar para alguma outra parte da sala, tipo um lugar menos nocivo à minha saúde.

Só que, quando fui me sentar mais uma vez...

– Nã-não – gritou Miller. – Esse aí também é meu.

Você já percebeu como isso vai acabar, né?

Quando o professor Rick chegou, eu estava lá parado, de pé, imaginando como seriam os próximos nove meses sem me sentar.

Ele me olhou por cima dos óculos.

– Com licença, senhor...

– Khatchadorian – completei.

– Saúde! – gritou alguém, e a classe inteira começou a dar risada.

– Silêncio! – berrou o professor, enquanto conferia a lista de chamada para saber qual era o meu nome completo. – Está tudo bem com você, Rafa? – perguntou ele, sorrindo como se estivesse esperando uma fornada de biscoitos.

– Está, sim, obrigado – respondi.

– E você achou as carteiras desconfortáveis?

– Não exatamente – falei, já que não podia entrar em detalhes.

– Então SENTE-SE. AGORA!

Ao contrário do Miller Matador, o professor Rick com toda a certeza tinha dois lados, e agora eu já conhecia os dois.

Como ninguém foi burro o bastante para se sentar bem na frente do Miller, essa era a única cadeira sobrando na sala inteira.

E como às vezes eu sou o maior idiota do mundo, não olhei para trás quando fui me sentar. E cáí com tudo no chão.



A boa notícia? Levando em conta a maneira como tudo tinha começado, de agora em diante as coisas só podiam melhorar.

A má notícia? Eu estava completamente enganado a respeito da boa notícia.

11





Pelo menos eu tenho o Leo

Sabe aquelas pessoas que se dão tão bem que parece que uma completa a outra?

É assim comigo e com o Leo – no que diz respeito a palavras e desenhos, pelo menos. Eu cuido de falar e ele se encarrega de desenhar.

Leo fala comigo às vezes, mas só às vezes. Conversar não é a dele. Se ele quisesse avisar a você que a sua casa estava pegando fogo, provavelmente faria um desenho. O cara é tão falante quanto uma girafa. (Ah, eu tenho mil piadinhas sem graça, senhoras e senhores!) Diga “olá”, Leo.

Está entendendo o que eu quero dizer?

12

Além do mais, se é verdade que uma imagem vale mais que mil palavras, então o meu amigo Leo tem mais coisas a dizer do que qualquer pessoa que eu conheça.

Você só precisa saber escutar.

Resumindo, Leonardo Caladão é o meu melhor amigo – em Hills Village e em qualquer outro lugar. E antes que ele fique todo metido, devo dizer que não tem muita gente disputando esse título. Eu não sou exatamente a definição de *garoto popular*.

E isso me leva à outra coisa que aconteceu nesse dia.

13







acomodamos nas arquibancadas e aguardamos. Tinha um púlpito bem no meio da quadra com um microfone e um cartaz enorme na parede: BEM-VINDOS

À EMHV!!!

O diretor David se levantou e começou a falar. Depois de um discurso mais ou menos assim:

14



...ele mandou que as animadoras de torcida entrassem, junto com as equipes de futebol americano, basquete e atletismo. Isso fez com que todo mundo se levantasse e começasse a gritar.

(Claro que, quando eu digo *todo mundo*, quero dizer todo mundo menos eu.) Só faltava uma lona de circo e um casal de elefantes dançarinos.

Depois disso, a professora Ida anunciou que quem quisesse concorrer a uma vaga de representante no conselho estudantil deveria ir até o microfone.

Cinco ou seis alunos de cada ano se levantaram, como se já estivessem esperando por esse momento. Acho que o professor Rick deve ter falado algo sobre isso, mas eu estava tão preocupado esperando o Miller enfiar um lápis na minha nuca que não prestei atenção em mais nada.

Começaram com os alunos do sexto ano. Ouvimos dois palhaços que eu não conhecia, depois um carinha chamado Matt Kruschik – que comia meleca até o quarto ano – e então...

– Oi, pessoal. Meu nome é Jeanne Galletta.

Mais ou menos metade dos alunos do sexto ano e alguns do sétimo e do oitavo começaram a bater palmas na hora. Ela devia ter vindo da Escola Millbrook, porque eu não a conhecia. Eu tinha estudado na Escola Seagrave, onde caçávamos ratazanas nas aulas de educação física e a maior parte das crianças ganhava lanche grátis, inclusive eu.

15

– Acho que serei uma boa representante porque sou uma boa ouvinte – disse Jeanne. – E não existe nada mais importante que isso.

Eu estava ouvindo!

E ela era simplesmente linda. Dava vontade de ficar olhando o rosto dela para sempre. Mas ela também parecia ser legal, como se não se achasse melhor do que ninguém. Mesmo que fosse.

– Tenho muitas ideias para transformar a escola num lugar melhor – prosseguiu ela. – Mas, primeiro, quero fazer uma coisa.

Então ela largou o microfone, veio andando na minha direção e parou bem na minha frente. Olhou diretamente para mim e perguntou:

– Você é o Rafa?

De repente eu fiquei tão falante quanto o Leo, mas consegui responder.

– Sou eu.

– Quer dividir uma batata frita grande comigo na hora do lanche?

– Claro! Eu pago – respondi, porque tinha no bolso uma nota de 20 que tinha achado na rua mais cedo.

– Não – disse ela. – Faço questão de pagar.

Estava todo mundo olhando. A banda começou a tocar, as animadoras de torcida começaram a animar...



... e Miller Matador morreu engasgado com um M&M de amendoim. Daí eu ganhei na loteria, a paz mundial foi alcançada e a professora Ida me disse que, pelo fato de eu ser completamente maravilhoso, poderia pular o sexto ano e voltar só no ano que vem.





– ... então eu espero que vocês votem em mim – Jeanne ia dizendo, e todo mundo começou a bater palmas enlouquecidamente.

Eu nem tinha ouvido a maior parte do discurso. Mas ela com toda a certeza já tinha o meu voto.



Ah, as regras

A próxima a falar foi Lexi Winchester. Eu a conhecia do outro colégio, e ela era uma menina superlegal. Mesmo assim, meu voto ainda era de Jeanne Galletta. Foi mal, Lexi.

Quando os discursos acabaram, achei que a reunião também tinha chegado ao fim.

Mas não tive tanta sorte.

A professora Ida voltou ao microfone e mostrou um livrinho verde.

– Alguém sabe me dizer o que é isto? – perguntou.

– Eu sei – resmungou Miller Matador atrás de mim. – Uma completa perda de tempo.

– Isto – disse a professora – é o *Código de conduta da Escola Municipal de Hills Village*. Tudo o que vocês precisam saber a respeito de como se comportar na escola... e de como *não* se comportar... está aqui.

Logo apareceram vários professores e eles começaram a entregar um exemplar a cada aluno no ginásio.

– Quando receberem o seu, abram na página um e acompanhem comigo.

Então ela começou a ler... muuuuito... devagar.

– “Seção 1: Normas de vestuário da Escola Municipal de Hills Village...”

Quando peguei o meu, folheei até o fim do livro. Eram 16 seções e 26 páginas no total. Em outras palavras, teríamos sorte se conseguíssemos sair daquela reunião antes do Natal.

– “...Todos os alunos deverão se vestir de maneira apropriada para o ambiente acadêmico. Nenhum aluno poderá usar qualquer peça

mais de dois tamanhos maior que seu manequim...”

19

SOCORRO! Era isso que eu estava pensando. As aulas tinham acabado de começar e já estavam tentando nos matar de tédio. *Por favor, alguém detenha a professora Ida antes que ela ataque novamente!*

Leo pegou uma caneta e começou a desenhar no código. A professora passou para a página seguinte e continuou a ler.

– “Seção 2: Itens proibidos. Nenhum aluno deverá trazer à escola qualquer equipamento eletrônico que não tenha o objetivo de ser usado em sala de aula.

Isso inclui telefones celulares, iPods, câmeras, laptops...”

E a leitura continuou e continuou.

E continuou.

E continuou.

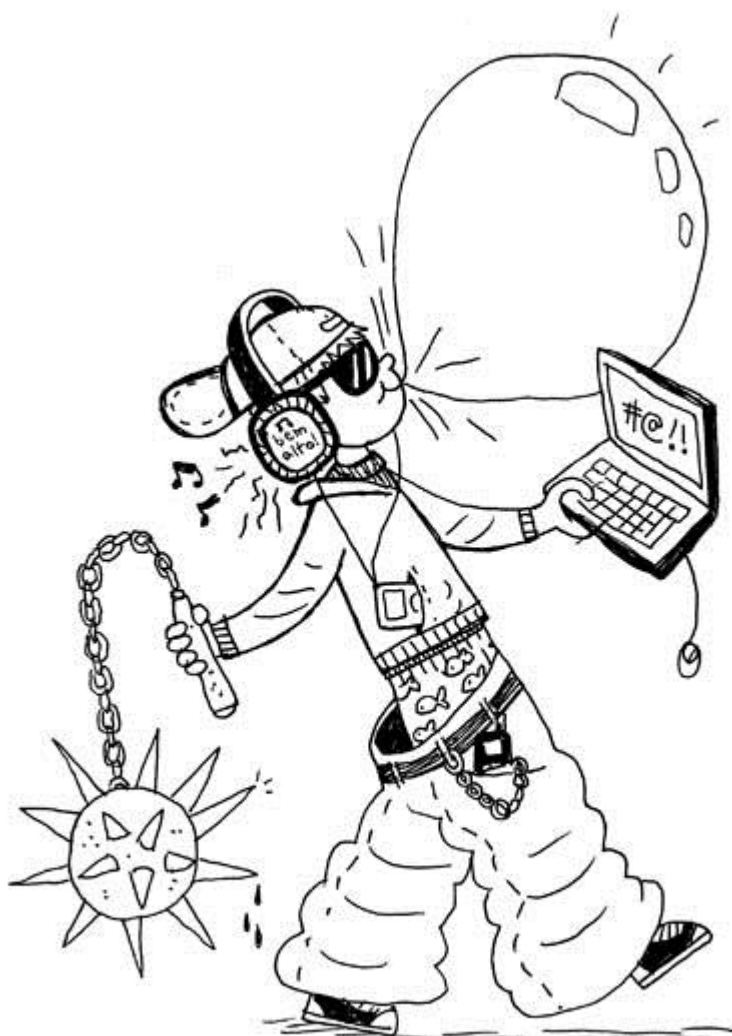
Quando chegamos à Seção 6 (“Motivos para expulsão”), meu cérebro estava se transformando em purê, e tenho certeza de que os meus ouvidos estavam sangrando.

As pessoas sempre falam sobre como crescer é maravilhoso. Mas eu só via cada vez mais regras e mais adultos me dizendo o que eu podia e não podia fazer, em nome do que é “para o meu próprio bem”. Sei, bom... Tenho que comer brócolis “para o meu próprio bem”, mas mesmo assim fico com vontade de vomitar.

Pelo visto, aquele livrinho verde nas minhas mãos era só uma longa lista de todas as diferentes maneiras como eu poderia – e certamente iria – me meter em encrenca até o fim do ano letivo.

Enquanto isso, Leo desenhava sem parar, parecendo um maníaco. Cada vez que a professora mencionava uma nova regra, ele rabiscava mais alguma coisa na página à sua frente. Finalmente, virou o livro e me mostrou no que estava trabalhando.

20



**AS REGRAS FORAM FEITAS PARA SEREM QUEBRADAS**

A única coisa em que consegui pensar quando vi aquele desenho foi: *eu quero ser esse garoto*. Ele parecia estar tendo um dia BEM

melhor que o meu.

E foi aí que tive uma ideia.

Uma ideia sensacional, totalmente, absolutamente MARAVILHOSA. Ela me veio como um tsunami.

Era a melhor ideia em toda a história do ensino fundamental, em toda a história das ideias! E não só me ajudaria a chegar ao fim do ano, como também poderia salvar a minha vida na Hills Village.

Quer dizer, isso se eu realmente tivesse coragem para colocá-la em ação...

21



## CAPÍTULO 6

EURECA!

Você já ouviu falar em “quebrar todas as regras”? Era isso. Era essa a minha GRANDE IDEIA. Quebrar todas as regras do código. Todas.

Da maneira como eu via as coisas, o *Código de conduta da EMHV* seria o meu pior inimigo. Mas, se eu fizesse tudo certo, poderia transformá-lo no meu melhor amigo.

Desculpe, Leo. Eu quis dizer meu segundo melhor amigo.

Eu só precisaria me esforçar um pouco... e ter muita coragem. Muita mesmo.

Leo sabia exatamente o que eu estava pensando. Afinal de contas, a ideia tinha saído do desenho dele.

– Vá em frente – sussurrou ele. – Escolha um item do código e comece.

– Agora? – respondi, cochichando.

– Por que não? O que você está esperando? – perguntou.

Acho que a resposta seria: “Muita, MUITA coragem.”

Eu só fiquei ali sentado, meio paralisado, então Leo abriu o livro e apontou alguma coisa na página sem nem olhar. Quando eu vi onde o dedo dele tinha ido parar, tive um pequeno ataque cardíaco.

– Eu não posso fazer isso! – falei. – E se alguém se machucar?

– Como é que isto aqui vai machucar alguém? – argumentou Leo. – A não ser, talvez, você mesmo...

Por algum motivo, isso não fazia com que eu me sentisse nem um pouco melhor.

– Olhe – continuou ele –, você nunca vai ser uma dessas pessoas – e apontou para os atletas, as animadoras de torcida e os candidatos ao conselho estudantil, que estavam sentados em cadeiras dispostas no meio do ginásio. – Mas isto – falou, batendo no código com a caneta –, isto é algo que você é capaz de fazer.

– Não sei, não.

(Essa foi minha tentativa ridícula de escapar.)



– *Ou* você pode continuar do mesmo jeito, e todos os dias serão iguais a este. – Ele deu de ombros. – Talvez não seja tão ruim assim. Um ano letivo tem só uns 200

dias.

Isso bastou.

– Está bem, está bem – falei, e apesar de estar com o coração aos pulos, me levantei e fui até a porta do ginásio, onde uma das carcereiras (quer dizer, professoras) estava parada.

– Preciso ir ao banheiro.

– Você vai ter que esperar – respondeu ela.

– “Seção 8”! – disse a professora Ida, a voz ressoando no microfone.

– Já estamos na metade!

– Por favor? – implorei, fingindo a minha melhor cara de quem estava quase fazendo xixi nas calças.

Ela soltou um longo suspiro, como se desejasse ter sido advogada em vez de professora.

– Tudo bem, cinco minutos – concordou.

Cinco minutos eram mais do que suficientes. Saí pelo corredor e entrei no banheiro dos meninos enquanto ela ainda observava. contei até 10 e coloquei a cabeça para fora.

Não havia ninguém por perto. Até onde eu sabia, todos estavam dentro daquele ginásio. Era agora ou nunca.

Disparei pelo corredor, dei a volta por trás da secretaria, depois atravessei outro corredor, passei pelo refeitório e fui até uma escada nos fundos. Levei apenas um ou dois minutos para encontrar o que estava procurando.

Fiquei lá parado, olhando para a caixa vermelha na parede.

23

Eu quase podia ouvir o Leo. Era como se ele estivesse bem do meu lado dizendo *Não pense. Apenas FAÇA!*

Abri a tranca, depois a portinhola que protegia a caixa do alarme e encostei o dedo na pequena alavanca branca que tinha lá dentro. Era o que eu chamaria de caminho sem volta. A minha missão, se eu decidisse aceitá-la e tudo mais.

Mas... será que eu estava maluco? Será que eu era completamente doido de achar que conseguiria aprontar essa?

*Sim*, repeti para mim mesmo. *Você é.*

*Certo*, pensei. Só queria conferir.



E puxei a alavanca do alarme.

24



## CAOS

Não sei como o alarme soava no ginásio, mas naquela escada parecia ter uns 10 mil decibéis: *uón-UÓN! uón-UÓN! uón-UÓN!* Tapei os ouvidos e voltei correndo para o banheiro.

A ideia era chegar lá antes que os professores tivessem tempo de colocar todos os alunos em fila para sair. Então eu poderia sair também, sem chamar a atenção, e me misturar à multidão.

Acontece que nem precisei executar o meu plano. Quando me aproximei do ginásio, todo mundo já estava correndo em todas as direções possíveis. Acho que a professora Ida ainda não tinha chegado à parte que dizia o que fazer se o alarme de incêndio soasse (Seção 11). Aliás, ainda dava para escutá-la falando ao microfone no ginásio.

– Fiquem calmos! Façam fila com os seus professores e sigam calmamente até a saída mais próxima.

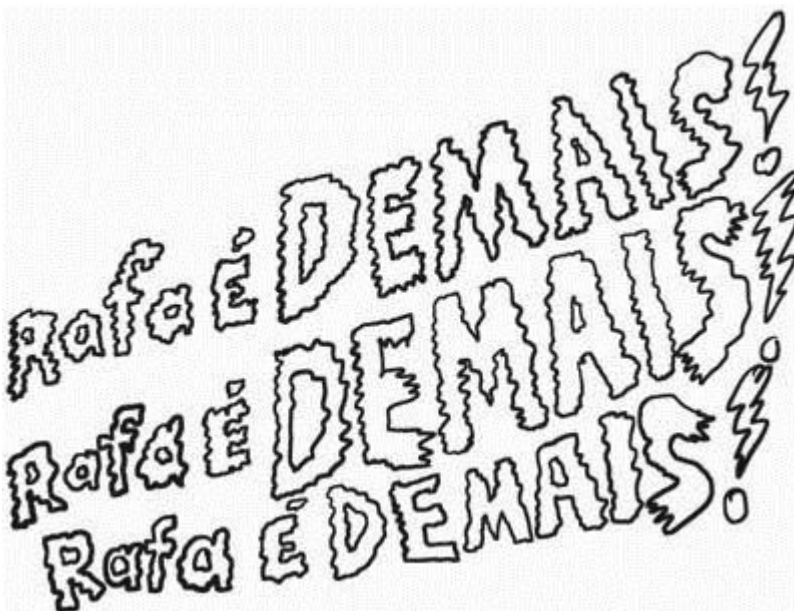
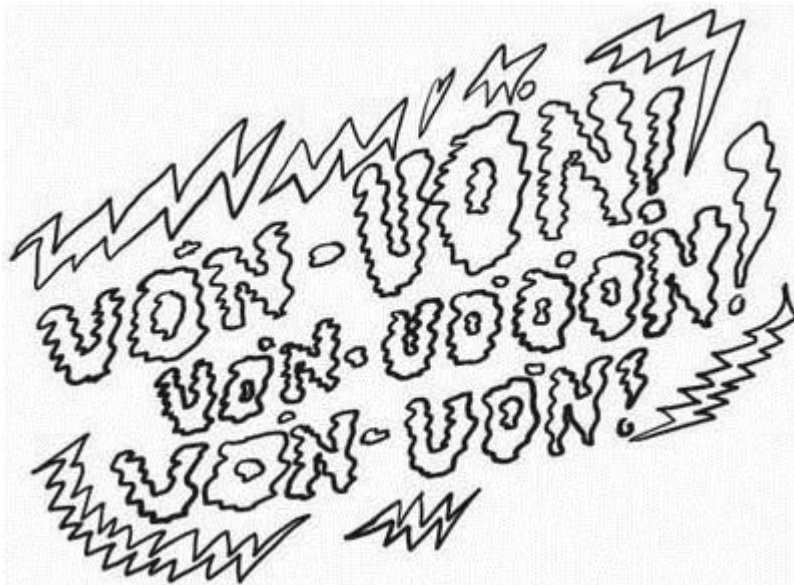
Não sei com quem ela estava falando. Parecia que a escola toda já estava ali fora, no corredor. E no estacionamento. E no campo de futebol. E nas quadras de basquete.

Não dava para acreditar que aquilo tudo estava acontecendo por minha causa!

Eu me senti um pouco culpado, mas foi tipo... fantástico. Para ser sincero, apenas metade dessa frase é verdadeira. Eu sabia que *deveria*, mas não me sentia mal.

Nem um pouco.

Enquanto isso, o alarme de incêndio continuava se esgoelando...



Mas, para mim, o barulho parecia:

Quando encontrei o Leo do lado de fora, ele levantou a mão e me deu um "toca aqui" duplo de parabéns.

– Um é pela execução e o outro é pela ideia – disse ele.

– Não posso ficar com todo o crédito – respondi. – Metade da ideia foi sua.

– É verdade – concordou ele, e deu um “toca aqui” em si mesmo. Então me mostrou seu desenho mais uma vez. – Olha só. Fiz algumas melhorias.

Abri o meu exemplar do *Código de conduta* e fui até a Seção 11, Regra 3: “Os alunos não deverão, sob nenhuma circunstância, mexer nos alarmes de fumaça ou de incêndio.”

Então eu peguei a caneta do Leo e risquei essa regra. Isso também fez com que eu me sentisse muito bem. Uma a menos!





# CAPÍTULO 8



minha casa

No caminho de volta para casa naquele dia, todo mundo no ônibus ficou comentando o meu pequeno exercício de treinamento para incêndios. Foi demais ficar lá sentado, sabendo que todos estavam falando de mim.

Mas como tudo o que é bom dura pouco, não demorou muito para eu descer da condução e entrar em casa.

Apresento-lhe o meu futuro padrasto, conhecido também como a pior parte do meu dia. O nome dele é Carl, mas costumamos chamá-lo de Urso. Dois anos atrás, ele era só mais um cliente da lanchonete em que a minha mãe trabalha. Agora – inexplicavelmente – minha mãe tem uma aliança de noivado no dedo e o Urso mora conosco.

Esse é o Duque, o projeto de cão de guarda do Urso. O Duque sabe tudo sobre “atacar”, mas nem tanto sobre “quieto” ou “para”. Ele geralmente tenta comer a minha cara como lanchinho da tarde.

– Duque, quieto! *Quietto!* – disse o Urso, despertando de sua hibernação.

29

O Urso tirou o Duque de cima de mim e então voltou a desabar no sofá, que já tem o formato do corpo dele.

– E aí, pirralho? Como foi o primeiro dia de aula?

(Ele me trata como pirralho. Preciso mesmo chamar atenção para isso?) – Foi sensacional – respondi. – Eu meio que, bom, meio que



conheci uma garota fantástica e daí disparei o alarme de incêndio durante a reunião dos alunos...

Está bem, não foi isso que eu disse, mas não faria a menor diferença. O Urso não é exatamente um bom ouvinte.

– Aham – respondeu ele, erguendo o braço e se espreguiçando (o que era todo o exercício que ele faria naquele dia). – Você já se inscreveu no time de futebol americano?

– Não... – falei, enquanto pegava dois potinhos de pudim da geladeira e continuava a caminho do meu quarto.

– Posso saber por que não? – gritou ele atrás de mim. – Futebol americano é a única coisa em que você é bom de verdade!

– Não se preocupe, eu não esqueci que sou um fracassado, seu fracassado – resmunguei, disparando pelo corredor.

– VOCÊ POR ACASO ME CHAMOU DE FRACASSADO? – urrou o Urso em resposta.

– Não, falei que *eu* sou um fracassado – disse, batendo a porta do quarto. – Seu fracassado.

Como eu comentei antes: a pior parte do meu dia.

O Urso e minha mãe ficaram noivos no verão, no feriado de 4 de Julho, e ele se mudou para cá. A minha mãe perguntou a mim e à minha irmã, Georgia, o que a gente achava, mas o que poderíamos dizer? “Você vai ficar noiva do cara mais folgado do mundo”? Acho que, de qualquer jeito, ela não teria escutado.

Agora minha mãe estava trabalhando em dois turnos na lanchonete para conseguir nos sustentar e o Urso passava 99% do tempo dele no nosso sofá, levantando-se apenas para ir ao banheiro ou para buscar o cheque do seguro-desemprego.

Resumindo: minha mãe é boa demais para esse sujeito, mas infelizmente nenhum dos dois parece saber disso.

30



## CAPITULO 9

Olha isto!

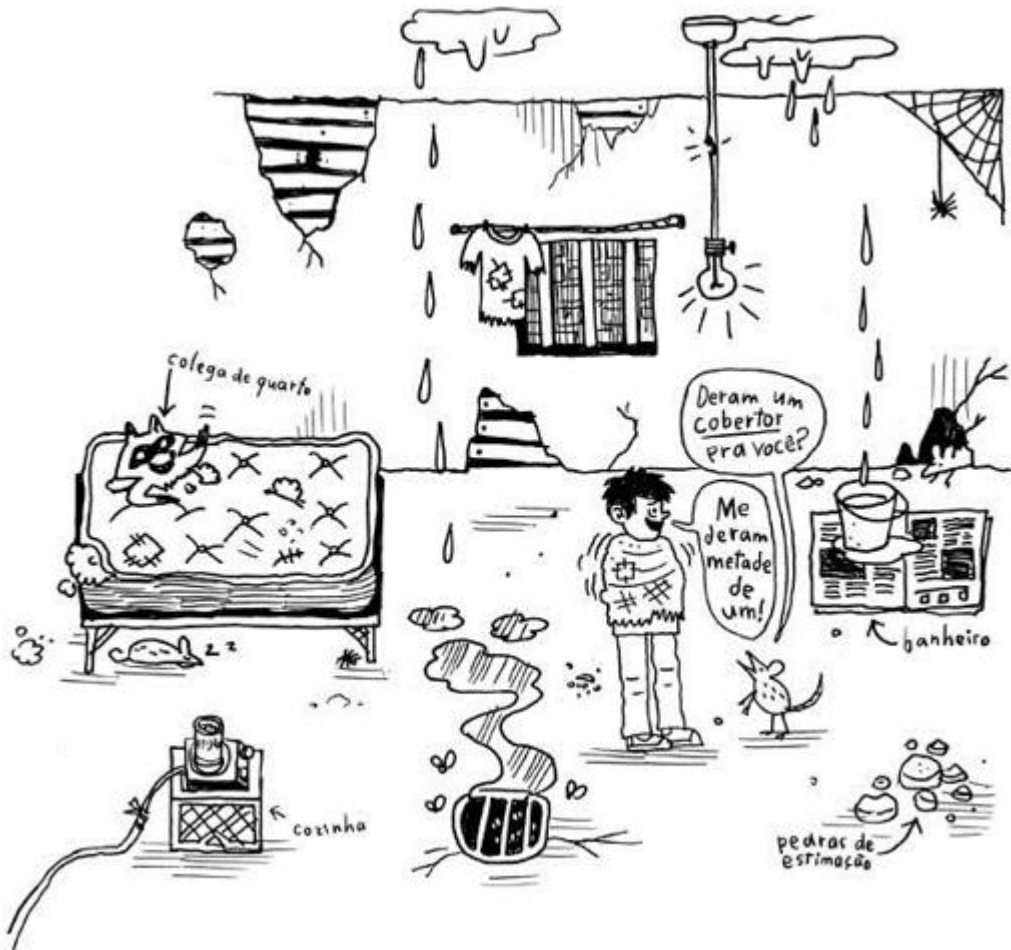
Então, este é o meu quarto. É o único lugar da casa onde eu posso relaxar, ficar sozinho e fazer tudo o que eu quiser. A minha mãe fala que eu faço bagunça demais, mas a verdade é que eu simplesmente tenho COISAS demais.

31





# CAPÍTULO 10



Olha isto!, parte II

Certo, talvez eu tenha exagerado um pouquinho. Na verdade, meu quarto é mais parecido com isto aqui.

(Estou só brincando. Mais ou menos...)

34



Georgia me dá nos nervos

Uns 12 segundos depois, Georgia veio bater na porta do meu quarto. Ela sabia que era melhor não sair entrando sem avisar. Pelo menos isso ela já tinha aprendido.

– Pode entrar!

Ela entrou e fechou a porta atrás de si.

– O que houve? Por que ele estava gritando daquele jeito? Você se meteu em alguma confusão? – perguntou ela.

Para o caso de você querer saber, Georgia tem 9 anos e meio, está no quarto ano e se mete em 100% dos assuntos dos outros.

– Sai daqui – falei.

Eu tinha trabalho a fazer. Uma missão a planejar. Além do mais, desde quando eu preciso de desculpa para NÃO querer a minha irmã

por perto?

– Me conta! Por favor! – implorou ela.

– Pronto, toma. – Dei a ela um dos potinhos de pudim. – Ele me mandou comer pudim, está bem? Agora, sai daqui.

Ela me lançou um olhar do tipo “Eu não sou idiota, mas tudo bem, aceito o seu potinho de pudim” e não fez mais nenhuma pergunta.

Na maior parte do tempo não suporto a Georgia, mas também não queria que ela ficasse no meio de nenhuma briga entre mim e o Urso. Afinal de contas, ela continuava sendo a caçula da família.

– Rafa?

– *O que foi?*

– Obrigada pelo potinho de pudim.

– De nada. Agora fecha a porta... depois de sair – falei, virando-me de costas como se não esperasse nada além de sua obediência. Alguns segundos depois, ouvi quando ela foi embora.

35

Finalmente um pouco de paz e sossego! Agora eu podia começar a trabalhar e realmente decidir qual seria o próximo passo da minha missão.

36



## CAPÍTULO 12

Então isso é estar motivado!

Em primeiro lugar, o plano precisava de um nome. Pensei um pouco sobre o assunto e escolhi Operação R.A.F.A., que significa:



Regras

Atrapalham a

Felicidade

Alheia

Eu seria o primeiro garoto da história a cumprir a Operação R.A.F.A., mas não o último. Algum dia poderia haver um jogo de videogame da Operação R.A.F.A., bonecos de Rafa Khatchadorian (tudo bem, e daí que este não é o melhor dos nomes para um herói de ação?), uma versão para o cinema (estrelando eu!) e um parque de diversões temático chamado Mundo R.A.F.A., com 16 montanhas-russas e sem altura mínima para entrar nos brinquedos. A coisa toda (R.A.F.A.

Empreendimentos) me tornaria o milio-bilio-trilionário mais jovem do mundo – ou talvez algum tipo de “nário” que ainda nem existe. E eu iria pagar alguém para ir à escola no meu lugar.

37



Mas, antes disso, eu ainda tinha que acabar de inventar tudo.

Resolvi que cada regra do *Código de conduta da Escola Municipal de Hills Village* deveria valer pontos, dependendo do grau de dificuldade para que fosse quebrada.

Claro que isso significava que eu podia me dar muito mal, então decidi fazer com que isso também valesse alguns pontos. E haveria pontos extras para coisas como fazer todo mundo dar muita risada ou conseguir que a Jeanne Galletta visse o que eu tinha feito. Isso aí!

Anotei tudo em uma tabela bem grande, num dos cadernos com espiral que a minha mãe tinha comprado para o meu material escolar. (O que tem de errado nisso? Aquilo *era* para a escola.)

Isso foi só uma parte. Ainda tem mais uma TONELADA de regras no *Código de conduta* além dessas (112, para ser exato), mas assim já dá para ter uma ideia.

# OPERAÇÃO: R.A.F.A.

**INICIANTE** (sem planejamento, risco baixo/nenhum)

REGRA	PONTOS	Testemunhas obrigatórias
Conversar na aula	10.000	4
Correr pelo corredor	10.000	4
Chegar atrasado	10.000	4
Mascar chiclete	5.000	4
Portar eletrônicos	7.500	4

**INTERMEDIÁRIO** (um pouco de planejamento e/ou um pouco de risco!)

REGRA	P-P-P-PONTOS!	Testemunhas obrigatórias
Brigar	25.000	4
Faltar a aula	20.000	4
Usar vestuário um pouco errado	10.000	4
Usar vestuário MUITO errado	20.000	4
Falar palavrão/xingar	20.000	4

**AVANÇADO** (alto planejamento E/OU ALTO fator de risco)

REGRA	PONTOS	
Destruir propriedade da escola	35.000	
Disparar alarme de incêndio	50.000	<b>FEITO!!</b>
Roubar coisas da escola	40.000	

**PONTOS EXTRAS**

POR QUÊ?	PONTOS	OBSERVAÇÕES
Jeanne G. viu	5.000 - INFINITO	5.000 a 1ª vez 10.000 na 2ª vez etc...
Fiz todo mundo dar risada	2.000 - 10.000	depende do número de pessoas
Fui para a coordenação	20.000	CUIDADO Com a IDA!
Fui para a diretoria	30.000	PERIGO-DAVID!
<b>CASTIGO!</b>	50.000	ATENÇÃO! <del>Donatella!</del>
Conseguir escapar de ser mandado para a coordenação, para a diretoria ou para o castigo	<u>100.000</u>	Eu sou o CARA!

Depois que terminei de escrever, comecei a pensar que talvez essa história toda precisasse de um desfecho grandioso. Tipo, se a Operação R.A.F.A. fosse mesmo capaz de me ajudar a suportar o sexto ano, então eu devia ter algo grande... não, ENORME, como um tipo de desafio final, antes de passar para a próxima fase (que era o sétimo ano).

Eu ia pedir que o Leo me ajudasse a escolher qual seria a última parte da missão, que valeria meio milhão de pontos – muito mais que qualquer outra.

Tinha que ser algo que todo mundo na escola visse e lembrasse durante muito tempo, mesmo depois que eu não estivesse mais lá. Mas também tinha que ser muito arriscado. Eu teria que *merecer* aquele monte de pontos.

39

Eu ainda não fazia ideia de como conseguiria executar todo o plano, mas isso era o que menos importava. Eu mal podia esperar até planejar tudo. Aliás – e, por favor, não diga a ninguém que eu falei isto –, pela primeira vez na vida, eu realmente estava ansioso para voltar à escola.

40





Com a corda toda

Na manhã seguinte, minha mãe preparou dois pratos de ovos mexidos – um para mim e o outro para Georgia – e se sentou para observar enquanto a gente comia.

Ela adora ficar olhando enquanto a gente come, e eu realmente não entendo isso.

Ela trabalha numa lanchonete! Passa o dia inteiro vendo as pessoas comerem.

– Vocês dois estavam dormindo quando cheguei em casa ontem à noite – falou ela. – Estou louca para saber sobre o primeiro dia de aula. Contem tudo!

Eu queria responder “Defina *tudo*”, mas isso seria a mesma coisa que colocar um aviso na testa dizendo que eu estava escondendo algo.

O negócio é que eu não gosto de mentir para a minha mãe. Quer dizer, se precisar eu minto, mas ela já tem coisas demais com que se preocupar. Então, em vez disso, enfiei meia fatia de torrada e uma garfada enorme de ovo mexido na boca e comecei a mastigar o mais devagar possível.

Com isso, Georgia teve que falar primeiro. Sorte a minha, porque ela fala muito.

Tipo MUITO mesmo. Se a minha mãe não tivesse interrompido, eu talvez conseguisse sair sem dizer nenhuma palavra.

– E você, Rafa? – perguntou ela, quando Georgia finalmente deu um tempo. – O

que está achando do sexto ano até agora?

– Ah – respondi –, não é tão ruim quanto eu achei que seria.

Como diz o Leo, não contar toda a verdade não é a mesma coisa que mentir.

Minha mãe arregalou os olhos, como se estivesse nascendo uma segunda cabeça em mim ou algo assim.

– Quem é você e cadê o meu filho Rafa? – brincou ela.

– Não estou dizendo que eu adorei...

– Não, mas me parece um bom começo. Estou muito orgulhosa, querido. Você deve estar fazendo alguma coisa certa. Seja lá o que for, continue.

– Ah, vou continuar, sim – falei, antes de enfiar mais um pouco de ovo mexido na minha boca grande.

41



As regras foram feitas

para serem quebradas

Os dias que se seguiram não tiveram nada de mais. Eu não seria capaz de superar o sucesso do alarme de incêndio na segunda-feira, então nem tentei. Só me concentrei em algumas tarefas do nível iniciante para não deixar as coisas perderem o ritmo.

Na terça-feira, masquei chiclete na sala de aula e o professor Rick me mandou jogar no lixo (5.000 pontos).

Na quarta, fiquei correndo pelo corredor na frente da secretaria até o diretor David me repreender: “Mais devagar aí, mocinho” (10.000 pontos).

Na quinta, estava na biblioteca e tirei uma barra de chocolate da mochila. A dona Leda, que tem uns 180 anos, me mandou guardá-la (5.000 pontos). Eu até dei uma mordida antes de obedecer, mas ela não reparou (nada de bônus).

Na sexta fiquei sentindo um vazio... Apenas desrespeitar as regras por si só não seria suficiente. Eu precisava de mais. Tinha que dar uma turbinada na minha atuação.

Eu precisava... (espere um pouquinho)... *Leonardi-zar!*

Encontrei o Leo em frente ao meu armário, logo antes da aula de inglês do último tempo. E é claro que ele soube na hora o que era preciso fazer. Ele sempre sabe.

– Você só está enrolando – disse ele. – Se quer mesmo engrenar no jogo, precisa jogar *de verdade*. Por isso, vou mudar as coisas um pouquinho.

– Você? – perguntei. – E desde quando as decisões são suas?

– Desde que eu dei a metade da ideia – respondeu. – Vou explicar como vai ser.

São 14h26. Isso significa que faltam 49 minutos para a aula terminar. Esse é o tempo que você tem para conquistar mais 30.000 pontos.

– *Trinta mil?!* – exclamei. Isso era mais do que eu tinha ganhado nos últimos três dias.

– É. Senão, você perde uma vida.

42

– Espere um segundo. – Ele estava indo rápido demais, mesmo para o Leo. – Eu tenho... vidas?

– Claro – respondeu, como se fosse óbvio. – Três, para ser exato.

– E o que acontece se... – Eu nem queria pronunciar aquelas palavras. – O que acontece se eu perder as três vidas?

– Daí você vai ser o maior fracassado e não vai conseguir terminar o jogo. E o resto do ano será tão divertido quanto uma diarreia eterna...

– Ah – falei, dando um suspiro. – Então vai ser assim, é?

Leo deu de ombros.

– O jogo não pode perder a graça.

Este é um dos talentos do Leo: ele sabe manter as coisas interessantes. Quer dizer, não é só porque ele diz alguma coisa que eu tenho que obedecer. Mas o que você iria preferir: fazer uma brincadeira sozinho ou com o seu melhor amigo?

É, foi o que eu pensei.

– Certo, está valendo!

Ergui os olhos para o relógio bem quando o sinal do último tempo começou a tocar.

– Faltam 48 minutos e o tempo está passando – disse Leo. – É melhor você andar logo.

43



Certo e errado

Cheguei à aula de inglês faltando 47 minutos e meio para o tempo acabar. O

ponteiro do relógio avançava... e minha vida estava em perigo! (Uma delas, pelo menos.)

Depois da chamada, a professora Donatella anunciou que iríamos ler em voz alta partes de *Romeu e Julieta*, uma das obras do Sr. William Shakespeare. Para mim, ele é famoso mesmo é por ter escrito as peças mais chatas na história do Universo.

– Isto aqui é um pouco avançado – disse ela. – Mas acho que vocês darão conta.

É óbvio que ela não sabe absolutamente nada a meu respeito.

Allison Prouty, que levanta a mão para *tudo*, ajudou a distribuir os textos enquanto a professora nos dizia qual era o papel de cada um. Quando chegou a minha vez, ela falou:

– Rafa, acho que você daria um ótimo Páris.

Todo mundo na turma começou a rir bem na minha cara.

– Páris? – perguntei. – Por que eu tenho que fazer o papel de uma menina?

– Páris é um menino – respondeu ela. – Ele é o noivo escolhido pelo Sr. Capuleto para Julieta.

– Ah, bom, mas mesmo assim... Ele provavelmente usa aquela calça apertadinha – falei, mas a professora me ignorou.

– Prestem atenção à linguagem enquanto nós lemos – continuou ela. – Reparem que cada verso tem 10 sílabas. Observem as rimas

sutis. Isso não é fácil de fazer.

Ninguém escreveu como Shakespeare. Ninguém!

E eu pensei: “*Hummm*. Ideia se formando, por favor, aguarde.”

– Vamos começar – disse ela. – “Primeiro Ato, Cena Um.”

Acontece que esse tal de Páris (ele era mesmo homem) só aparece na página 12.

Isso era bom. Assim eu teria algum tempo para pensar na minha ideia. A 44

professora deve ter achado que eu estava fazendo anotações como a Jeanne Galletta e os outros nerds, mas na verdade eu só queria saber daqueles 30.000

pontos.

*Dez sílabas por linha? Confere!*

*Rimas? Confere!*

Quando chegamos à minha parte, só faltavam uns dois minutos para o fim da aula, mas eu estava pronto.

– “Primeiro Ato, Cena Dois. O Sr. Capuleto e Páris entram.”

Jason Rice era o Sr. Capuleto, e a primeira fala era dele. Era algo do tipo: “Tanto eu como Montéquio recebemos igual penalidade...” e blá, blá, blá. “Como velhos em paz viver não nos será difícil...” e blá, blá, blá. (Eu disse que era a maior chatice...) Agora era a minha vez. Eu coloquei o papel por cima do texto e abaixei os olhos, como se estivesse lendo no lugar certo. Então, bem alto e com muita clareza, comecei:

– “Licença, senhor, seu pé tem cocô.”



– Rafa! – gritou a professora, mas não tão alto quanto as risadas de todo mundo, então eu prossegui.

**“É feia sua mulher. Sua filha, um cão.**

**Mais feias que elas, só seu avô:**

**Orelha de abano e um cabeção.”**

Foi até onde cheguei antes de Donatella, a Mulher-Dragão, arrancar a página da minha mão.



Eu sabia que tinha me metido em encrenca, mas vou dizer o seguinte: valeu muito a pena! Todo mundo – menos a professora – continuava dando risada, inclusive a Jeanne Galletta.

*Valeu!*

E o melhor era que ninguém mais estava rindo *de* mim. Agora, todos estavam rindo *junto* comigo. Isso fazia toda a diferença! Tipo noite e dia, preto e branco...

Ou, nesse caso, perder e ganhar.

46

## CAPÍTULO 16



Pisando em ovos

A professora Donatella nem precisou me mandar ficar depois da aula. Aquilo já estava implícito. Quando todo mundo saiu, ela me deu o maior sermão.

– O que foi aquilo, Rafa?

– Nada – respondi.

– Não foi “nada”. Em primeiro lugar, deixe-me dizer que reparei que você manteve a métrica e a rima de Shakespeare no que escreveu...

– Obrigado! – falei.

– ...mas seu comportamento foi totalmente inaceitável. Há muitas maneiras mais produtivas de usar sua criatividade, e acho que você sabe disso.

Eu assenti com a cabeça enquanto ela falava. Parecia ser a coisa certa a fazer.

47

Usar linguagem feia ou inapropriada em qualquer situação	20.000
Bônus: GARGALHADAS extras	10.000
Bônus: Jeanne G. viu	5.000

– Vou lhe dar apenas uma advertência desta vez – informou –, mas você está pisando em ovos. Entendeu?

Sim, sim, sim, sim...

Eu não ouvi muito do que ela disse. A única coisa em que eu conseguia pensar era o seguinte:

Isso significava que eram 35.000 pontos naquele dia. Eu havia aceitado o desafio do Leo e superado a meta. Melhor ainda: tinha absoluta certeza de que a Jeanne Galletta sabia da minha existência. Isso é que eu chamo de progresso!

Quando estava saindo, a professora Donatella ainda falou:

– Espero que você tenha aprendido uma lição, Rafa.

– Com toda a certeza – assenti. – Uma ótima lição.

E a lição era a seguinte: havia duas maneiras de executar a Operação R.A.F.A., a maneira chata e a maneira do Leo.

Ah, e eu também aprendi que Leo Caladão é um gênio.

48





Nova regra

Quando cheguei em casa fui direto para o meu quarto com o Leo e começamos a anotar tudo o que tinha acontecido até o momento no meu caderno da Operação R.A.F.A. (as regras que eu tinha quebrado e os pontos que eu tinha ganhado), e até fizemos alguns desenhos para documentar tudo.

Nós estávamos lá nos divertindo, cuidando da nossa própria vida, quando ouvi o Urso começar a urrar na outra ponta do corredor.

– O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? – gritou ele.

Então ouvi Georgia responder:

– Nada. Eu só queria...

– Eu estou assistindo! Não mude de canal.

– Mas você estava dormindo!

– Não quero saber de “mas”! – berrou ele. – Você pode assistir ao jogo comigo ou pode sair daqui. O que vai ser?

Um segundo depois escutei passos e então a porta do quarto da Georgia batendo.

Eu *odiava* quando ele gritava com ela desse jeito, mais ainda do que quando era comigo. Ela é só uma menininha e ele... bom, ele também não deixa de ser um menininho, mas o maior e mais malvado menininho que já se viu.

– Vai gritar com alguém do seu tamanho! – berrei no corredor.

– Cuide da sua vida – retrucou o Urso, e aumentou o volume da TV.

Não adiantava nem tentar discutir.

– Sabe de uma coisa? – disse o Leo assim que eu fechei a porta do quarto. – A gente precisa de uma regra nova.

– Eu estava pensando a mesma coisa agorinha – respondi. – Ninguém pode se prejudicar com a minha execução da Operação R.A.F.A.

49

REGRA DO RAFA DE NÃO PREJUDICAR NINGUÉM:  
Ninguém se prejudica. Todos os riscos  
são meus, e só meus. SEM EXCEÇÃO.

– Principalmente crianças pequenas – completou Leo.

Eu concordei. Quer dizer, se o Miller Matador sem querer caísse no triturador de papel, eu não ia chorar. Mas fora isso...

– Vamos chamar de Regra Não Faça Como o Urso – sugeriu ele.

– Que tal só Regra de Não Prejudicar Ninguém? – propus.

– Tudo bem – disse Leo.

Não estou dizendo que eu seja algum tipo de santo. Nem estou dizendo que isso faça de mim uma pessoa melhor, seja lá o que isso signifique. (Ainda estou tentando entender o que é isso.) Mas se incluir a Regra de Não Prejudicar Ninguém puder fazer com que eu seja ainda menos parecido com o Urso, então estou mais do que dentro.



Porque o Urso vive prejudicando as pessoas.

50



Os professores

querem me dobrar,

mas eu não me rendo

Sabe aquelas histórias de vampiro em que o novato não quer beber o sangue de ninguém... até experimentar? E, a partir daí, ele só consegue pensar em sangue, sangue, SANGUE?

Certo, talvez esse não seja um bom exemplo.

O negócio é o seguinte: agora que eu já sabia jogar de verdade, estava começando a gostar. Passei as duas semanas seguintes só aprimorando a minha técnica. Leo começou a me dar pontos extras por criatividade e me ajudou a me manter motivado. Mas ele não foi o único.

Este pode ser um bom momento para apresentar a você algumas das outras pessoas da Prisão Hills Village que me "motivaram" a ter o melhor desempenho possível na Operação R.A.F.A. Dê uma olhada:

Estas são as atendentes do refeitório. Eu as chamo de Millie, Billie e Tilly. Acho que elas fazem parte de um programa governamental para, de almoço em almoço, se livrar dos alunos do ensino fundamental neste país.



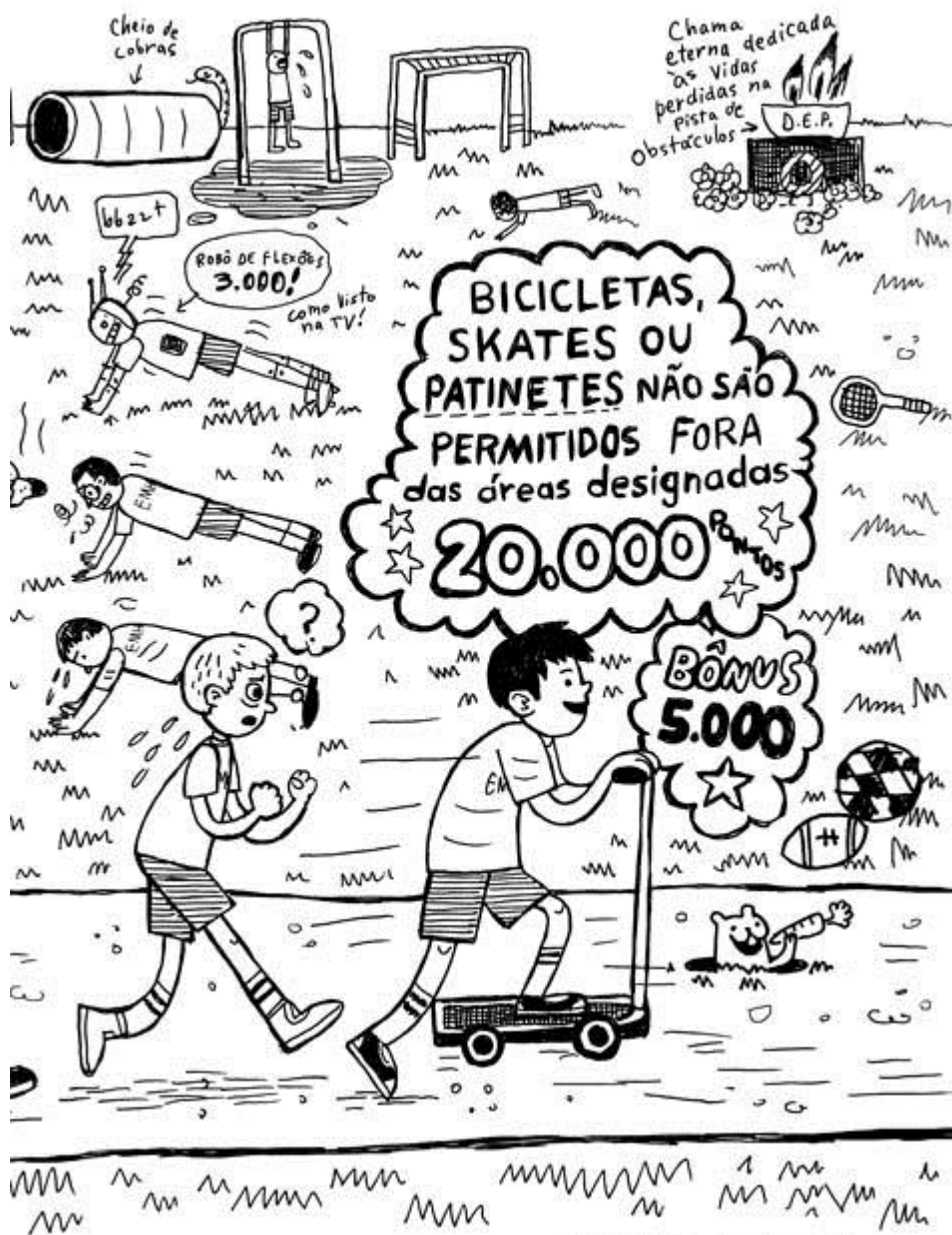






O professor Lauro dá aula de educação física, e não é brincadeira quando eu digo que ninguém avisou a ele que não está mais no exército.





Esse último superou todos os outros. O professor Lauro não achou graça nenhuma do meu patinete na pista de corrida. (Claro! Ele teve o senso de humor removido cirurgicamente em 1985.) E me mandou fazer 30 flexões, dar duas voltas extras e... tchã-rã!... me deu o meu primeiro castigo.



Quer dizer, não é que eu *quisesse* ficar de castigo, mas agora pelo menos eu tinha tirado alguma coisa boa da aula de educação física.

57

50.000  
★ PONTOS!!  
CARA!

Acho que posso dizer que eu estava com tudo. Mesmo quando cheguei em casa continuei com sorte. Na secretária eletrônica havia uma mensagem da professora Ida pedindo que a minha mãe ligasse para a escola – mas essa não foi a parte da sorte (dãã). Sorte foi eu ter ouvido o recado primeiro. Sem querer querendo, acabei apertando o botão de APAGAR.

Minha mãe estava no trabalho, o Urso tirava uma soneca e Georgia, até onde eu sei, se empenhava em cavar um buraco para chegar à Austrália. Desde que ninguém tivesse instalado alguma câmera secreta pela casa (ei, nunca se sabe!), daria tudo certo.

58

**CAPÍTULO 19**

Torta de maçã e canela

Era uma típica noite de sexta-feira.

Minha mãe só chegaria em casa mais tarde, e às nove tanto a Georgia quanto o Urso já estavam dormindo (Georgia porque é pequena, e o Urso porque fica muito cansado depois de um dia inteiro sem fazer nada).

Eu tenho permissão para ficar acordado até tarde nos fins de semana, e como a Jeanne Galletta não estava exatamente implorando para eu sair com ela (ainda!), fiquei fazendo o que costumo fazer nas sextas à noite.

Primeiro peguei um pedaço de queijo suíço na geladeira. Então fui até algum lugar onde o Duque pudesse me ver e segurei a guloseima no ar, mas não muito perto dele.

– Duque! Aqui, garoto!

Assim que ele veio pegar, corri até o banheiro e joguei o queijo lá dentro. Já fiz isso mais ou menos um milhão de vezes, mas o Duque sempre cai. Ele atacou o queijo como se fosse a última refeição da Terra e eu simplesmente fechei a porta e me afastei. Problema resolvido.

Então fui até a garagem e roubei uma latinha de energético do esconderijo não-tão-secreto do Urso. Ele tem caixas e mais caixas, e nunca repara se estão faltando algumas latas.

Parece que esse negócio tem o equivalente a umas oito xícaras de cafeína em cada lata, mas o Urso passa tanto tempo dormindo que eu nunca saberia disso se não tivesse lido o rótulo. Normalmente eu despejo o líquido num copo disfarçado, para o Urso não ver o que é caso acorde.

Depois disso veio a parte perigosa de verdade. Fui na ponta dos pés até o sofá onde o Urso dormia e tirei os dedos dele do controle remoto, um por um. Então, *com muito cuidado*, peguei o controle da mão dele. É mais ou menos como desarmar uma bomba: se algo der errado, acontece uma grande explosão e já era.

Mas, se não... beleza! É o único momento em que consigo assistir ao programa que eu quiser.

59



Dei uma olhada nos canais e encontrei um filme bem legal, sobre um cara tentando fugir de uma prisão numa ilha com uma jangada feita de cocos. Eu queria muito ver quando ele conseguiria, mas acho que caí no sono. Quando dei por mim, minha mãe estava me acordando e o filme já tinha acabado.

– Rafa, querido? Está na hora de ir para a cama.

Dava para sentir o odor de torta de maçã e canela no uniforme dela. Minha mãe sempre tem esse cheiro quando volta da lanchonete. Às vezes eu dou sorte e ganho um pedaço de torta no café da manhã do dia seguinte.

Ela colocou o braço ao redor dos meus ombros e foi comigo até o quarto.

– Como foi o seu dia? – perguntou ela.

– Acima da média – respondi (e era verdade).

– Você parece diferente ultimamente – disse ela. – Mais feliz. É bom de ver.

Eu não sabia o que dizer, por isso só agradei.

Então ela ficou com aquela expressão no rosto de quem estava tentando adivinhar o que eu estava pensando.

– E, Rafa, você não tem falado com o Leo ultimamente, não é?

Ai, ai. Por essa eu não esperava.

O Leo é um assunto delicado lá em casa. Essa foi a primeira vez em muito tempo que eu senti a necessidade de contar uma mentira completa para a minha mãe, então simplesmente fiz que não com a cabeça. De algum modo isso parecia melhor do que mentir em voz alta.

60

Minha mãe pareceu aliviada (e foi exatamente por isso que menti, para ela não se preocupar).

– Certo – disse ela. – Lembre-se, se você em algum momento precisar conversar sobre qualquer coisa...

– Eu sei, mãe. Obrigado – respondi.

Ela me deu um abraço e um beijo de boa-noite. Eu já estou ficando um pouco velho para isso, mas não me incomodei muito. Gosto mesmo daquele cheiro de canela.

61

## CAPÍTULO 20



Miller Matador arruína

o dia do castigo

Minha sorte durou quatro dias, 15 horas e (aproximadamente) 22 minutos.

Era quarta-feira, logo depois da aula, e eu estava a caminho do meu primeiro castigo. Todo mundo já tinha ido embora, então o corredor estava praticamente vazio. Resolvi parar para beber água, mas, apesar de não *parecer* nada de mais, isso foi um grande erro...

Eu mal tinha dado o primeiro gole quando senti a pata tamanho GGG do Miller na minha nuca. De repente meu rosto estava sendo esfregado no fundo do bebedouro e eu me esforçava para não engolir o chiclete que alguém tinha cuspidado ali.

– Ora, ora – disse ele. – Olha só quem está aqui.

62

Ele me puxou para cima, bateu com as minhas costas contra a parede e chegou bem pertinho do meu rosto. Dava para ver os pedacinhos de biscoito grudados nos dentes dele.

– Parece que você está conquistando uma bela reputação por aqui – rosnou. – Qual é a sua, hein?

– Não sei do que você está falando – respondi.

A essa altura, meu coração estava tentando quebrar algum recorde mundial de velocidade. Eu queria bater no cara, mas não precisa ser nenhum gênio para saber que 1,70m e 70 quilos ganham de 1,55m e 45 quilos 100% das vezes. Miller poderia me virar do avesso antes mesmo que eu desse o primeiro soco.

– Escuta aqui. – Ele torceu a minha camisa com o punho fechado. – Você quer provar que é o cara mais durão da escola? É isso?

– Não estou tentando provar nada – falei.

– Tarde demais – cuspiu ele, dando um passo para trás. – Você e eu. Lá fora.

Agora.

– Hum...

Ele colocou o dedo no meu rosto.

– Um.

– HUUUUUM...

E mais um dedo.

– Dois.

Foi então que eu me lembrei...

– Não posso! – exclamei.

– Por que não? – perguntou Miller. – Está com medinho, é?

– Não. Estou de castigo!

Avistei um espaço e aproveitei para fugir, passando bem por baixo do braço dele e disparando pelo corredor.

– *Castigo?* – Ouvi-o dizer. – É exatamente disso que eu estou falando... Estou de olho em você, Khatchadorian! É melhor ficar ligado! Você pode correr...

E eu estava correndo mesmo, direto para a sala da professora Donatella.

– ...mas não pode se esconder! – gritou Miller.

E ele provavelmente tinha razão. A menos que a Hills Village tivesse um programa de proteção à testemunha, eu já estava morto.

63

Cara, como eu odiava o Miller.

64



Mais notícias ruins

Leo me alcançou pouco antes de eu entrar no castigo. Ele tinha visto tudo.

– Tenho más notícias – disse ele.

– Acabei de ter um encontro com as más notícias – respondi.

– Bom, tem mais. Você também acabou de perder uma vida. Desculpe, amigo.

Eu fiquei ali parado, bem no meio do corredor.



– O quê? Não tem como. Do que você está falando?

– Você amarelou com o Miller.

– É, bom... eu não estava a fim de doar sangue hoje.

Leo deu de ombros.

– Valeria muitos pontos. “Seção 9, Regra 11: Os alunos não deverão implicar com os outros ou provocar brigas nas dependências da escola.”

– Não é justo – argumentei. – Só porque eu não briguei com ele não significa que eu devo perder uma vida! Você nunca disse...

– Eu falei que ia manter as coisas interessantes – retrucou Leo. – Você tem a sua função e eu tenho a minha.

– Que seja... – respondi, voltando a caminhar. – Mas eu não perdi vida nenhuma.

– Perdeu, sim! – gritou ele atrás de mim.

Claro que eu sabia que ele tinha razão.

Aquilo era inacreditável. Primeiro o Miller quase me transformou em picadinho, depois o Leo tirou uma das únicas três vidas que eu tinha. Será que dava para esse dia ficar ainda pior?



66

## **CAPÍTULO 22**

E, ainda por cima...

Eu achei que no castigo estaríamos eu, a professora Donatella e qualquer outro aluno que tivesse se metido em confusão naquela semana, mas, quando cheguei à sala, ela estava lá sentada, sozinha.

– Você está atrasado – disse ela.

– Cadê todo mundo? – perguntei.

– Eu pedi à professora Ida que dispensasse os outros alunos do castigo de hoje.

Queria conversar com você a sós.

Perigo!

Perigo!

Perigo!

Caso você ainda não saiba, quando um adulto diz que “quer conversar”, isso na verdade significa que ele quer que  *você fale* – e apenas sobre os assuntos dos quais  *você não quer falar*, é claro.

Em outras palavras, a Mulher-Dragão havia preparado a armadilha e eu tinha caído direitinho.



– Sente-se – diz ela.

– Não – disparo. – Sente-se VOCÊ!

E minha espada brilha no ar quando eu a desembainho.

Os olhos da Mulher-Dragão ficam amarelos. Um longo jorro de fogo sai das narinas dela. Mergulho para trás de uma mesa em chamas, rolo e volto a ficar de pé em um salto.

Seu rabo vem chicoteando na minha direção e, logo antes de me atingir, corto fora a ponta dele com a minha espada. Um sangue verde espirra no meu rosto. Ela urra de dor.

– Desista! – grito na direção da fera.

Dá para ver o medo naqueles olhos amarelos.

Mas ela está fingindo! Ataca mais uma vez – com as asas abertas, as garras em riste e o rabo afiado como navalha ainda tentando me acertar.

Agora as chamas estão em todo lugar. A sala está pegando fogo e o calor é intenso. Posso sentir minha pele queimar, mas continuo brandindo minha espada.

Um-dois! Um-dois! Um-dois! Meus tênis estão derretendo e está ficando cada vez mais difícil me mexer.

68



Finalmente consigo encurralá-la. Ergo a minha espada bem alto, pronto para desferir o golpe final, mas suas asas voltam a se abrir e ela voa em direção ao teto.

Ela fica esvoaçando lá em cima, fora do meu alcance. Tento desferir mais alguns golpes, mas é inútil. Lá do alto, o rabo dela também não pode me atingir. Estou começando a pensar que isso pode se estender noite adentro quando...

TRIIIM!

E assim, sem mais nem menos, meu primeiro castigo terminou.

– Estou decepcionada com você, Rafa – disse a professora Donatella. – Você tem tanto potencial...

– Preciso pegar o ônibus – falei. – Posso ir embora agora?

Ela soltou um suspiro e acenou para que eu saísse da sala.

Eu tinha escapado dessa vez, mas, como no caso do Miller, não sabia muito bem por quanto tempo ainda conseguiria evitar a Mulher-Dragão.

69





Afinal, de que adianta?

–Então, o que eu vou ganhar?

Leo e eu estávamos no meu quarto contando tudo o que eu tinha feito até o momento.

– Ganhar? – perguntou ele.

– Por todos esses pontos. Eles têm que valer alguma coisa, certo? O que eu vou receber?

– Depende de quantos pontos você tiver no final – respondeu Leo. – Você precisa de pelo menos um milhão.

– Para quê?

70



Ele pensou por um instante.

– Uma semana voando de parapente no Grand Canyon, com todas as despesas pagas.

– Vou precisar de treinamento – falei.

– Sem problemas. Vamos providenciar o melhor para você.

Gostei disso. Para começar, pelo menos.

– E depois descemos as corredeiras de bote – acrescentei. – Dá para descer o rio Colorado inteiro.



– E escalamos o cânion – disse Leo –, onde sua caminhonete e a sua carteira de motorista falsa estarão à sua espera.

– Beleza!

Leo ficou desenhando enquanto a gente conversava. Nenhuma novidade... ele passa o tempo todo desenhando mesmo.

– E a Jeanne Galletta? – perguntei. – Inclua ela nos nossos planos também.

– Para isso você vai precisar de mais 200 mil pontos. E eu posso colocar o Urso também... sabe como é, assim ele pode se perder no mato e ser adotado por ursos de verdade.

Aquilo estava ficando cada vez mais divertido.

71

– É melhor que ele seja *devorado* por ursos de verdade.

Mas o Leo balançou a cabeça.

– Ninguém pode se prejudicar, lembra? Já está anotado aqui.

– A gente pode abrir uma exceção – argumentei.

– Nada de exceções – respondeu Leo. – Além do mais, você precisa da Regra de Não Prejudicar Ninguém. É a única parte de tudo isso de que a Jeanne Galletta vai gostar.

É por isso que o Leo é um gênio. Ele pensa em todos os detalhes.

– Sabe – falei –, você devia tentar conversar com outras pessoas de vez em quando. Elas iam gostar.

Mas ele não respondeu. Leo Caladão ficou caladinho, e foi aí que eu percebi que tinha alguém do lado de fora do meu quarto.

– Rafa? Você está aí?

Era a minha mãe.

– Só um segundo! – gritei.

Leo fez seu truque de desaparecimento e eu joguei meu caderno dentro de uma gaveta bem quando minha mãe abriu a porta. Só de olhar para ela já deu para perceber que eu estava bem encrencado.

– Nada de “Só um segundo”. Nós precisamos ter uma conversinha agora mesmo!

72





### Entre a Mulher-Dragão e o Urso

Quando cheguei à sala, minha mãe estava lá, parada, com cara de brava, exatamente como eu imaginava. Mas o Urso também estava lá, acordado e sentado no sofá. Isso, sim, era inesperado!

– O que foi? – falei, tentando parecer despreocupado.

– Você ficou de castigo depois da aula hoje? – perguntou minha mãe, na lata.

*Ô-ôu... estou ferrado!*

– Bom... mais ou menos – respondi.

– Mais ou menos? – disse o Urso. – *Mais ou menos?* O que significa isso?

Minha mãe pediu que ele ficasse calmo, mas não tirou os olhos de mim.

– Recebi um telefonema da professora Ida. Ela disse que deixou um recado na secretária semana passada. Você sabe alguma coisa sobre isso?

73

*Ai, caramba... ferrado em dobro!*

Nesse momento Georgia chegou para se intrometer, é claro.

– O que aconteceu? O Rafa se meteu em confusão? – perguntou ela.

– Vá para o seu quarto! – gritou o Urso.

– Não fale assim com ela – interviu minha mãe. – Georgia, querida, isto é entre o Rafa e nós dois. Agora vá, por favor.

Georgia desapareceu de novo, mas eu sabia que ela estava no corredor, espionando de algum lugar que a gente não enxergava. Pelo menos eu teria testemunhas caso o Urso me matasse, e ele estava com cara de quem queria fazer exatamente isso.

– Vai ficar uma semana de castigo! – disse ele, ficando de pé bem na minha frente. – E não quero saber de você mexendo na secretária eletrônica. Ouviu?

– Espere um minuto – falou minha mãe. – Quero ouvir a versão do Rafa sobre tudo isso. Carl, sente-se. *Por favor.* – O Urso obedeceu e minha mãe voltou a olhar para mim. – Rafa, pode falar.

Infelizmente, minha versão da história não tinha muito valor. Conteí a eles do patinete na aula de educação física, do castigo e do recado na secretária eletrônica que eu tinha apagado. Mesmo sem que eu dissesse uma palavra sequer sobre a Operação R.A.F.A., o Urso tinha razão. Eu havia me comportado muito mal, mesmo.

Quando terminei, minha mãe respirou fundo.

– Rafa, agora eu vou perguntar mais uma coisa, e quero uma resposta sincera – disse ela. – O Leo tem alguma coisa a ver com isso?

Eu provavelmente contaria toda a verdade a ela, mas o Urso já tinha tirado suas próprias conclusões antes mesmo de eu abrir a boca.

– De novo com essa coisa de Leo? – gritou ele. – Já estou por aqui com essa história! Não quero mais ouvir esse nome nesta casa, entendeu? Seu... esquisito!

– ESQUISITO É VOCÊ! – berrei em resposta.

– Já chega! – disse minha mãe, colocando-se entre nós. – Rafa, você está de castigo até segunda ordem. Carl... vá esfriar a cabeça em algum lugar. Não quero falar com nenhum dos dois agora.

Voltei logo para o meu quarto. Nossa “conversinha” tinha terminado.

Encontrei Georgia escutando tudo no corredor, mas não a dedurei. Só a empurrei de volta na direção do quarto dela e bati a porta do meu com toda a força.

74

Eu queria jogar alguma coisa longe, bater em algo e exterminar o Urso – tudo ao mesmo tempo.

– Sabe, existem maneiras de você se vingar dele – disse Leo.

– Cala a boca! – falei. – Você nem é real!

Peguei uma tartaruga de argila que eu tinha feito no segundo ano e joguei na parede. Ela se quebrou em um milhão de pedacinhos, mas nem liguei. Eu nem me importava de estar de castigo. Até parece que eu tinha um monte de amigos me esperando depois da escola todos os dias.

Na verdade, eu tinha só um amigo e, tecnicamente, ele nem existia.

– Só estou dizendo que sei de um jeito para você se vingar do Urso e talvez até ganhar alguns pontos. Se estiver interessado... – insistiu Leo.

Demorei um pouco para me acalmar, mas depois que pensei sobre o assunto percebi que estava interessado, sim, com toda a certeza.

– Fique sabendo que você pode se meter em uma confusão de verdade se fizer isto aqui, hein – acrescentou Leo.

– E daí? – falei. – Eu já estou todo ferrado, mesmo. Desembucha.

75



Dando um tempo...

Certo, vamos fazer uma pausa aqui.

Quero apenas deixar claro que eu não estava tentando esconder o Leo de você (ou pelo menos a parte de ele não ser exatamente real).

Eu sei, eu sei... Quem é que ainda tem amigos imaginários no sexto ano, não é?

Mas não penso nele dessa maneira. É só que ele sempre esteve por perto, e nunca tive motivo para parar de falar com ele.

Hum... talvez eu não esteja conseguindo explicar muito bem.

Não é que eu ache que o Leo exista de verdade. Normalmente é mais como se eu pensasse: e se *tivesse* alguém ali, falando comigo e me ajudando a entender as coisas? Alguém que ficasse sempre do meu lado, sabe como é? Como eu disse antes, eu não sou exatamente popular, então qualquer ajuda é bem-vinda. Se isso faz com que eu seja esquisito, ou sei lá o quê, o jeito é me conformar. Espero que você também não se importe.

Se quer saber, eu já contei mais coisas a você do que a qualquer outra pessoa (tirando o Leo, é claro). Você já sabe sobre a Operação R.A.F.A. e sobre o meu estúpido sistema de pontos. Sabe sobre os problemas com o meu futuro carrasco...

quer dizer, futuro padrasto. E – o que me deixa mais envergonhado – você também sabe sobre a minha quedinha impossível e ridícula pela Jeanne Galletta.

E aí vai mais um segredo, para você ter certeza de que somos amigos: Jeanne Galletta não será minha namorada no fim desta história. Não estou dizendo isso por não ser confiante ou algo assim. Acontece que o livro é meu e eu já sei como ele termina. Então, se você é do tipo que gosta de coisas românticas e está aí esperando

que ela comece a gostar de mim como num passe de mágica, já vou logo avisando: pode esperar sentado.

Agora você sabe todas essas coisas sobre mim e eu ainda não sei nada sobre você. Nem sei se ainda está aí.

Está?

76

Se ainda estiver, será que posso confiar em você e contar o resto? Eu ainda quero saber: você é uma boa pessoa?

Não é muito justo eu perguntar isso, já que eu ainda nem sei se sou uma boa pessoa ou não... Acho que é você quem vai me dizer.

Vamos combinar uma coisa. Se você está me achando legal até agora, então continue a ler. Mas se chegou até aqui e me considera o cocô do cavalo do bandido e, além disso, acha que eu não mereço ter o meu próprio livro, então talvez você deva parar de ler agora mesmo.

Porque daqui para a frente só piora. (Ou melhora, dependendo do ponto de vista.)

Assinado, o seu amigo (?),



RK

77



## CAPÍTULO 26

Vingança à venda

No dia seguinte, na escola, coloquei nosso novo plano em ação.

Demorou mais ou menos até o quarto tempo para que a notícia se espalhasse.

Na hora do almoço já tinha uma fila de gente de todos os anos na frente do meu armário esperando por uma linda e refrescante lata de energético, diretamente do estoque menor que de costume e já não tão secreto do Urso.

Não é permitido tomar nenhuma “bebida açucarada” na Escola Municipal de Hills Village. Por isso uma lata de energético é tão valiosa por lá.

Eu usei o método do TSPC (Traga Seu Próprio Copo) para que nenhuma lata marcada ficasse circulando por aí. Por um dólar eu enchia o copo ou esvaziava a lata – o que viesse primeiro. Então eu podia levar as latas vazias para casa, colocar de volta nas caixas e esperar para ver se o Urso algum dia chegaria até o fim da pilha. (E,

se chegasse, eu tinha um plano para isso também.) Os meus clientes viviam falando como aquilo era legal. E era “Obrigado, Rafa”

para lá, “Valeu, Rafa” para cá – inclusive de um monte de gente que eu achava que nem soubesse meu nome. Acho que o Miller Matador estava certo sobre uma coisa: eu estava começando a conquistar uma bela reputação na escola.

Os negócios iam bem. O horário de almoço estava quase acabando e eu já tinha ganhado 16 dólares (isso sem mencionar os meus 35.000 pontos).

Quando me dei conta, Jeanne Galletta estava no fim da fila.

Deixe-me repetir: JEANNE GALLETTA ESTAVA NA FRENTE DO MEU ARMÁRIO!

– Está com sede? – falei, tentando parecer indiferente.

– Sabe, isto é totalmente contra as regras – respondeu ela.

– Assim o gosto fica melhor – retruquei. (Bela frase, não é?)

Jeanne ficou só olhando para mim, do mesmo jeito que a minha mãe e a professora Donatella fazem de vez em quando. Parecia que ela estava tentando me entender.

78

– Por que parece que você está sempre *tentando* se meter em encrencas? – perguntou Jeanne. – Eu não entendo.

O que eu fiz a seguir foi provavelmente uma burrice, mas, para ser sincero, eu não sabia mais o que dizer.

– Você pode guardar um segredo? – perguntei. Então peguei o *Código de conduta da EMHV* e mostrei a ela como eu já tinha riscado um monte de regras.

– Ah, é? – disse Jeanne. – E daí?

– Eu vou ser o primeiro a quebrar todas estas regras – falei. – Uma de cada vez.

– Ah, ótimo – exclamou ela. – Obrigada por me contar. Agora eu também posso me meter em encrenca por causa disso.

– Não pode, não. Essa é a minha política. Não importa o que acontecer, eu não permito que mais ninguém se prejudique. Você pode até me dedurar, se quiser.

Ela ficou me encarando, mas não de um jeito totalmente ruim. Era mais como se ela ainda não tivesse chegado a nenhuma conclusão.

– Vá em frente – disse eu. – Faça meu dia valer a pena.

Então Jeanne Galletta fez uma coisa que nunca tinha feito antes. Ela sorriu para mim. Eu sei que isso vai parecer meio fora de moda, mas foi um sorriso muito, muito bonito. Acho que o Leo tinha razão. Ela havia gostado daquela Regra de Não Prejudicar Ninguém.

Claro que tinha que tocar o sinal para o quinto tempo, e aquele sorriso desapareceu mais rápido que uma lata de energético do meu armário.

– Caramba, estou atrasada para a aula de ciências! – disse Jeanne.

– Não se preocupe com isso – falei.

– Não! Isso é o que *você* faz – retrucou ela, que agora estava apenas irritada.

Quando eu disse tchau ela já estava indo para a sala o mais rápido possível, mas sem correr (porque, sabe como é, isso é contra as regras).

– O que acabou de acontecer? – perguntei ao Leo depois que ela foi embora.

– Não tenho certeza – respondeu ele –, mas acho que você deu mais um passo em direção à Seção 4, Regra 7.

79

**PROIBIDO BEIJAR**  
ou outras  
demonstrações  de  
 **AFETO**   
na escola! 

80

**CAPÍTULO 27**



Detonando as normas

de vestuário

Quando chegou o Dia das Bruxas, parecia o momento perfeito para atacar a Seção 1, Regra 1: Normas de vestuário da Escola Municipal de Hills Village.

Normalmente, esse teria sido um item fácil, mas o Leo gostava quando eu dava duro, então ele inventou todo tipo de desafios e oportunidades para que eu pudesse ganhar vários pontos extras. Pode esquecer o alarme de incêndio. Pode esquecer o castigo com a Mulher-Dragão. Com toda a certeza esta seria a coisa mais assustadora até agora.

O primeiro desafio era sair de casa sem que a minha mãe descobrisse nada.

– Não vai colocar sua fantasia, Rafa? – perguntou ela durante o café da manhã.

Georgia estava comendo uma tigela de cereal em pé porque não podia mais sentar (já estava usando suas enormes asas cor-de-rosa). Eu estava de calça jeans com uma camiseta normal.

– Você já está grande demais para o Dia das Bruxas? – quis saber minha mãe.

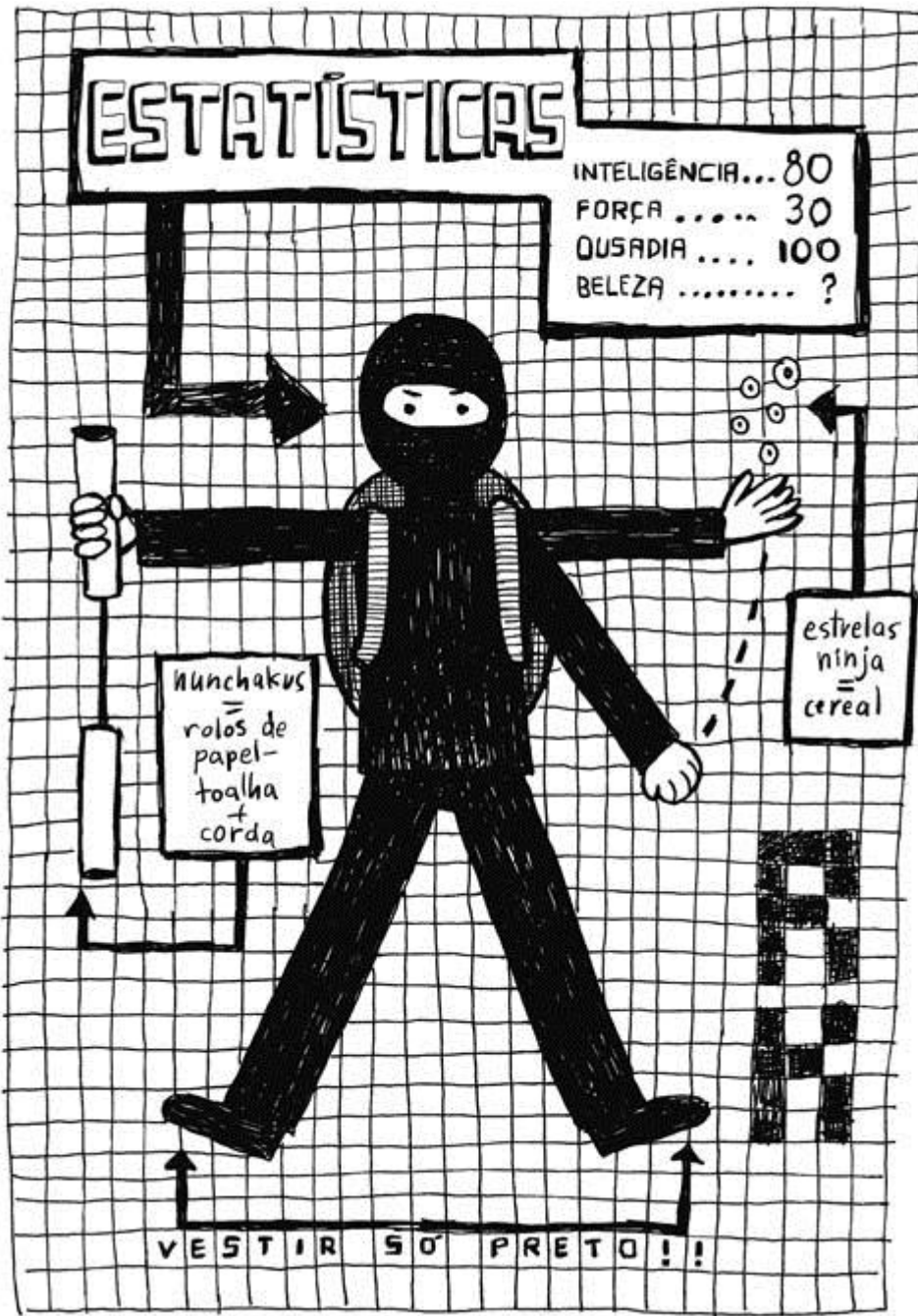
Respondi com uma das minhas meias verdades.

– Sou do sexto ano!

Na verdade, já estava tudo na minha mochila e eu me troquei no banheiro quando cheguei à escola: sapatos pretos, calça preta, camisa preta de gola alta, máscara de esqui preta. A minha mochila era azul-escuro, mas dava para enganar.

Eu também estava com o bolso cheio de cereais para servirem de estrelas ninja e nunchakus, feitos com dois rolos de papel-toalha e um pedaço de corda. Ia ser legal ter uma espada também, mas tente colocar um cabo de esfregão na sua mochila algum dia para ver se é fácil.

Era só uma questão de tempo até que algum professor me desse uma bronca, então o Leo disse que eu ganharia 10.000 pontos para cada 50 metros que eu conseguisse percorrer dentro da escola. Saí feito um maluco daquele banheiro, em velocidade máxima: atravessei o térreo (10.000!), subi a escada (10.000!), 81



atravessei o segundo andar, passando pelos armários (10.000!), jogando cereal no chão e balançando os meus nunchakus loucamente.



Se houvesse replay, a cena mais exibida seria a de quando vi Miller Matador no corredor. Eu me assegurei de que a minha máscara estivesse cobrindo direitinho o meu rosto. Então dei um impulso bem grande e acertei a cabeça dele com um dos nunchakus (10.000!).

– Mas o quê...? – perguntou Miller, virando para o lado errado quando passei por ele.

Ao descobrir o que o havia acertado, eu já estava longe. Ele tinha duas vezes o meu tamanho, mas eu era duas vezes mais rápido. Engole essa, Miller!

82

E então... *bum!* Dei o maior encontrão na professora Ida.

Vamos apenas dizer que ela não estava no clima para brincadeira.

– Meu Deus! Mas o que é isto? – disse ela, agarrando-me pelo braço.

– Eu sou um ninja.

– Você é um bocó! Tire essa máscara imediatamente.

Obedeci.

– Rafa... Eu devia ter adivinhado. Você não pode ficar correndo pela escola com essa fantasia!

– Não tem nenhuma regra contra ninjas – retruquei. – E, pode acreditar, eu conferi.

– Considere como uma nova regra – rebateu ela. – Ninjas são proibidos, seja no Dia das Bruxas, seja em qualquer outro dia. Você vai ter que tirar essa roupa.

– Tudo bem, tudo bem – assenti, como se estivesse muito decepcionado.

Mas na verdade estava só esperando por isso. Fase dois: pontos em dobro!

Fui para o banheiro e saí um minuto depois, já sem a fantasia, correndo na mesma velocidade de antes.

– RAFA KHATCHADORIAN! – gritou a professora Ida atrás de mim, mas eu já tinha desaparecido pelo corredor.

Alguns alunos saíram da minha frente. Outros até correram na direção contrária.

Algumas meninas berraram quando eu passei, mas acho que foi meio sem querer.

E umas pessoas até gritaram coisas tipo “Vai, Rafa!” e “Não deixa ninguém te pegar!”.

Porque, como eu disse, eu não estava mais usando a minha fantasia de ninja.

Aliás, eu não estava usando quase nada.

Só tênis, cueca samba-canção e um sorriso enorme.

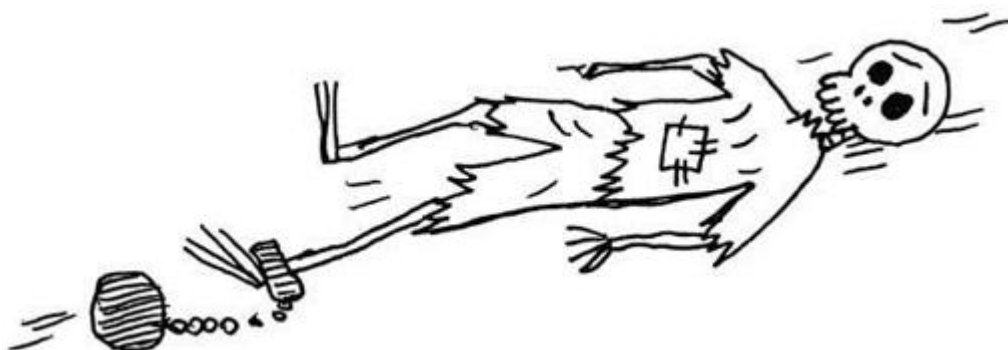
83





Mandando ver  
no calabouço

84



Eu tive certeza de que ia parar na coordenação por causa dessa. Acontece que eu não estava pensando grande. Senhoras e senhores, meninos e meninas, bem-vindos ao... CALABOUÇO.

Eu não sou o único na fila da execução hoje, afinal de contas é Dia das Bruxas!

Então tem um calabouço inteiro cheio de gente esperando para saber como vai ser sua tortura.

– Ei – sussurra o prisioneiro ao meu lado. – Você não é o Rafa Khatchadorian?

Eu o conheço de vista, mas não sei o nome dele.

– Sou eu mesmo – respondo.

– Já ouvi falar de você – diz ele. – O que você aprontou desta vez?

– Desrespeitei as normas de vestuário.

Ele não parece muito impressionado.

– SILÊNCIO! – grita um dos guardas. – Nada de conversa, sob pena de morte!

Eu estou me preparando para perguntar qual é a diferença, uma vez que todos nós seremos sentenciados à morte de qualquer jeito, quando a porta da câmara interna se abre. Já é tarde demais... Carregam para fora o corpo da última vítima e o Rei Lagarto em pessoa faz um sinal para que eu entre, com seu dedo comprido, verde e grudento.

85





Sua majestade,

o Rei Lagarto

A câmara interna é fria e úmida. O Rei Lagarto desliza de volta para seu lugar.

Sento-me na sua frente. Aqui tem cheiro de alguma coisa que eu não sei exatamente o que é.

86



Ele tira a tampa de um pote cheio do que parece ser um monte de balas brancas e o estende para mim.

– Quer uma? – pergunta ele.

É aí que eu vejo que não são balas. Elas estão *se mexendo!*

– Não, obrigado – respondo.

Ele dá de ombros e enfia duas na boca. Uma coisa azul escorre pelo queixo dele enquanto mastiga.

– Parece que você anda criando uma reputação e tanto aqui pelo reino – diz ele.

– Meus espiões disseram que você adora aparecer. – Quando uma mosca pousa na parede, a língua dele dispara quase um metro e ele a captura. Esse sujeito nunca para de comer. – Você tem algo a dizer em sua defesa antes que eu pronuncie a sua sentença? – pergunta ele com a boca cheia de moscas.

– Acho que você está me confundindo com meu irmão gêmeo – digo.

87

Resposta errada. O Rei Lagarto estende o braço e coloca a mão (ou será o pé?) no meu rosto. Seja o que for, é tipo uma combinação de velcro com supercola. Ele me levanta pela cabeça e me joga na parede. Eu mal consigo respirar, e o bafo dele é tão ruim e está tão perto que eu nem quero respirar, mesmo.

– Culpado! – decreta.

Então ele me solta e eu caio no chão como uma placa de concreto.

O Rei Lagarto corre parede acima até o teto. E fica lá, pendurado de cabeça para baixo, pronto para proferir a minha sentença.



– Três turnos na câmara do castigo com a Mulher-Dragão! – grita ele. – Ou até que alguém morra, o que vier primeiro!

88



**CAPÍTULO 30**

O que tem de mais?

–Rafa, você está escutando o que eu estou dizendo?

Ergui os olhos para o diretor David e fiz que sim com a cabeça.

– Você precisa tomar jeito, rapazinho. Se continuar com esse tipo de comportamento, vai receber coisa muito pior do que castigo. Entendido?

Eu sabia que não poderia escapar dessa, então nem me dei o trabalho de argumentar.

– Entendido – respondi e me levantei para ir embora.

Pelo menos minha ida até a diretoria valeu 30.000 pontos, além de todos os pontos que eu tinha ganhado pelo meu “probleminha de vestuário”. Em relação à pontuação, o dia tinha sido muito bom. Mas, tratando-se da Mulher-Dragão... Eu me sentia como se já estivesse morto.

Depois que saí daquela sala, adivinhe quem foi a primeira pessoa que veio falar comigo no corredor? (Vou dar uma dica: não é quem você pensa que é e rima com Beanie Balletta.)

– Mas que diabo foi aquilo? – perguntou Jeanne.

– Vou ter que ficar três tempos de castigo com a professora Donatella – respondi.

– Não é disso que estou falando – rebateu ela. – Quero saber por que você sairia correndo de cueca pela escola. Para ser sincera, essa coisa toda de quebrar as regras está ficando meio... ridícula.

– Você está certa. É ridícula *mesmo*. Tão ridícula quanto algumas dessas regras. – Não sei por que a Jeanne estava falando comigo e também não sei por que eu sempre dizia a ela o que eu estava realmente pensando. Mesmo assim, ela não virou as costas, então prossegui. – Não pode usar chapéu? Não pode usar óculos escuros? Não pode usar calça grande demais nem camisa muito pequena? Você acha mesmo que todas essas normas contribuem em alguma coisa para fazer da escola um lugar melhor?

– Não posso fazer nada – respondeu ela.



– Mas foi exatamente isso que você disse no seu discurso para o conselho estudantil. Você falou que queria transformar a escola num lugar melhor, certo?

– Eu quero, mas...

Ela parou de repente e me olhou como se estivesse intrigada com alguma coisa.

– Esse discurso foi há dois meses. Você ainda se lembra do que eu disse?

Ai, caramba. *OPA!!!*

Confessar uma coisa dessas para uma menina que provavelmente preferiria sair com um hidrante a sair comigo era ainda mais constrangedor do que ela me ver correndo por aí de cueca.

E, além do mais, as coisas ainda podiam piorar. O que saiu da minha boca em seguida foi mais ou menos isto:

– É, bom, hum... sabe como é. Não é que... sabe como é. É só que, hum... bom...

hum... é. Certo... acho que eu preciso, hum... é melhor... eu ir andando agora.

Então saí – direto para o Hall da Fama dos Patéticos.

Algum dia eu conseguiria ter um diálogo normal com Jeanne Galletta – um que não me deixasse envergonhado e em que eu seria simplesmente eu mesmo, sem fazer nenhuma idiotice.

Mas hoje não era esse dia.

90



91



**CAPITULO 31**

Jantar para três na

## lanchonete Swifty

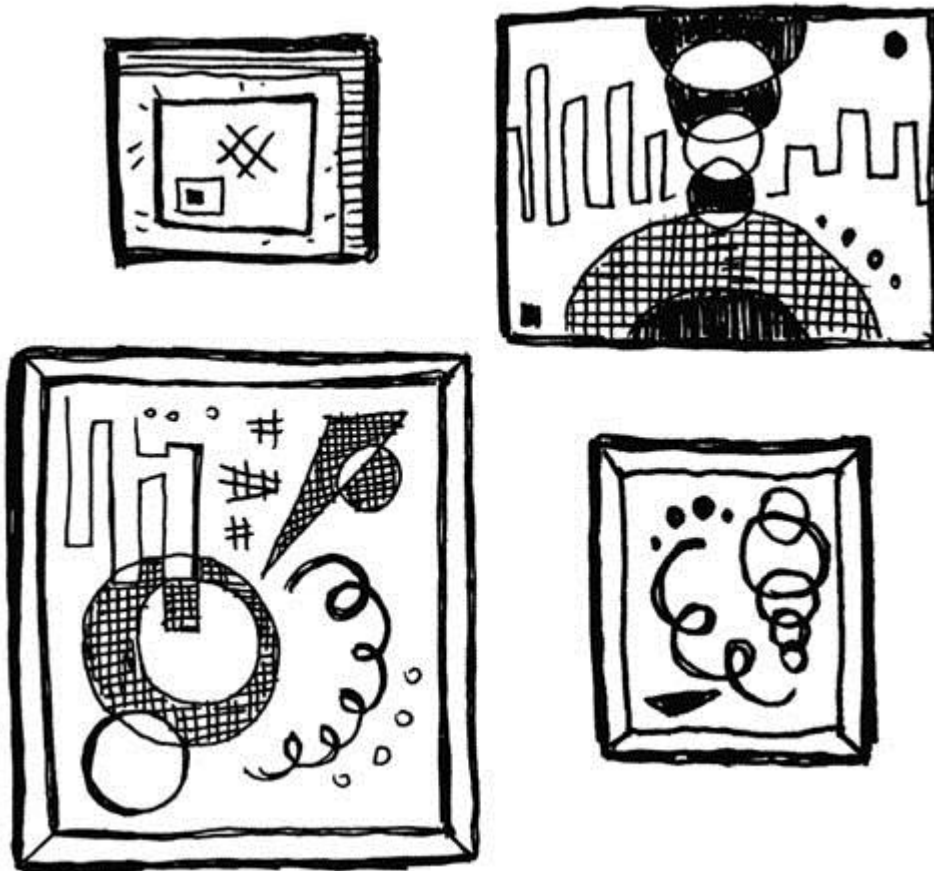
O dia 2 de novembro é uma data especial: é o aniversário da minha mãe. Este ano, o único presente que ela pediu foi que nós fôssemos jantar na Swifty durante seu horário de trabalho.

Mesmo assim Georgia fez um desenho para ela (que emocionante!) e eu usei a maior parte dos meus lucros com o energético para comprar um cartão e o perfume de que ela mais gosta. Nós colocamos os presentes na mesa, para que eles estivessem à vista quando ela viesse anotar o nosso pedido.

A lanchonete Swifty é um lugar bem legal para comer. Eu costumo pedir hambúrguer com batata frita dupla ou o sanduíche de peru com purê de batata e molho. E nós quase sempre fechamos com torta de maçã com sorvete e porção extra de canela de sobremesa.

Também gosto de lá porque eles colocam as pinturas da minha mãe à venda nas paredes. Ultimamente, ela não está tendo muito tempo para pintar, porque está sempre trabalhando, mas eu acho que ela é uma ótima artista (apesar de os quadros dela serem meio esquisitos).

Nenhum deles tem nome. Ela diz que você tem que olhar para eles e decidir o que eles fazem você sentir. Sempre fico feliz quando ela vende algum. Isso não acontece com muita frequência, mas quando acontece, todo mundo adora.



Quando chegou à mesa, minha mãe sorriu ao ver os presentes que nós levamos para ela, mas na mesma hora deu para notar que havia algo de errado.

– Crianças, podem pedir – disse ela. – O Urso ligou dizendo que não pode vir. Ele tem um compromisso.

– No dia do seu aniversário? – perguntei (e logo me dei conta de que não deveria ter falado nada).

Minha mãe estava tentando fingir que não se importava, mas ela é artista, não atriz – se é que você me entende.

– Vai ser legal só nós três – afirmou ela. – E, além do mais, agora vocês vão poder pedir o que quiserem. Até o filé.

Normalmente a gente tem que economizar quando o Urso também vai, porque ele come demais e a minha mãe não tem dinheiro para pagar a conta se ficar muito caro. Ele é um saco!

– Filé, por favor – pedi.

– Um filé ao ponto para bem passado com batata frita dupla – disse a minha mãe, anotando no bloquinho e tornando a sorrir. – E você, Georgia, querida?

– O Rafa ficou pelado na escola!

93

Saiu assim, sem mais nem menos. Com a Georgia, os segredos são como bombas-relógio – nunca se sabe quando vão explodir.

– O quê? – perguntou minha mãe.

– Cala a boca! – falei. – Não fiquei, não.

– A Gracie disse que a Miranda Piccolino disse que o irmão dela disse que viu você correndo pelado pela escola.

– Eu não estava pelado! – berrei.

Só para o caso de você querer saber, isso realmente não é uma coisa para se gritar assim, no meio de uma lanchonete lotada. Pareceu que todos os olhares se voltaram para mim. Provavelmente foi isso mesmo que aconteceu.

Minha mãe também estava me encarando. Ela ficou lá, totalmente imóvel, como uma estátua.

– Foi só uma coisa de Dia das Bruxas – falei.



– A Gracie disse que a Miranda disse que o irmão dela disse que você estava...

AAAI!!

Isso fui eu, chutando a Georgia por baixo da mesa. E aí...

– BUÁÁÁÁÁ!

Isso foi a Georgia, berrando feito um bebê e tentando fingir que estava chorando – coisa que não estava. Que falsa!

Então aconteceu o pior de tudo. Eu levantei os olhos e minha mãe ainda não tinha se mexido, mas uma única lágrima rolou pela bochecha dela. Então ela se virou e foi para os fundos da lanchonete sem dizer absolutamente nada.

– Está vendo o que você fez? – falei para Georgia. – Muito bem!

– Não fui eu quem ficou correndo por aí PELADO! – berrou ela, para o caso de o pessoal no estacionamento não ter escutado da primeira vez.

Mas eu nem me importava mais com aquilo. Eu já tinha levantado para ir atrás da minha mãe.

94



Idiota

–Mãe?

– Está tudo bem – disse ela.

Ela estava na despensa, sentada numa lata enorme de picles. Ali tinha potes gigantes de tudo o que estava no cardápio. Se você ficasse preso naquele lugar, nunca, jamais morreria de fome.

– Eu não queria fazer você chorar – falei.

– Venha aqui, Rafa.

Ela deu um tapinha na lata de picles vazia ao lado da dela bem quando o Swifty enfiou a cabeça pela fresta da porta. (Na verdade, o nome dele é Fred, mas eu acho que já tinha uma lanchonete chamada Fred do outro lado da cidade.) – Jules, eu não quero ser chato, mas a lanchonete está bem cheia hoje – disse ele.

– Já estou indo – respondeu minha mãe. – Só um segundo.

Ótimo. Agora éramos o Urso, o Swifty e eu dificultando a vida da minha mãe.

Tudo o que eu queria era não fazer parte dessa lista.

– Nós não chegamos a terminar nossa conversa sobre o Leonardo – lembrou minha mãe. – Quero que você saiba que eu sei que você voltou a falar com ele.

– Mas eu não preciso falar com ele – retruquei. – Eu posso parar.

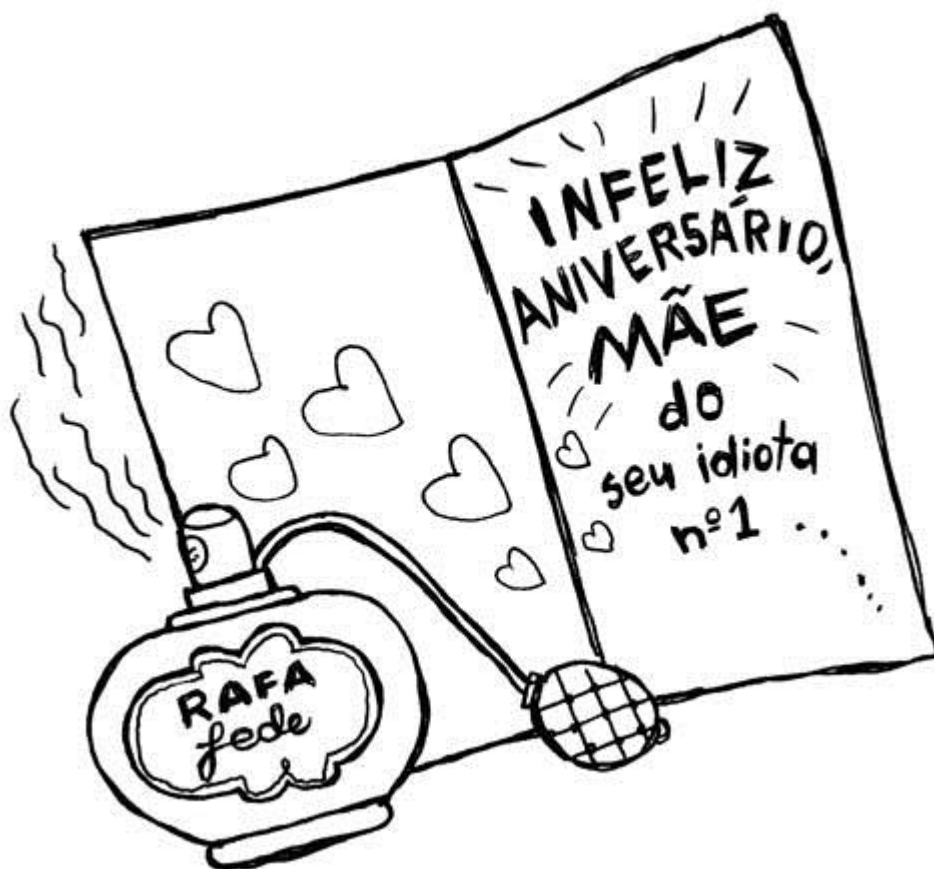
– Não, querido – disse ela. – Eu andei pensando sobre isso. Todo mundo conversa o tempo todo com pessoas que não estão ali, por mensagens de texto, computadores e até secretárias eletrônicas. Os

artistas conversam com suas musas em busca de inspiração. Algumas pessoas falam até sozinhas.

– É verdade – concordei.

Às vezes eu escutava minha mãe na garagem enquanto ela estava pintando, falando sem parar, apesar de não ter mais ninguém lá.

95



– Então por que você não pode falar com o Leo se quiser? – disse ela. – Além do mais, não é com o Leo que eu estou preocupada. É com você.

– Está tudo bem comigo – afirmei.

– Está? – perguntou minha mãe, olhando para mim daquele jeito que só ela sabe.

– Querido, você anda se metendo em tanta confusão na escola ultimamente... Eu não entendo. Sei que este ano não está sendo nada fácil, e eu não tenho estado muito presente, mas... mas...

Então ela começou a chorar de novo.

No aniversário dela.

Por minha causa.

Eu nunca tinha me sentido mais idiota do que naquele exato momento. Um grande fracassado. Acho que eu não sou mesmo uma boa pessoa...

96



Será que é tão

difícil assim?

Depois do que aconteceu naquela noite, eu sabia que precisava dar um tempo no meu jogo. Nada de quebrar as regras de propósito. Nada de Operação R.A.F.A. por enquanto. Nada de vender energético e nada de brigas com o Urso também. Se eu não era capaz de ser *bonzinho*, pelo menos podia tentar ser uma pessoa normal por um tempo. Quer dizer, será que é tão difícil assim?

– Você vai se arrepender – disse o Leo. – Além do mais, a Jules não quer que você seja *normal*. Ela só quer que você seja você mesmo. Não é o que ela diz o tempo todo?

– É... mas *ser eu mesmo* fez minha mãe chorar hoje – respondi. – Resolvi ser discreto por um tempo, nada mais. Só até as coisas melhorarem um pouco por aqui.

– Claro – disse Leo. – Quando você ganhar na loteria, a Jules se transformar numa artista famosa, a Georgia fizer um transplante de personalidade e o Urso ficar com amnésia e nunca mais voltar para casa. Esqueça, cara. Você está vivendo em um mundo de fantasia.

– Olha quem fala...

– E tem mais uma coisa. O que eu vou fazer enquanto você estiver por aí dando uma de Sr. Normal?

– Não sei – respondi. – O que as pessoas imaginárias fazem no tempo livre? – O

Leo bocejou. – Quer dizer, até parece que eu vou para algum lugar. Você pode continuar falando comigo. Só que nós não vamos mais brincar de Operação R.A.F.A.

– Mas nós mal começamos – argumentou ele. – Você não pode desistir agora.

– Eu não estou desistindo. Só estou dando um tempo.

– Quanto tempo?

97

– Não sei. Nós vamos ter que esperar para ver, certo?

Mas o Leo não disse nada.

– Certo?

Nada, de novo.

– Leo?

De repente o meu quarto pareceu meio... vazio. Eu nunca tinha visto o Leo ficar bravo antes, mas acho que dessa vez ele estava.

Leo Caladão estava me dando gelo.

98



## Normal

O dia seguinte na escola não foi tão difícil quanto eu imaginava. Prestei muita atenção ao que os alunos bonzinhos estavam fazendo e tentei imitá-los. (Um pouco, pelo menos.) Cheguei às aulas na hora, levantei a mão quando achei que sabia a resposta – apesar de quase sempre estar errado – e disse aos meus clientes do energético que meu negócio estava suspenso até segunda ordem.

Na aula de inglês da professora Donatella, até me ofereci para entregar as folhas do dever. Ela me olhou como se isso fosse a coisa mais esquisita que já tivesse acontecido na vida dela.

– Você está tentando me agradar antes do seu próximo castigo? – perguntou ela.

– Porque está funcionando. Obrigada, Rafa.

– De nada – foi tudo o que eu disse.

Se tinha mesmo algum agrado envolvido, era um bônus.

E, falando em bônus, a Jeanne Galletta sorriu para mim de verdade quando lhe entreguei a folha. Eu estava evitando falar com ela desde o episódio do Dia das Bruxas, por isso fiquei surpreso quando ela sorriu daquele jeito. Talvez tivesse alguma coisa a ver com o fato de eu estar agindo como um ser humano normal.

Aliás, parecia que as únicas pessoas que não gostavam da minha versão comportada eram o Leo (até aí, nenhuma surpresa) e a Allison Prouty, que ficava me olhando como se eu estivesse destruindo a carreira dela de puxa-saco número um da Escola Municipal de Hills Village.

O dever de inglês era um exercício de vocabulário sobre substantivos abstratos, ou “coisas que não são coisas”, como a professora

Donatella chamou. A lista tinha palavras como *contentamento, prosperidade, coragem, vastidão* e tal. Nós tínhamos que trabalhar em grupo para encontrar imagens que representassem o que as palavras significavam para nós. Isso me fez pensar em como a professora Donatella e a minha mãe poderiam ser grandes amigas. As duas gostam dessa coisa artística.

99

Eu não estava no grupo da Jeanne, infelizmente, mas ainda estava sendo o Rafa Normal, por isso me ofereci para fazer as anotações do meu grupo. O Matt Baumgarten e a Melinda Truitt imprimiram imagens do computador e a Carol Freeman olhou um monte de revistas que a professora Donatella tinha levado. Eu recortei as figuras que eles acharam e juntei tudo em um tipo de colagem. Fiz as imagens se encaixarem umas nas outras, como as peças de um quebra-cabeça, e escrevi as palavras do vocabulário com letras das revistas.

Quando a professora Donatella chegou para conferir o trabalho de todo mundo, ela parou e ficou olhando para o nosso um tempão.

– Isso é muito criativo – disse ela. – Muito orgânico.

A única coisa orgânica que eu conheço é o iogurte horrível e sem gosto que a minha mãe costuma comprar, mas estou certo de que a professora Donatella falou aquilo como se fosse uma coisa boa. Ninguém no grupo disse que a ideia tinha sido minha, mas nem liguei. Eu sabia que ela estava falando comigo.

Então ser normal era assim. Com certeza não era tão divertido quanto a Operação R.A.F.A., mas se isso era necessário para a minha mãe ficar feliz e não pegar no meu pé, então eu achei que valia a pena.

O problema é que só durou um dia.





**CAPITULO 35**

Miller ataca outra vez

Se você está lendo com atenção, provavelmente já reparou que minha vida segue uma espécie de padrão. Justo quando as coisas parecem estar indo bem... blá, blá, blá.

Então, lá estava eu em frente ao meu armário, me sentindo bem pelo fato de o dia ter sido tão legal e me preparando para ir embora. Metade das minhas coisas estava na mochila e a outra metade eu carregava na mão, quando me virei... e dei de cara com o Miller. (No futuro, quando for possível instalar olhos extras atrás da cabeça, eu com certeza vou ser o primeiro da fila.) Ele esticou a perna na minha frente, colocou a mão nas minhas costas e me empurrou. Caí com tudo, junto com todas as minhas coisas.

– Cuidado – disse ele. – Você pode tropeçar e cair.

– É – respondi. – Você é mesmo brilhante.

– Realmente – comentou, achando que eu estava falando sério. – Está pronto para a reunião?

– Que reunião?

– A reunião do meu punho com a sua cara – disparou ele, apontando para fora. – Vamos lá. Vamos resolver isso de uma vez por todas, seu otário.

Eu estava ficando cansado disso. Mais do que cansado.

Talvez perigosamente cansado.

– Escute, Miller – falei. – Eu já disse: não estou tentando provar nada e, mesmo que estivesse, agora acabou, certo? Me deixa em paz.

Mas ele nem estava mais ouvindo.



– Operação R.A.F.A.? – disse ele. – Quantos anos você tem? Seis?

– Eu já disse, não é nada – falei, estendendo a mão, mas ele afastou o caderno.

– Se não é nada, por que você está com essa cara de quem vai fazer xixi na calça?

Eu não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Aquele dia era para ser o primeiro no meu plano de ser normal, mas de repente tinha se transformado no meu pior pesadelo.

Miller estava folheando as páginas, olhando tudo o que eu tinha escrito e sorrindo como se tivesse acabado de encontrar uma carteira cheia de dinheiro.

E foi aí que aconteceu. Miller Matador teve uma ideia. Dava para ver na cara dele. Era como ver um homem das cavernas ficar de pé sobre duas pernas pela primeira vez.

102

– Pronto – disse ele, arrancando e me entregando a capa do caderno. – Essa parte é grátis. O resto é um dólar.

O que eu ia fazer? Acabar com ele usando a capa do caderno como espada?

– Está bem – disse, tirando um dólar do bolso. – Toma. Agora me devolve.

Mas a única coisa que ele fez foi arrancar a primeira página e me entregar.

– *O que foi?* – perguntou ele. – Você achou que fosse um dólar por tudo? O que você acha que eu sou? Um idiota?

*Atenção! Não responda a essa pergunta! Repetindo, NÃO responda a essa pergunta!*

– Vamos lá, Miller – falei, ignorando a pergunta.

– *Vamos lá, Miller* – disse ele com uma vozinha esganiçada, como se eu falasse assim.

– Eu não tenho dinheiro para tudo isso.

Eu praticamente tinha preenchido o caderno inteiro – que tinha umas 70

páginas!

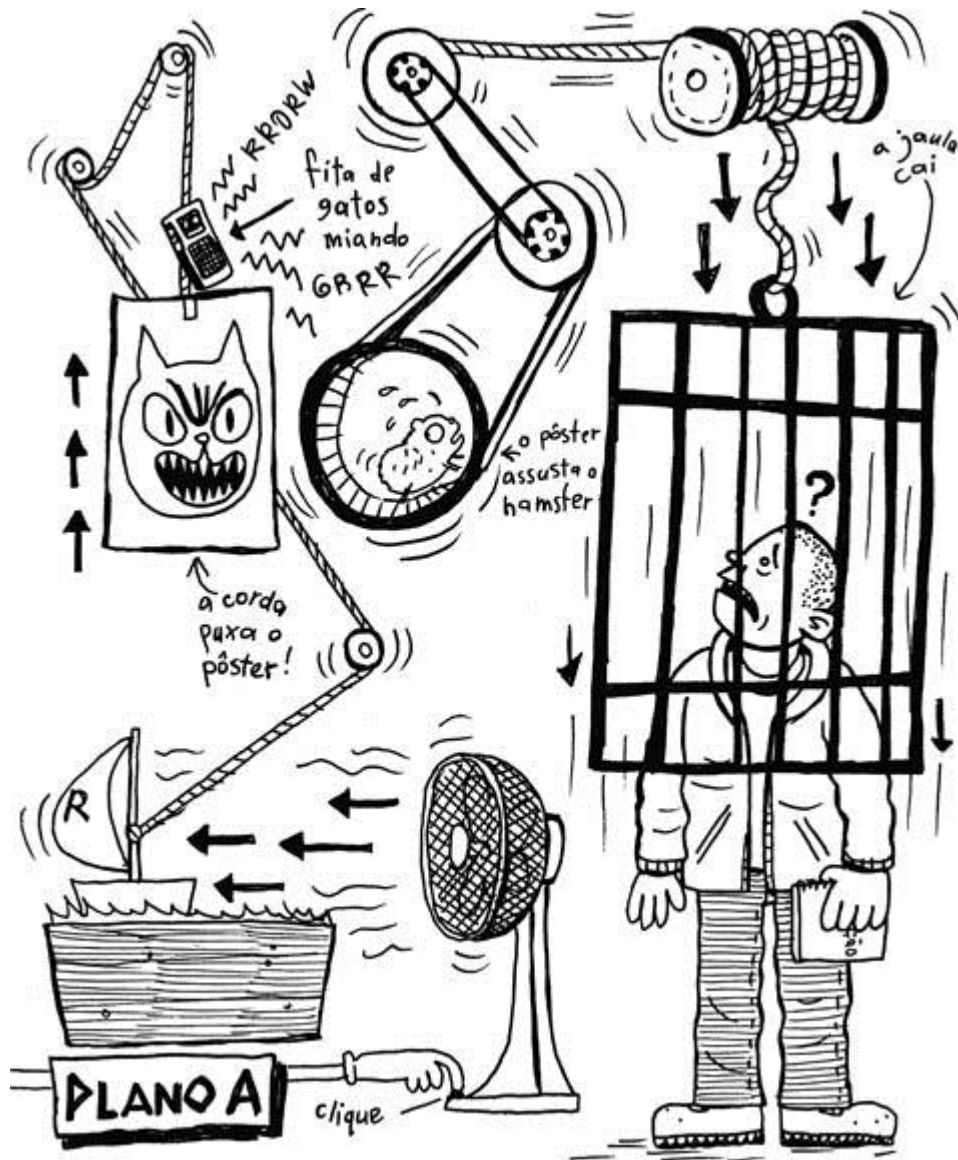
Miller deu de ombros, dobrou o caderno no meio e o enfiou embaixo do braço.

– Não precisa ter pressa – decretou ele, afastando-se. – Um dólar por página, Khatchadorian. A menos que fique mais caro, o que pode muito bem acontecer.

Provavelmente já tinha ficado. Isso que dá ser normal...

103





E agora?

Passei a tarde toda tentando bolar algum plano para dar um jeito no Miller.









Todas as minhas ideias eram ótimas – tirando a parte de serem totalmente impossíveis.

E deixar o caderno com o Miller simplesmente não era uma opção. Quer dizer, se minha mãe já tinha ficado daquele jeito só por causa da missão de Dia das Bruxas, imagina o que ela faria se soubesse sobre a Operação R.A.F.A. inteira?

107

Eu tinha que encarar os fatos: Miller me pegou de jeito, e eu passaria o resto do sexto ano comprando aquele caderno idiota de volta, uma página de cada vez.

Isso significava que eu precisava começar a ganhar dinheiro imediatamente. Até onde eu sabia, só havia um jeito de fazer isso, e estava à minha espera em latinhas coloridas escondidas na garagem.

– Isso! – disse Leo assim que eu tive essa ideia. – É *disso* que eu estou falando!

– Você voltou! – exclamei.

– Nunca fui embora – respondeu ele. – Só estava esperando alguma coisa interessante acontecer. Aliás, você perdeu sua segunda vida quando o Miller tirou aquele caderno de você. Agora só tem mais uma. Vai ter que tomar muito cuidado.

– Não estou preocupado com isso agora – falei. – Só quero o caderno de volta.

– O que você está esperando, então? Vamos lá!

– Certo – concordei, já me dirigindo para a garagem. – Mas eu só vou vender energético – informei ao Leo. – Não vou continuar o

jogo.

– Isso nós vamos ver – retrucou ele.

108



Fui pego!

Então lá estava eu, cuidando da minha vida e roubando latas de energético da garagem, quando adivinhe só quem veio caminhando sobre seus pezinhos silenciosos para me espionar?

– O que você está fazendo? – perguntou Georgia. – Não pode ficar aqui. Você está pegando isso? Por que está pegando isso?

– Fecha a porta! – exclamei.

Eu sabia que isso seria mais rápido do que tentar fazer com que ela fosse embora.

– O Urso vai matar você – disse ela.

– Não se ele não descobrir.

Coloquei mais um pacote de seis latas na minha mochila e cheguei bem perto dela.

– Entendido?

Ela tentou olhar atrás de mim.

– Para que você precisa de tantas latas?

– Por que está do lado dele? – perguntei.

– Eu não estou do lado dele! – respondeu ela.

Eu sabia que isso iria funcionar. Ela odeia o Urso tanto quanto eu.

– Escuta – continuei. – Toda vez que eu pegar para mim, vou pegar para você também. Nós podemos beber quando o Urso estiver dormindo e a mamãe não estiver em casa.

Primeiro ela olhou para mim, depois para as caixas de energético e então para mim outra vez.

– Tem certeza de que você sabe o que está fazendo? – perguntou Georgia.

109

– Você quer ou não? – falei, erguendo uma latinha.

O negócio é que a Georgia gosta de energético ainda mais do que gosta de segredos, e minha mãe quase nunca deixa a gente beber.

– E se descobrirem a gente?

– Não vão descobrir – garanti. – Mas temos que ficar calados. Não podemos contar a ninguém...

– Certo.

– *Nunca* – completei.

– *Ceeeerto* – prometeu ela.

Eu a peguei pelos ombros e fiz com que se sentasse em cima de uma caixa de leite.

– Pelo bem da mamãe – insisti. – Você jura?

– Eu juro, eu juro – disse ela. – Juro três vezes.

Ela só tinha jurado duas vezes, mas a deixei ir embora.

Mesmo com todas aquelas promessas, eu não tinha nenhuma garantia. Não com a Georgia. Mas agora já era tarde demais. Ela me pegou no flagra e essa era minha melhor chance de fazer com que ela ficasse quieta.

Eu simplesmente teria que arriscar.



**CAPÍTULO 38**



## A idade das trevas

Se quer saber minha opinião, os piores meses do ano são outubro e novembro. As férias de julho já acabaram há muito tempo mas o fim das aulas ainda está muito distante.

Quer dizer, nessa época a situação fica ainda mais preta para mim que no restante do ano.

Quando cheguei para o primeiro castigo de quarta-feira com a professora Donatella, descobri que ela tinha feito a mesma coisa de antes. Seríamos só eu e a Mulher-Dragão, sozinhos, durante aquela hora inteirinha.

Isso só podia significar uma coisa: eu ia virar petisco de dragão.

Eu também tinha voltado a vender energético na frente do meu armário, mas já não era a mesma coisa. Tinha muito mais em jogo. Eu não podia ser pego, então 112





não podia vender o tempo todo. Além do mais, o estoque do Urso estava começando a ficar baixo. Acabei gastando mais da metade do que eu tinha arrecadado só para repor algumas latas na garagem, para ele não perceber.

De volta ao castigo, fiz o que pude para impedir que a professora Donatella conseguisse entrar na minha mente, mas não foi fácil. Ela ficava tentando me convencer a falar sobre mim mesmo e eu só dizia que tinha dever de casa para fazer. Às vezes dava certo, às vezes não.



E também tinha o Miller... Se você acha que ele me deu algum crédito pela ideia de quebrar todas as regras do código, está muito enganado. Só achou que eu estava tentando provar que era mais casca-grossa que ele. Isso que é paranoia. Eu tinha que informar com antecedência quantas páginas eu queria comprar e então ele chegava na escola com o número combinado.

Não consegui evoluir muito. Como precisava ficar repondo o estoque do Urso, só consegui comprar 18 páginas de volta antes do fim de novembro.

E além disso tudo, eu ainda estava tentando ser o Rafa Normal e não me meter em mais confusões. Estava dando certo – eu acho –, mas eu continuava detestando as aulas do mesmo jeito de sempre. Achei que ser normal faria com que eu me sentisse uma pessoa melhor... Mas até agora nada tinha acontecido.

114



E a parte engraçada era que, apesar de a situação continuar preta para o meu lado, ninguém parecia notar. Para todos os efeitos,

minha mãe, Jeanne e até mesmo a professora Donatella achavam que eu era uma nova pessoa.

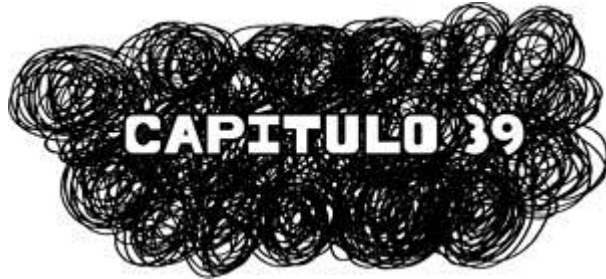
E se você está aí imaginando o que aconteceu com o Leo, vamos apenas dizer que ele achava que eu estava passando exatamente pelo que merecia.

115

**NORMAL**  
e uma **CHATICE**

**EU  
AVISEI!**





**CAPITULO 39**

Jeanne, Jeanne, Jeanne

– Não pense que eu não reparei – disse Jeanne na última semana de novembro.

Eu me virei e a água do bebedouro ficou espirrando na minha cara.

– Reparou no quê? – perguntei, enxugando o rosto.

Por fora, eu só estava ali parado, mas por dentro eu pensava:

**CARAMBAÉAJEANNE VOCÊCONSEGUERAFASÓFIQUECALMOENÃO**

**FAÇANENHUMAIDIOTICE!**

– Você anda respeitando as regras – falou ela, cochichando como se fosse um segredo entre nós.

E era mesmo! Mais ou menos... Ela era uma das únicas pessoas que sabiam sobre a Operação R.A.F.A.

– Estou dando um tempo – expliquei. – Estou sendo normal por enquanto.

– É – disse ela. – Foi isso que notei. – Então, deixa eu perguntar uma coisa: o que você vai fazer depois da aula na quarta-feira?

– Nada – respondi em mais ou menos meio segundo.

– Nossa, que rapidez. Tem certeza?

– Tenho.

Não parecia possível, mas eu não pude deixar de imaginar se o improvável estava prestes a acontecer. Será que a Jeanne Galletta realmente ia me convidar para sair?

117

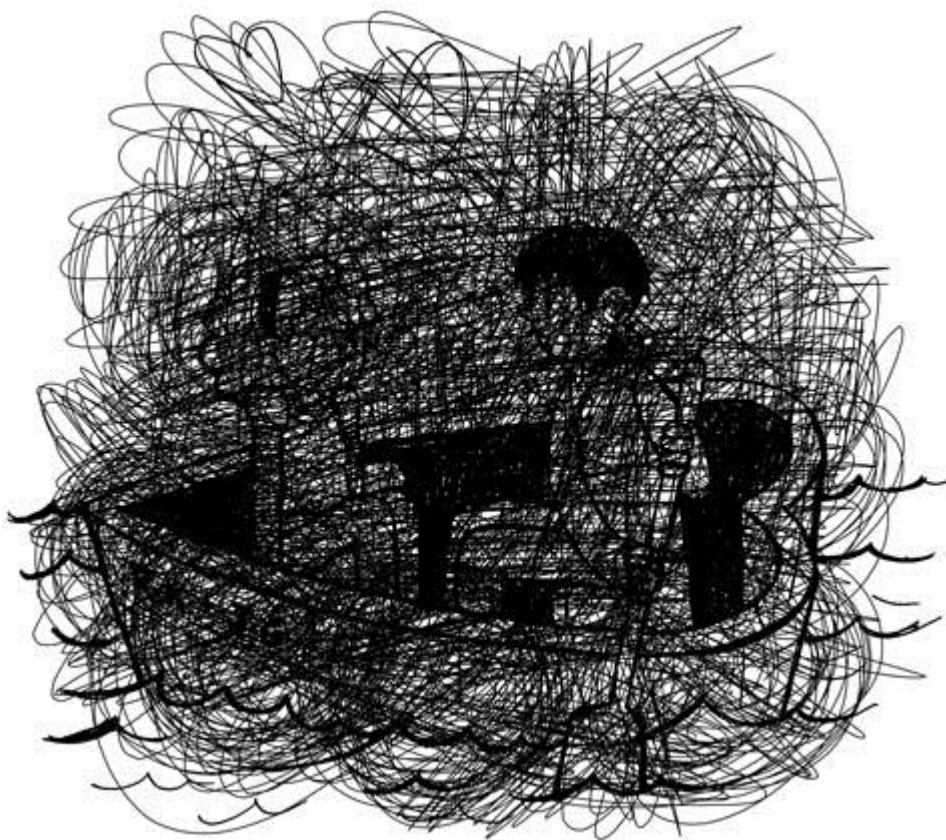


– Ah, que bom. Porque o conselho estudantil vai ao Mercado Duper arrecadar fundos a fim de fazer um grande almoço para várias famílias carentes no feriado.

Vamos vender bolos e biscoitos e também vamos receber doações de alimentos.

Estamos precisando de mais gente para ajudar.

118



– Ah – respondi. – Bom, hum... certo... tudo bem. Parece ser uma boa causa. – (O

que mais eu podia dizer?)

– Ótimo! – disse a Jeanne. – Três e meia na quarta. E se você puder pedir para sua mãe ou seu pai fazer um bolo para vender, seria ótimo.

– Claro. Minha mãe faz um bolo de chocolate delicioso, com muita cobertura.

Vou levar um.

– Obrigada, Rafa, fico muito contente por você fazer isso. – Então, antes de se afastar, ela chegou bem pertinho mais uma vez e sussurrou: – Eu gosto de você assim. E não se preocupe. Seu segredo está a salvo comigo.

Antes que eu pudesse dizer ou fazer qualquer coisa para estragar tudo, ela já estava indo embora. E eu pensei:

*Hummmm...*





120

**CAPÍTULO 40**

Tudo pela caridade

Isso era mesmo inédito. Ninguém, durante minha vida inteira, jamais tinha pedido que eu ajudasse em alguma coisa beneficente. Quando contei à minha mãe, ela achou ótimo e conseguiu fazer com que o Swifty doasse um bolo de chocolate para a causa. Apareci com o bolo no mercado Duper na quarta à tarde.

– Rafa! Você veio! – disse Jeanne.

Ela parecia uma abelha-rainha no meio daquilo tudo. Tinha uma mesa grande do lado de fora, com bolos e biscoitos e tal, e uma caixa enorme na qual as pessoas que saíam do mercado podiam colocar alimentos para doar. E tinha um pote no meio da mesa com uma etiqueta que dizia “Obrigado!”.

– Aqui está mais uma ajudazinha – falei, colocando 10 pratas no pote (que na verdade eu não podia doar) das vendas de energético daquela semana.

– Uau! – Os olhos de Jeanne se arregalaram, como se ela estivesse impressionada de verdade, e meu coração começou a bater um pouco mais rápido (está bem, muuuuuito mais rápido). – Sabe, estamos tentando informar às pessoas da vizinhança sobre a venda. Fizemos uns cartazes e estamos entregando panfletos por aí. Você acha que pode...?

– Estou dentro! – falei.

– Ótimo! – respondeu ela. Então estendeu as mãos para debaixo da mesa e tirou de lá algo que parecia ser uns 10 quilos de pelúcia laranja. – Nós pegamos isto emprestado com o pessoal do ensino médio. É meio grande, mas acho que vai servir em você.

Era a fantasia do mascote da Escola Municipal de Hills Village: um falcão cor de laranja com asas, um grande bico amarelo e uma capa

azul de super-herói.

– Isto aqui vai realmente chamar a atenção das pessoas – disse Jeanne.

– Você está brincando, não é? – Só de olhar para a cara dela, eu já vi que não estava. – Quer dizer, bem... claro – falei. – Tudo pela caridade.

– Valeu, Rafa. Você é demais.

121

Tentei sorrir.

Ainda bem que a fantasia cobria o meu rosto, porque ele ficou com uns 16 tons diferentes de vermelho quando vesti aquilo. Enquanto atravessava o

estacionamento do mercado, tive certeza de que as gargalhadas que eu estava escutando eram das pessoas rindo *de mim*, e não *comigo*. Principalmente porque eu não estava rindo... nem um pouco.

Mas vou dizer mais uma coisa. Quando saí pela rua e percebi que ninguém sabia quem eu era (como no dia da fantasia de ninja), eu meio que comecei a gostar daquilo.

Bati as asas, pulei de um lado para outro com meu cartaz, distribuí panfletos e dei tapinhas nas costas das pessoas que aceitavam. Motoristas buzonavam ao passar e alguns deles até entraram no estacionamento quando apontei o caminho.

Modéstia à parte, acho que fui o melhor mascote do mundo.

E não fique aí achando que a Jeanne não reparou, porque ela reparou, sim.

– Você foi fantástico – disse ela depois. – Obrigada mais uma vez, Rafa.

Eu gostei de ela me achar fantástico. Isso fez com que eu me *sentisse* fantástico.

E não só Jeanne Galletta ficou sorrindo para mim o tempo todo, como eu também tinha passado a tarde inteira fazendo o tipo de coisa que as pessoas boas fazem (não as pessoas apenas normais, mas as pessoas *boas*).

Talvez tenha sido por isso que tive coragem de falar em seguida:

– Quer comer uma pizza depois? Minha mãe pode levar você em casa mais tarde e eu estou morrendo de fome.

– Ah... – disse Jeanne. Aliás, de início isso foi a única coisa que ela disse. E ela não estava mais sorrindo. – Escuta, Rafa...



– Acho que você é muito legal. Pelo menos às vezes – explicou ela.  
– Mas eu não quero que fique com uma impressão errada. Parecia que você estava... sei lá...

mudando, e eu achei que seria bom para você fazer...

– Fazer o quê? – perguntei.

Eu estava totalmente envergonhado, mas também um pouco irritado  
– e minha irritação só aumentava.

– Ah, você sabe... – continuou ela. – Fazer coisas da escola, se envolver mais nas atividades e tal...

– Você achou que ia ser... *bom* para mim? – retruquei. – Como se eu fosse algum tipo de projetinho seu ou algo assim?

– Não foi isso que eu quis dizer.

Então Allison Prouty chamou de dentro do carro da mãe dela.

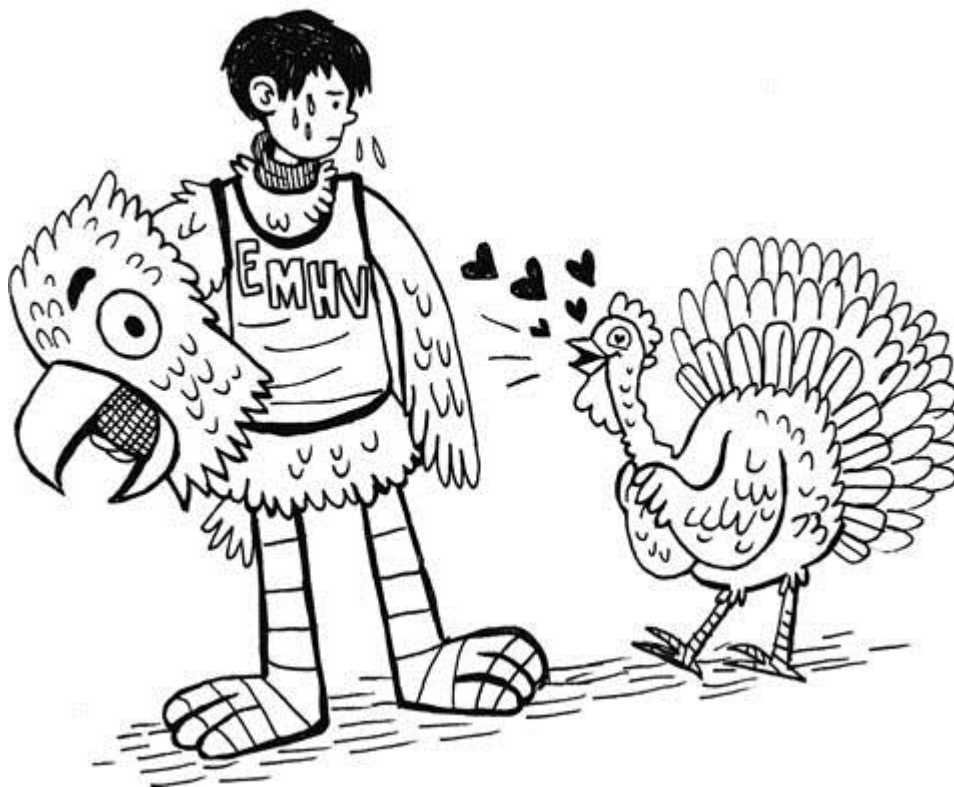
– E aí, Jê, você vem? – Era assim que os colegas populares a chamavam, Jê, de *Jeanne*. Tinha um monte deles no banco de trás.

– Eu preciso ir, Rafa – disse ela. – Por favor, não leve o que eu disse para o lado pessoal. Eu gostei *de verdade* do que você fez hoje.

– Claro – respondi. – Você ganhou algum ponto extra por isso?

– Jeanne! – gritou Allison. – Vamos!

123



– Eu tenho mesmo que ir. Tomara que seu feriado seja ótimo, Rafa. A gente se vê na semana que vem.

– Hum... Beleza – respondi, mas ela já tinha ido embora.

Eu até podia estar vestido como um falcão, mas vou dizer uma coisa: estava me sentindo um peru tonto e desmoralizado.

124



Hora do boletim:

Só 10... oba!

Quase nada mudou em dezembro. Aliás, se eu ficasse falando muito sobre essa época, você iria pensar que todas as páginas do livro estavam repetidas e que você estava lendo a mesma história várias vezes. Então, aqui está a versão resumida: Miller continuou sendo o idiota detestável e desprezível de sempre. Eu precisei guardar um pouco do dinheiro do energético para comprar os presentes de Natal, então só consegui recuperar mais 12 páginas do meu caderno.

E na escola? A última coisa que a professora Donatella me disse antes das férias foi: "Continue se esforçando, Rafa. Eu sei que você

pode melhorar. E eu sei que também sabe disso." Em outras palavras: "Não espere nenhuma boa notícia no seu boletim."

Foi por isso que eu fiquei torrando no sol nas primeiras manhãs do recesso de fim de ano, esperando o carteiro. Minha mãe está sempre no trabalho à tarde, e o Urso nunca repara em nada mesmo, a não ser que esteja passando na TV ou tenha linguça por cima, então eu estava seguro.

No terceiro dia chegou um envelope exalando cheiro de desgraça, com o endereço da EMHV como remetente. Eu o enfiei no bolso, levei todo o resto da correspondência para dentro e fui para o meu quarto conferir o tamanho do desastre.

125

MATÉRIA	NOTA	OBSERVAÇÕES/COMENTÁRIOS
Estudos sociais	0	Mos quem precisa de estudos sociais?
Inglês	4	Donatella é horrível!
Ciências	3	Ciência e coisa de nerd!
Matemática	0	Obrigado por brincar. Mais sorte da próxima vez!
Espanhol	0	Eu mal consigo passar em Inglês!
Ed. Física	5	Putz! Um 5 em Ed. Física?! É <u>tao</u> difícil assim?
Artes	6	E isso aí! <u>GÊNIO!</u>



Também tinha uma carta para minha mãe, assinada pela professora Ida. Dizia que ela “entraria em contato” depois das férias para que elas pudessem “marcar uma reunião” e conversar sobre “o desempenho acadêmico do Rafa”.

Ai, caramba. Era pior do que eu pensava.

Basicamente eu tinha duas opções. Podia acabar logo com aquilo e deixar meu boletim na bancada da cozinha, onde minha mãe o encontraria. Ou... podia ganhar um pouco de tempo. Assim minha mãe teria um Natal mais ou menos decente sem ter que se preocupar comigo por um tempinho. Ela merecia isso e, para dizer a verdade, eu sentia que eu merecia também.

Minha primeira ideia foi simplesmente enfiar tudo embaixo do meu colchão, mas o Leo detesta quando eu faço as coisas pela metade.

– Por que se arriscar? – perguntou ele. – Existem muitas maneiras melhores do que essa de fazer as coisas desaparecerem.

Ele tinha razão, é claro, então mudei o plano. Enfiei tudo no bolso de novo, fiz uma parada rápida na cozinha e então peguei a coleira do Duque do gancho atrás da porta dos fundos.

– Duque! Aqui, garoto!

126

Existem exatamente duas maneiras de fazer amizade com o Duque: comida e passeio. Assim que viu a coleira na minha mão, ele veio correndo como um jogador de futebol quadrúpede, pulou em cima de mim e me imprensou contra a porta, jogando baba para todos os lados.

– Aonde você vai, pirralho? – perguntou o Urso do sofá.

– Só vou levar o Duque para passear – respondi com naturalidade, com se eu sempre fizesse isso.

– Acho ótimo – falou. – Vocês dois estão precisando mesmo fazer algum exercício.

*Olha só quem fala, pensei.*

– A gente se vê mais tarde – concluí, e nós saímos.

Andar com o Duque não tem nada a ver com passeio. É mais como ser arrastado por um tanque e tentar caminhar em linha reta ao mesmo tempo. Por sorte, o Duque funciona no automático e foi direto para um campinho em que ele gosta de fazer xixi e tal. Um monte de prédios iam ser construídos ali, mas enquanto isso o terreno ainda estava vazio.

No fundo do campinho tem uma vala com um riachinho que corre para dentro de um cano enorme no fundo. Eu amarrei a coleira do cachorro numa árvore e fui para perto da água, num lugar onde ninguém pudesse me ver.

Depois peguei umas pedras e fiz um círculo perto da água, como se fosse uma fogueirinha de acampamento. Então peguei meu boletim, a carta da professora Ida, o envelope e uma caixa de fósforos que eu tinha levado da cozinha de casa.

Normalmente eu não posso usar fósforos quando minha mãe não está por perto, mas, bom, eu também não devia queimar meu boletim. Coloquei tudo bem amassado no meio do círculo e acendi.

Quando só sobraram cinzas, chutei tudo para a água e fiquei olhando enquanto os restos sumiam dentro do cano. Em seguida, alisei o terreno para não ficar nenhuma pegada, desamarrei o cão e deixei que ele me arrastasse até em casa pelo caminho mais comprido, dando a volta no quarteirão, só para o caso de alguém

estar olhando. Demorei o máximo que pude – como disse o Leo, para que se arriscar?

E adivinhe só? Deu certo. (Por um tempinho, pelo menos.)

127

## CAPÍTULO 42





**CAPÍTULO 43**

Curto e doce, porém

mais curto que doce

Certo, o Natal não foi exatamente assim, mas, para dizer a verdade, poderia ter sido bem pior. Pelo menos não aconteceu nenhum grande desastre.

A parte mais estranha foi estar com o Urso em casa na manhã de Natal pela primeira vez. Minha mãe sabia que Georgia e eu não íamos querer dar presentes para ele, então ela comprou umas coisinhas e colocou nosso nome nos cartões.

Não fiz nenhum comentário sobre isso, para ela não ficar chateada. Eu só disse “de nada” quando ele abriu o presente que eu supostamente comprei para ele e “obrigado” quando abriu o que ele supostamente comprou para mim.

Depois disso, minha mãe serviu a ceia, que estava uma delícia, com dois tipos de torta da lanchonete: maçã e chocolate. Eu repeti duas vezes e nós ficamos acordados até tarde, assistindo a *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* na TV.

E aí o Natal acabou.

E aí a minha mãe ficou sabendo das minhas notas e a dureza recomeçou. Tudo de novo...

(Reparou como este capítulo passou rápido? Meu Natal foi exatamente assim.

Minha mãe chama isso de “a arte imitando a vida”, mas para mim é só a minha péssima sorte mesmo.)



**CAPÍTULO 44**

## Achados e perdidos

Minha mãe estava sentada ao computador quando eu saí da cozinha naquela manhã. Assim que vi o que ela fazia, percebi que estava frito. Ela estava olhando o site da Escola Municipal de Hills Village.

E lá estavam as minhas notas, bem na tela.

– Não era para a gente ter recebido isso pelo correio? – perguntou ela.

– Hum... acho que sim – respondi, tentando não entrar em pânico nem soar como alguém que tivesse queimado o próprio boletim num buraco qualquer.

O Urso estava debruçado na bancada, com meio pedaço de torta que tinha sobrado do Natal numa das mãos, uma garrafa de leite na outra e o Duque lambendo as migalhas do chão ao redor dele.

– Belas notas, pirralho – ironizou ele.

– Essas notas não estão muito boas, querido – disse a minha mãe. – O que aconteceu?

Era mais uma daquelas perguntas para a qual não existia nenhuma boa resposta.

Eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

– Talvez estejam ensinando as matérias erradas.

Provavelmente era verdade, mas eu não conseguiria me safar só com isso. Minha mãe só olhou para a tela mais uma vez e suspirou, como se estivesse assistindo a um filme triste.

– Enfim – continuou ela –, não podemos deixar as coisas ficarem ainda piores, não é?

– Em outras palavras – intrometeu-se o Urso –, sua mãe tem pegado muito leve com você ultimamente. Esses dias acabaram.

– Não foi isso que eu quis dizer – retrucou minha mãe, mas o Urso continuou tagarelado.

130

– Então vou dizer o que vai acontecer – falou ele. – Quando a aula terminar, você vem direto para casa todos os dias. Você vai fazer seu dever antes de qualquer outra coisa e eu vou conferir para ter certeza de que fez direitinho.

– *O quê?* – falei.

– Vai ser assim mesmo, rapazinho.

– Pode esquecer – respondi. – Você não é meu professor e não é meu pai, entendeu?

Aquilo tinha passado muito dos limites – até mesmo para o Urso. Olhei para minha mãe em busca de apoio, mas deu para ver na hora que ela não ia me ajudar.

– Eu preciso trabalhar, Rafa. Não posso dar conta de tudo.

– Mas poderia, se ele arranjasse um emprego – rebati.

– Ei, eu estou bem aqui – disse o Urso. – E, acredite ou não, eu também já passei pelo sexto ano.

– Sei... No zoológico.

– Olha como você fala comigo, pirralho.

– E tem mais! – emendei. – Não me chame mais de pirralho!

– Não me diga o que fazer – urrou o Urso. – Pirralho.



Parecia que eu ia explodir, mas minha mãe fez isso primeiro. Ela levantou as mãos e berrou algo que soou como:

– AAAAAH!

Então ela disse:

– Será que vocês dois nunca conseguem ter uma conversa normal, uma vezinha sequer?

– Fale com ele – disse o Urso. – Esse garoto é impossível.

Ele pegou o último pedaço de torta da bandeja e enfiou tudo na boca de uma vez só.

Minha mãe se levantou e abriu a geladeira.

– Querem saber de uma coisa? Vocês dois vão ter que resolver isso – decretou ela. – Aliás, esqueçam o que eu disse. Eu não quero nem saber se vocês vão resolver isso ou não. Rafa, de agora em diante será assim. Carl *vai* conferir seu dever de casa e pronto.





Tristeza no primeiro

dia depois das férias

Como o calendário escolar estava atrasado, tivemos apenas um recesso de fim de ano. O primeiro dia de aula depois do Natal começou com um baque. Ou melhor, com um empurrão. Miller literalmente me atacou dois segundos depois que eu passei pela porta. Tinha um montão de gente em volta, e eu nem percebi que ele estava lá até sentir aquela mão tão conhecida na minha nuca.

– Adivinha só, Khatchadorian? Eu dei uma lida no seu caderno idiota durante o recesso – disse ele, bem no meu ouvido. – E a única coisa que posso dizer é: uau.

Você é ainda mais patético do que eu pensava.

– Me deixa em paz! – exclamei, tentando me afastar, mas ele só me segurou com mais força ainda.

Eu praticamente podia sentir o dedão gorduroso dele cutucando a minha medula.

– Então, o negócio é o seguinte – disse Miller. – Ano novo, preço novo. A partir de agora, cada página custa 1 e 50. E, se você tiver sorte, eu não vou mostrar para a sua namoradinha Jeanne Galletta como você gosta de fazer desenhos dela o tempo todo. Sacou?

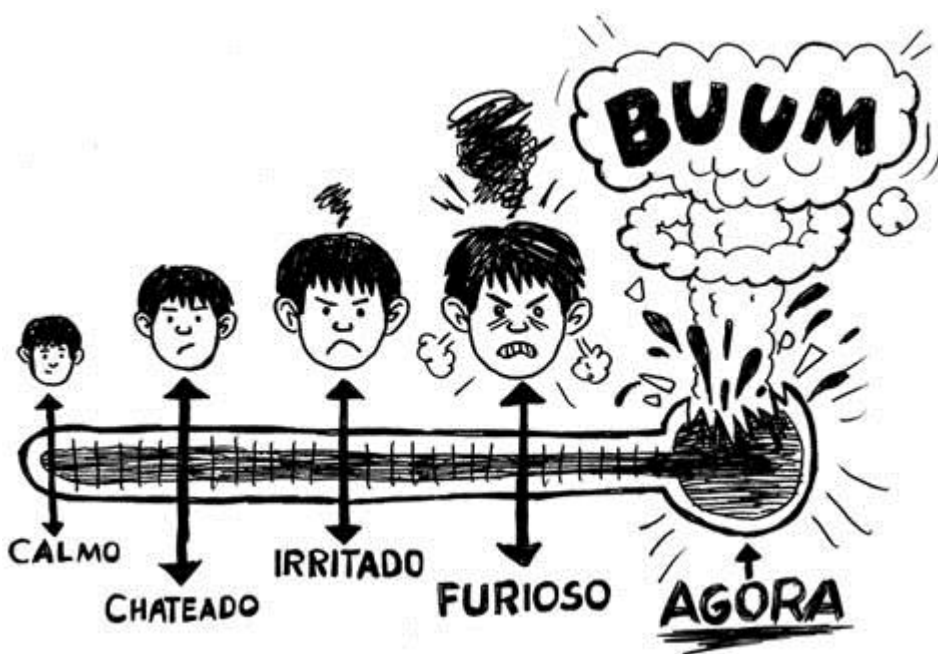
Ele nem esperou a resposta. Simplesmente me jogou no chão com força suficiente para eu cair de cara na frente de todo mundo.

– Olha por onde anda, Picasso – ironizou ele.

Gabe Wisznicki deu um “toca aqui” nele e os dois pisaram nas minhas coisas e saíram andando pelo corredor.

Desde que Miller tinha pegado meu caderno e começado a pegar meu dinheiro, ele tinha perdido um pouco o interesse em me matar. Agora era mais como se ele estivesse me testando, para ver quanto eu aguentava.

133



E acho que a resposta era: eu tinha chegado ao meu limite!

Nem sequer parei para pensar. Eu não "usei a cabeça". Só me levantei e corri direto para cima do Miller. Meus pés saíram do chão. Eu aterrissei em cima das costas dele e o segurei com toda a força que eu tinha.

Miller tentou me acertar, mas então mudou de ideia. Em vez disso, ele se virou e pulou para trás com muita força, de encontro à parede. Se fosse um golpe de luta, se chamaria Sanduíche de Carne Morta... e adivinhe só quem era a carne? Eu não consegui mais me segurar e todo o ar dos meus pulmões sumiu. Caí no chão (de novo) sem que o Miller nem encostasse a mão em mim.

Um bando de gente se juntou em volta. Algumas pessoas começaram a gritar “Briga, briga, briga!”, e a professora Ida saiu da secretaria como se tivesse sido disparada por um canhão.

– O que está acontecendo aqui? – berrou ela.

– O Rafa pulou em cima do Miller! – disse Gabriel.

O problema é que era verdade. Tinha umas 30 testemunhas ali.

– O Miller me jogou no chão! – falei.

– Você tropeçou – rebateu ele, apontando para os tapetinhos perto da porta de entrada.

Eles são bem velhos e esfarrapados, e as pessoas tropeçam neles o tempo todo.

– Mentiroso!

– Covarde!

134

– Vocês dois – disse a professora Ida, fuzilando a gente com o olhar.

– Para a coordenação! Imediatamente!

– Mas eu não fiz nada! – argumentou Miller com os olhos bem arregalados, fazendo-se de inocente.

Na boa: ele devia ser recrutado para o Grupo de Teatro.

Pelo menos a professora Ida não acreditou nele.

– Senhor Miller, você é um dos dois maiores encenqueiros que temos aqui – afirmou ela, e olhou bem para mim, para todos sabermos quem era o outro. – Vamos. Andando!

Eu não tinha muita escolha, por isso obedeci... indo direto das mãos de Miller Matador para as da Sargento Ida.

135

## CAPÍTULO 46



Cumprindo pena com a



Sargento Ida

As algemas apertam meus pulsos. Minhas mãos estão dormentes. O suor escorre pela minha testa, junto com um pouco de sangue, no lugar em que os guardas me bateram antes de me jogar neste buraco.

Há quanto tempo estou aqui? Uma hora? Seis horas? Um dia? Tudo está muito confuso, não consigo me lembrar direito.

De repente, uma luz forte atinge meu rosto. É tão forte que eu não consigo enxergar mais nada. O calor é intenso.

Uma porta se abre em algum lugar. Eu não enxergo ninguém, mas consigo ouvir passos e um barulho de chaves. E então, uma voz.

– Você tem algo a provar, prisioneiro 2041588?

Eu reconheceria essa voz em qualquer lugar. Ela pertence à Sargento Ida D.

Severo, a maior, a mais durona e a mais malvada guarda nesta espelunca. E o *D* no nome dela é a abreviação de *Dor*.

136

– Não, senhora – respondo. – Nada a provar.

Se você se esquecer de dizer “senhora”, ela arranca uma unha da sua mão ou do seu pé do jeito mais dolorido: com um alicate. Acredite, este não é um erro que você comete mais de uma vez.

– Os boatos no pavilhão de celas são de que você atacou Miller Matador sem motivo nenhum – diz ela.

– Isso é porque você só escutou metade da história – tento explicar.  
– Deixaram de fora a parte de que foi o Miller que começou.  
*Senhora.*

– Então você é mentiroso e briguento, é isso?

– Não, senhora. Miller resolveu pegar no meu pé, só isso.

Até onde eu sei, Miller já foi solto. Este lugar não é exatamente a capital mundial da justiça.

A Sargento Ida se inclina para perto de mim. Agora dá para ver seu rosto e a cicatriz comprida e irregular na bochecha dela. Dizem que ela praticava luta livre antes de trabalhar aqui.

– Escute, garoto. Eu estou do seu lado – diz ela, como se fosse para eu acreditar.

– Só quero que aproveite todo o seu potencial, nada mais.

– Meu potencial, senhora? – pergunto.

– É isso mesmo. Seu potencial para ser o arruaceiro mais jovem que nós já enviamos para a penitenciária estadual. – Ela ri na minha cara, mas não há nenhum sorriso para acompanhar o som. – Você acha que este lugar é dureza, 2041588?

Você ainda não viu nada.

Acho que isso era para me assustar, mas não adiantou. O que me assusta mesmo é o soco inglês de latão que neste momento ela está tirando de seu cinturão e deslizando por cima de seus dedos tatuados.

– Nossa conversa terminou – diz ela. – Está na hora de você ir dormir. Diga boa-noite, 2041588.

Então ela me acerta uma... duas... três vezes antes de a sala começar a rodar e tudo ficar preto.

137



Pelo ralo

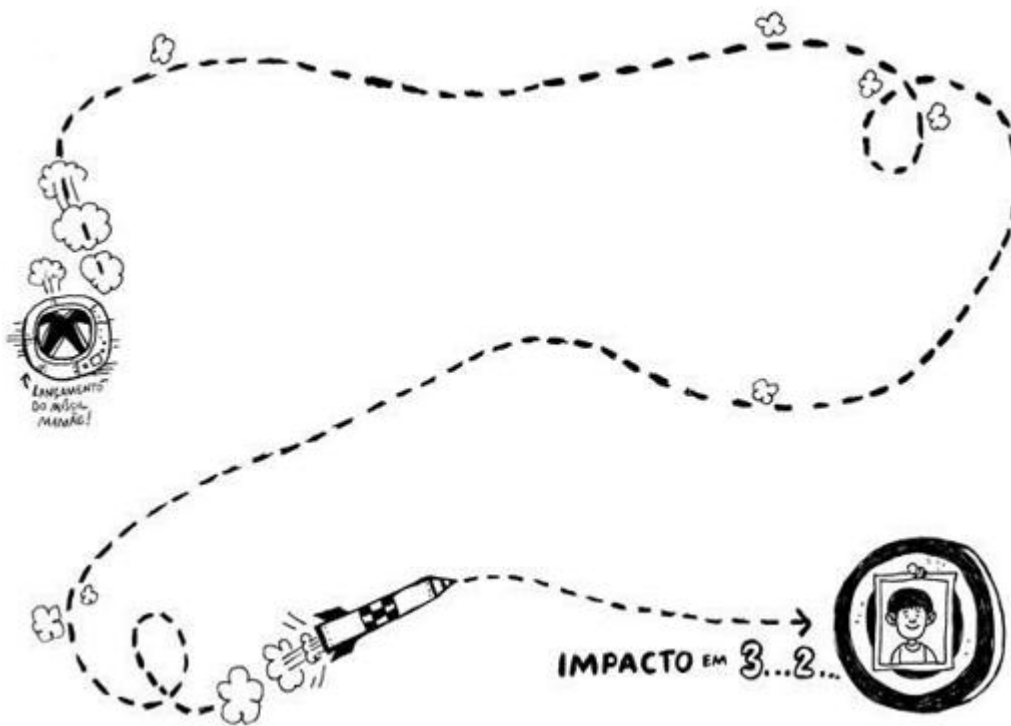
Quando a professora Ida terminou de dar seu sermão sobre más escolhas, maus caminhos e boas maneiras (hein?), ela me deixou lá na Caixa. É assim que nós chamamos a sala de dever de casa na escola. É uma salinha minúscula e sem janelas, a não ser a da porta – para poderem ficar de olho enquanto você faz uma prova de segunda chamada ou está de castigo por se meter em confusão, como era o meu caso.

Depois de um tempo, uma das secretárias chegou e disse que elas estavam me esperando de volta na coordenação.

– *Elas?* – perguntei, mas ela só fez um gesto para a porta, como se eu devesse parar de tomar seu tempo e começar logo a andar.

Quando cheguei à coordenação, descobri rapidinho a resposta. Não que fizesse alguma diferença. Já era tarde demais para tomar qualquer atitude.

O míssil mamãe já tinha acertado o alvo.



BUM!

– Sente-se, Rafa – disse ela. – Precisamos conversar.

Os 45 minutos seguintes naquela sala foram divertidos como um dia no parque de diversões...

Quando está caindo um toró.

E só tem pão de cachorro-quente para comer.

E você é eletrocutado nos brinquedos.

Minha mãe e a professora Ida me fizeram um monte de perguntas com o verbo "*pensar*", como "O que você estava *pensando*?" e "O que você *pensa* que nós devemos fazer agora?", por exemplo.

Então elas pediram que eu saísse para que pudessem conversar um pouco mais.

Depois me mandaram entrar de novo. Eu estava começando a me sentir como um ioiô humano.

– Rafa, está na hora de tomarmos algumas providências – disse a professora Ida.

– Nós levamos brigas muito a sério aqui na Hills Village. Amanhã você vai cumprir um dia de suspensão dentro da escola e, sinceramente, é o mínimo que você merece.

139



– Quanto às suas notas – continuou minha mãe –, a professora Ida acha, e eu concordo com ela, que umas aulas de reforço poderiam ser úteis para você. A professora Donatella já se ofereceu para estudar com você depois da aula às terças e quintas, e eu disse a ela que você estará lá.

– Você também vai ter um colega monitor – explicou a professora Ida. – Alguém da sua idade, para ajudar com matemática e ciências uma vez por semana. Nós temos um programa excelente aqui na escola, e conheço a pessoa certa para o serviço.

140





Ela olhou para o relógio, pegou o telefone e então apertou um botão.

– Senhora Harper, por favor peça à Jeanne Galletta que venha até minha sala.

141



Você que sabe



Minha mãe e o Urso tiveram a maior briga naquela tarde, quando ela contou a ele o que tinha acontecido. Ele ficou gritando, dizendo que ela não era “dura o bastante” comigo, e ela ficava pedindo que ele a deixasse em paz. Eu só fiquei no meu quarto, desejando que aquilo acabasse logo. Finalmente minha mãe disse que estava atrasada para o trabalho e saiu batendo a porta.

Pelo menos tudo ficou em silêncio. Pelo menos isso. Eu acho.

Quando perguntei ao Leo o que ele achava que eu deveria fazer, ele respondeu na hora:

– O que você acha? Cara, você não tem mais nenhum motivo para parar com o jogo, e nós dois sabemos disso.

Era verdade. Eu tinha passado os últimos dois meses tentando ser uma pessoa diferente – uma pessoa normal, talvez até boa –, e não estava me saindo melhor do que antes. Minha mãe estava muito brava comigo, o Urso pegava no meu pé mais do que nunca e os dois passavam o tempo todo brigando por minha causa. E

não era só isso. O Miller também continuava vivo, a Jeanne logo ia começar a ser minha monitora e eu era oficialmente um dos piores alunos da escola. Pelo menos quando estava brincando de Operação R.A.F.A., eu me divertia um pouco – e não ficava só triste e arrasado o tempo inteiro.

Hummm... Então pronto: arrasado com diversão ou arrasado sem diversão? O

que você acha?

Abri a mochila e enfiei a mão lá no fundo para pegar meu livro de regras da EMHV. Fazia semanas que eu nem olhava para ele.

– Por onde começo? – perguntei.

– Tanto faz – respondeu o Leo. – Só escolha alguma coisa e faça.

– Para você é fácil falar – rebati. – Você só precisa ter ideias e depois relaxar. Eu é que tenho que fazer todo o trabalho.

142

– Que tal isto aqui? – sugeriu ele. – Eu dou a você 25.000 pontos por ter brigado com o Miller.

– Não foi uma briga de verdade – argumentei.

Se tivesse sido, eu provavelmente teria saído da escola em várias macas... uma para cada pedacinho meu.

– Você se meteu em encrenca por ter brigado, então ganha os pontos pela briga – disse Leo. – Mais 75.000 pela suspensão. Nada mau, hein? Agora você só precisa ganhar mais 20.000 pontos amanhã até o fim do dia e já poderá se considerar totalmente reativado.

– Você quer dizer depois de amanhã, não é? – falei. – Amanhã vou passar o dia inteiro trancado na Caixa.

– Exatamente – concordou Leo. – Esse é o desafio de boas-vindas para o seu retorno.

Eu devia ter imaginado. Tem sempre uma pegadinha com o Leo.

– Como é que eu vou ganhar 20.000 pontos sentado sozinho numa salinha? – perguntei, mas ele simplesmente se recostou e apontou para o livro de regras na minha mão.

– Você que sabe.

143



## CAPITULO 49

### Cópias

Um pouco depois fui até a sala, onde o Urso estava comendo cereal direto da caixa e assistindo aos melhores momentos de todos os jogos de futebol de ano-novo – que ele já tinha visto.

– Preciso fazer compras – falei.

– Tem uns empanados de peixe no congelador – respondeu ele.

– Não é para o jantar. Preciso ir à papelaria comprar cartolina para um trabalho da escola.

– Que tipo de trabalho? – perguntou ele, como se eu estivesse mentindo (e eu estava, mas ele não tinha como saber).

Olhei para a TV e os resultados de vários jogos estavam passando na tela.

– Estatística – falei. – É um trabalho de matemática.

Aposto que, se o Urso não tivesse acabado de se pronunciar como o governante todo-poderoso do meu dever de casa, ele teria virado para o lado, soltado um pum e dito que aquilo era problema meu. Mas, em vez disso, ele se levantou e berrou para Georgia vestir o casaco porque nós íamos fazer compras.

– Tem uns empanados de peixe no congelador! – gritou ela em resposta.

Quinze minutos depois, todos nós entramos no estacionamento na frente da papelaria. Eu disse que ia comprar minha cartolina e voltava logo.

– Eu quero ir junto! – disse Georgia.

– Espere aqui – falei. – O Urso está perdendo os melhores momentos dos jogos e, quanto mais rápido eu for, mais rápido vamos poder voltar para casa.

– Fique quietinha aí, Georgia – disse o Urso.

Eu estava ficando bom nisso!

144

Entrei correndo e fui direto para as máquinas de xerox. Antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, levantei a tampa de uma delas, coloquei meu rosto no vidro e apertei o botão.

A primeira cópia saiu com meu nariz todo amassado, mas eu acertei na segunda tentativa, o que foi ótimo, porque o gerente me mandou parar de tirar cópias da minha cara (apesar de eu estar pagando).

Foram 80 centavos por duas cópias coloridas, mais 2 e 30 pela cartolina – que eu na verdade não precisava. Isso significava uma baixa no número de páginas que eu poderia comprar do Miller, mas eu ia compensar quando voltasse a vender energético.

– Você demorou demais – disse o Urso quando voltei para o carro.

Deixei as cópias junto ao verso da cartolina, onde ele não poderia vê-las, e entrei.

– Tudo pronto para amanhã? – perguntou ele.

– Acho que só vou descobrir amanhã – respondi, e era a mais absoluta verdade.

145



**CAPÍTULO 50**

pelo menos valeu

a tentativa

É fato que cumprir suspensão dentro do colégio é a coisa mais insanamente chata que pode acontecer com alguém na Escola Municipal de Hills Village. É só você, seu dever de casa e a sala de dever de casa.

O. Dia. Inteiro.

Eu fiz 13 anos naquela sala. O verão acabou, o outono chegou e foi embora.

Guerras aconteceram. Árvores cresceram. Bebês nasceram e pessoas morreram.

Agora eu compreendo totalmente por que a escola dá suspensões: porque, quando você sai de lá, NUNCA MAIS VAI QUERER PASSAR O DIA NAQUELA SALINHA OUTRA VEZ. Eu sabia que eu não queria.

Mas ganhei os meus 20.000 pontos.



Certo, quer saber a verdade? Eu não achei, nem por um segundo, que minha ideia da máscara realmente fosse dar certo... e acabou não dando mesmo. Mas foi a única coisa em que consegui pensar num prazo tão curto. E aí, depois que eu já tinha pensado, comecei a ficar muito curioso e resolvi tentar de qualquer maneira.

Minha mãe diz que toda obra-prima acontece depois de uma longa série de tentativas frustradas.

Eu mal tinha fechado os olhos quando a professora Ida começou a gritar comigo.

– Rafa Khatchadorian, mas que negócio é esse? Pode tirar imediatamente!



Foi o que fiz, mas quando entreguei a ela, algo totalmente inesperado aconteceu.

Ela baixou os olhos para a máscara (era só um pedaço de papel com uma cordinha, nada mais) e o rosto dela começou a ficar todo esquisito. Os olhos dela se estreitaram. As bochechas começaram a tremer. Primeiro eu achei que havia algo de errado, mas daí ela simplesmente caiu na gargalhada.

Não durou muito, talvez dois ou três segundos antes que ela conseguisse se controlar. Então pigarreou uma vez, mandou que eu voltasse a estudar e saiu da sala balançando a cabeça.

Bom, eu não sei se você é capaz de apreciar esse fato sem conhecê-la de verdade, mas fazer a professora Ida rir é a mesma coisa que fazer com que um 147

polvo fique em pé sobre duas pernas e faça malabarismo com as outras seis. Até onde eu sei, ninguém jamais viu isso acontecer na história da EMHV.

Foi por isso que o Leo me deu os 20.000 pontos mesmo assim.

E *essa* é a história de como eu sobrevivi à minha primeira suspensão dentro da escola.

148



## A estreia da monitora

Na hora do almoço da quarta-feira seguinte supostamente aconteceria minha primeira sessão com a Jeanne como minha monitora. Passei o quarto tempo inteiro – que era aula de estudos sociais com o professor Rick – tentando provocar um vômito ou um desmaio só com a força do pensamento, mas a única coisa que consegui foi ficar tonto.

Após o sinal, fui até meu armário, apesar de já estar com meu livro de matemática. Depois fui ao banheiro, apesar de não estar com vontade de fazer xixi.

E fui almoçar, apesar de não estar com fome. E *só então* caminhei devagarzinho até a sala de matemática.

Eu já tinha pedido à professora Ida que me arranjasse outro monitor, mas, a menos que a Jeanne fosse uma assassina em série condenada – ou no mínimo estivesse com piolho –, eu não tinha escolha: estava preso a ela.

Quando cheguei à porta da sala de matemática, meus pés meio que continuaram seguindo pelo corredor, como se soubessem o que era melhor para mim. Talvez eu pudesse dar uma volta inteira e tentar de novo, pensei. Ou, quem sabe... nem isso.

– Rafa? – Olhei para trás e Jeanne estava espiando o corredor. – É impressão minha ou você está prestes a me dar um bolo?

Com ela realmente não tem enrolação, isso eu posso dizer.

– Não, eu só queria pegar uma coisa no meu armário – respondi.

– ã-hããã – disse ela, mas era como se tivesse dito: *Atéééé parece.*

– Olha, Rafa, é só uma sessão de estudo. Eu consigo aguentar se você também conseguir.

*Eu consigo aguentar se você também conseguir? Como é que eu ia recuar agora?*

– Claro – falei. – Sem problema.

Eu a segui para dentro da sala e nos acomodamos numa das mesas de trabalho em grupo. Jeanne já estava com o livro de matemática aberto.

– Você está no capítulo oito, certo? – indagou ela.

– Acho que sim – respondi.

149



– Divisão de frações. Essa é bem difícil.

Eu sabia que ela só estava tentando ser legal. Ela provavelmente já tinha terminado o capítulo oito quando *tinha* 8 anos, e lá estava eu,

ainda tentando começar.

Ela pegou um lápis e começou a apontar para um monte de frações na página.

– Então, está vendo esses números de cima? – perguntou ela. – São chamados de numeradores. E esses aqui de baixo são...

Eu nem sabia que estava prestes a dizer alguma coisa.

– Eu te dou cinco pratas se a gente puder esquecer isso e fingir que nunca aconteceu – disparei.

Escapuliu.

Jeanne ergueu uma sobrancelha. Eu não sabia muito bem o que aquilo queria dizer. Ela continuou olhando para mim durante muito tempo, até eu começar a me perguntar se era o jogo do sério ou algo assim.

Então ela finalmente falou:

– Só para você saber, Rafa, eu nunca achei que você fosse meu “projquinho” ou sei lá o quê. Eu só estava tentando ser legal.

Uau. Fiquei surpreso com o fato de ela chegar a lembrar que eu tinha dito aquilo.

Todo o desastre da véspera do feriado de novembro a essa altura parecia ser coisa 150

do passado, e nós nunca tínhamos tocado nesse assunto, que era meio constrangedor.

Mas sabe o que era ainda mais constrangedor? Falar sobre o assunto.

Além do mais, eu estava cansado de deixar que a Jeanne me visse como um fracassado. Aliás, eu estava começando a ficar cansado de várias coisas ultimamente.

– Eu não achei que você realmente pensasse isso – falei, apesar de achar, sim. – Não é nada de mais. – Jeanne só continuou olhando para mim, então eu abri a mochila e peguei meu livro de matemática, alguns papéis e um lápis. – Vamos continuar. Como se chamam os números de cima mesmo?

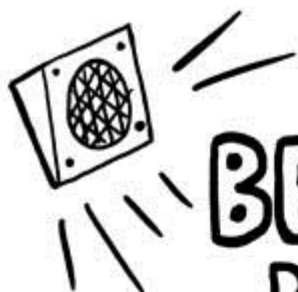
Ela também pegou o lápis dela.

– Tem certeza de que quer fazer isto?

– Claro – respondi. – Eu consigo aguentar se você também conseguir.

151





**BEM-VINDOS**  
DE VOLTA, FÃS DA  
**OPERAÇÃO**

**R.A.F.A.** ★

Este jogo está sendo ★  
transmitido **AO VIVO** diretamente  
da **EMHV**, estamos no terceiro  
bimestre da ação e o placar é de

**RAFA**  
**KHATCHADORIAN:**  
**910.000,** e

## Passo a passo

...Hills Village: O! Khatchadorian vem demonstrando uma bela performance nessa etapa. Muita gente pode ter pensado que ele tinha desistido para sempre depois daquele tropeço na primeira parte, mas ele voltou com força total. Desde então, as jogadas dele têm sido fenomenais. Vamos rever os destaques:

152



Pessoal, não se esqueça de que este jogo não tem a ver apenas com cumprir tarefas. O importante é COMO isso é feito. O instrutor de Rafa, Leo Caladão, insiste na técnica acima de tudo: técnica, técnica, técnica, e Khatchadorian fez jus à ocasião. Ele não apenas está de volta, senhoras e senhores. Ele está melhor do que nunca!

153



Claro que a pergunta na mente de todo mundo é se Khatchadorian será capaz de quebrar absolutamente todas as regras do código e avançar para a última rodada.



De acordo com nossa última pesquisa do R.A.F.A.-Net, 72% de vocês aí acreditam que ele vai conseguir no final. Vou dizer o seguinte, senhoras e senhores... a julgar pela qualidade de suas jogadas no terceiro bimestre, parece que ele pode mesmo conseguir!

154



Temos escutado Khatchadorian falar muito a respeito de algum grande lance que vai ocorrer na conclusão do jogo. Vamos ter que esperar para descobrir se isso é verdade ou se não passa de embromação. Mas uma coisa é certa: os maiores obstáculos de Rafa ainda estão pela frente. Será que ele sobreviverá e sairá vitorioso dessa? A única coisa que podemos dizer neste momento, senhoras e

senhores, é que vamos acompanhar esta história até o fim, de um jeito ou de outro. Então, fiquem ligados!

155



Terças e quintas

Eu não sei bem qual seria a diferença entre *aula de reforço* com a professora Donatella e *castigo* com a professora Donatella, mas pareceu muito que eu tinha ganhado um monte de castigos só por ser burro.

Na maior parte do tempo, nós fazíamos exercícios normais de aula, como analisar orações (bocejo) ou fazer pesquisas para meu trabalho de estudos sociais sobre mineração de cobre (bocejo... zzzzzz). Mas, numa terça-feira à tarde, eu cheguei e ela estava com um monte de grandes cadernos de desenho, lápis e canetinhas em cima da mesa.

– O que é tudo isto? – perguntei.

156



– Achei que você estava precisando de um pequeno descanso – disse ela. – Hoje nós vamos apenas desenhar. – Então ela pegou um

caderno e eu percebi que ela queria mesmo dizer *nós*. – Você parece surpreso. Eu adoro desenhar. Você pode criar qualquer coisa a partir de absolutamente nada. O que pode ser melhor que isso?

Eu não sabia qual era o objetivo dela com aquilo, mas fui lá e peguei um caderno assim mesmo.

Durante a hora seguinte nós só ficamos lá desenhando. Esperei que ela começasse a me fazer perguntas ou passasse algum tipo de tarefa, mas isso não aconteceu. Quando o sinal da saída tocou, ela só pediu para ver o que eu tinha feito. Com certeza aquele foi o melhor não-exatamente-um-castigo que eu já tive.

157



– Você tem uma imaginação maravilhosa – disse ela, quando viu tudo o que eu tinha desenhado. – É só olhar esta página para reconhecer isso.

Por um segundo eu tive vontade de contar a ela sobre o Leo. A maior parte do que estava “nesta página” parecia ter vindo dele. Mas a professora Donatella provavelmente já me achava bem desequilibrado sem isso. Ela não precisava saber que eu me inspirava em alguém que nem estava presente.

Quando ela terminou de ver os desenhos, comecei a arrancar minhas páginas, mas ela disse que eu podia ficar com o caderno todo.

– Faça bom uso dele, certo? – disse ela. – Bom trabalho por hoje, Rafa. Excelente, aliás.

Eu não tinha certeza se devia pegar o caderno ou não. Aquilo parecia uma espécie de teste, e eu não sabia qual era a resposta certa.

– Mas nós não fizemos nada hoje – retruquei.

A professora Donatella só deu de ombros.

– Acho que isso depende da maneira como você vê as coisas.

Eu precisava ir embora. O motorista do último ônibus era sempre super-rigoroso com o horário, e eu não queria ter que ir a pé para casa. Então peguei o caderno.

Ainda não tinha certeza se era isso mesmo o que eu deveria fazer, mas a professora Donatella não estava ajudando.

# CAPÍTULO 54

**OPERAÇÃO R.A.F.A.**

**TABELA DE PONTOS**

★	REGRAS QUEBRADAS	86	★
★	REGRAS RESTANTES	26	★

**PONTOS: 910.000**

**VIDAS...**

~~3~~ ~~2~~ ~~1~~ ~~0~~

cuidado!

Missão especial

Eu estava perto.

Perto do fim do código de conduta, perto de recuperar todas as minhas páginas do Miller e mais ou menos perto do fim do ano. O clima já estava esquentando e logo chegaria a hora de começar a pensar sobre o projeto final.

Mas, primeiro, tinha outra coisa que eu queria fazer.

E não era para ganhar pontos. Nem pelo Leo. Era só por mim, e eu ia precisar de todas as minhas habilidades para conseguir – talento, discrição e coragem. Minhas três grandes habilidades.

159



Eu já tinha reunido meu material (seis pratas por 100 cópias em preto e branco na papelaria) e tinha levado tudo para a escola naquela manhã. Agora, lá estava eu, assistindo à aula de espanhol do primeiro tempo, pronto para dar o próximo passo.

Na aula do Señor Wasserman, quase sempre dá para conseguir permissão para ir ao banheiro, contanto que você peça em espanhol. Eu tinha treinado bastante na noite anterior.

– *Señor Wasserman, me permite ir al baño?* – perguntei.

– *Sí, Rafael* – respondeu ele.



A parte difícil não era conseguir permissão para ir ao banheiro, mas sair da sala com as cópias que eu tinha levado para a escola sem ninguém perceber. E era por isso que eu já havia colocado uma pilha delas na parte de trás da cueca. Não tinha problema se o papel amassasse. Aliás, eu até gostei do resultado, já que esse plano todo era para me vingar do maior bundão da escola.

160



## CAPÍTULO 55

É bullying

quando você provoca

o provocador?

Na hora do almoço eu já tinha saído da sala quatro vezes e ido a quase todos os banheiros de meninos, a dois banheiros de meninas, aos fundos da biblioteca e a vários armários do segundo andar – tudo sem ninguém me pegar. Àquela altura, não só todo mundo tinha visto meus folhetos como também estava falando deles.

Não é que eu realmente esperasse que as pessoas acreditassem nessa história de que o Miller é algum tipo de frango, um matador

ou algo assim. De qualquer forma, eu tinha a sensação de que o apelido ia pegar por um tempo.

Isso resolvia a parte ofensiva do meu plano. Agora estava na hora de cuidar da defensiva.

Eu não tinha visto o Miller desde a hora da chamada, mas não precisava ser nenhum gênio para saber que eu estaria no topo da lista de suspeitos dele. Aliás, era bem provável que ele já estivesse atrás de mim naquele exato momento. Então saí para procurá-lo.

Ele e os amigos costumavam ficar no corredor na frente do ginásio na hora do almoço, então provavelmente estariam lá. Meu coração martelava no peito enquanto eu caminhava na direção deles.

O Ricky Peña foi o primeiro a me avistar e cutucou o Miller com o cotovelo.

Quando ele se virou, pude ver um dos meus folhetos amassado na mão dele... isso sem falar no instinto assassino em seus olhos.

Ele veio direto para cima de mim.

– Não fui eu! – fui logo dizendo. Mesmo assim, ele me agarrou pela camisa, mas eu não parei de falar. – Eu só quero... sabe como é. Eu tenho 15 dólares – falei a ele.

Essa era a parte esquisita entre nós dois: nos detestávamos, mas, mais do que isso, ele queria o meu dinheiro e eu queria meu caderno de volta. Nenhum de nós 161



tinha falado nada sobre isso para a professora Ida, mesmo quando fomos suspensos. Era como se fosse a máfia da escola ou algo assim.

O Miller ficou me olhando um tempão, como se estivesse tentando decidir o que fazer comigo. Então ele largou a minha camisa.

– Tudo bem – disse ele. – Banheiro do terceiro andar, cinco minutos.

– Cinco minutos – respondi e me afastei, mas meu coração continuava batendo acelerado como antes. Já estava quase terminando.

Será que eram cinco minutos até eu conseguir o que queria?

Ou cinco minutos de vida?

162



Dez páginas e uma mentira

**NÃO ENTRE NESSE BANHEIRO!**

É isso que você está pensando agora? Eu sei, eu sei... que tipo de idiota se deixaria encurralar desse jeito? Acho que a resposta é: um idiota desesperado.

Fui direto para o terceiro andar e esperei no corredor, para ter certeza de que o Miller viria sozinho. Quando ele chegou, eu o segui para dentro e nós dois conferimos se as cabines estavam vazias antes de dizer qualquer coisa. Então o Miller se virou para mim e estendeu a mão.

– O dinheiro.

Assim que entreguei as notas, ele me agarrou e torceu meu braço atrás das costas.

– Você acha que eu sou burro? – Ele tirou o folheto amassado do bolso e tentou enfiar na minha boca. – Você está totalmente morto por causa disto.

– Já falei que não fui eu! – argumentei, enquanto virava a cabeça para o outro lado. Meu braço estava doendo, mas eu ainda estava inteiro... por enquanto.

– Não me venha com essa. Você desenha o tempo todo. Está tudo neste seu caderno idiota – disse ele.

– Você *olhou* os meus desenhos? – perguntei. – Eles não têm nada a ver com o...

hum... com aquela outra coisa. – Parecia má ideia dizer “Miller, o Frango Matador”

em voz alta naquele exato momento.

– Você pode só ter fingido que era diferente – disse o Miller, torcendo meu braço um pouco mais. Tentei não soltar um grito de dor. – Você pode ter feito outro tipo de desenho ou algo assim.

– Miller, fala sério! – falei. – Passei metade do ano tentando pegar minhas coisas de volta de você. Acha mesmo que eu ia estragar tudo com algo tão idiota assim?

Eu ainda estava com mais medo do que tudo, mas preciso dizer: esse foi basicamente o momento mais genial da minha vida. Além de acreditar e enfim me

solto, ele também me deu as 10 páginas pelas quais eu tinha pagado. Tirando o meu braço, que doía à beça, eu não me sentia tão bem havia muito tempo.

– Quantas páginas ainda faltam? – perguntei. Ele tinha parado de me devolver na ordem, e eu estava perdendo as contas.

– Só continue trazendo o dinheiro e vai saber – respondeu ele. – Mas vou dizer uma coisa: se você descobrir quem fez isso... – ele jogou o folheto no lixo e derrubou a lata com um chute – eu dou 10 páginas de graça para você.

– Combinado! – falei e saí enquanto ainda dava.

Quando deixei aquele banheiro, cheguei à conclusão de que o Leo tinha que me dar uns bons pontos por aquilo, no final das contas. Não tenho certeza se quebrei alguma regra naquele dia, mas nem fazia diferença. Percebi que existia mais de um jeito de lutar uma guerra. E – pode acreditar – isso vale muito.

164



Na reta final

Então, no último dia do terceiro bimestre, uma coisa fantástica aconteceu.

Eu estava vendendo energético no meu armário – devagar mas com bom fluxo, para não ser pego – e, quando disse ao Miller que estava pronto para comprar mais algumas páginas, ele confessou que só faltavam nove.

– Mas o preço acabou de subir de novo – informou ele. – Você pode levar todas por 20 paus.

Nem liguei. Eu tinha mesmo 27 no bolso e, como o Miller não sabia disso, foi quase a mesma coisa que economizar sete dólares. Melhor ainda: o ano letivo estava finalmente chegando à reta final e, com ele, o reinado de terror do Miller.

(Tudo bem, o reinado de terror do Miller nunca chegaria ao fim, mas pelo menos ele não ia mais poder ficar me ameaçando com a história daquele caderno idiota.) Cheguei à conclusão de que aquele era um bom momento para começar a planejar o grande desfecho da Operação R.A.F.A. As regras determinavam que eu tinha que passar por todo o *Código de conduta da EMHV* antes de poder seguir para a última rodada, mas isso não significava que eu não pudesse ir me preparando enquanto isso.

Depois da escola fui até a papelaria e comprei um pincel atômico bem forte.

Escolhi um daqueles que têm a ponta enviesada, para poder desenhar linhas grossas e finas com a mesma caneta. Custou 4 e 99, o que me deixou com dinheiro para comprar apenas um pacote de batata frita sabor churrasco picante no caminho de volta para casa.

Fui até a garagem e peguei um rolo de fita crepe das coisas do Urso, uma pilha de jornais do lixo reciclável e uma latinha de energético para tomar com a batata frita.

Levei tudo até o meu quarto e encaixei uma cadeira embaixo da maçaneta para garantir segurança máxima, só por precaução.

Usei a fita crepe para colar uma camada tripla de jornal na parede, de forma que o pincel atômico não a sujasse enquanto eu desenhava. Além disso, coloquei por 165

**"INESQUECÍVEL"**  
-Diretor David

**"RAFA KHATCHADORIAN É UM CRIMINOSO...  
E UM GÊNIO!"** -Ida Severo

**"ELE É O MÁXIMO!"**  
-Jeanne Galletta

**"👍👍"**  
-Leo Caladão

cima algumas páginas do caderno de desenho grande da professora Donatella, de ponta a ponta. Acabei ficando com uma tela gigantesca.

Agora eu estava pronto para começar a treinar.

O Leo veio ficar comigo e me deu várias ideias, como sempre.

– Faça assim – dizia ele. – Tente aquilo. Coloque isto ali. Apague isso aí...



Ele parece meio mandão quando eu escrevo aqui, mas, pode acreditar, nós formamos uma bela dupla.

Quanto mais eu treinava com o pincel atômico, melhor eu ficava. E quanto melhor eu ficava, mais rápido me tornava, e isso também era muito importante. A velocidade seria fundamental quando chegasse a hora de agir de verdade.

Eu também estava começando a me animar. Para mim, parecia que o fim da Operação R.A.F.A. nunca ia chegar, mas agora eu já podia enxergá-lo.

166



Rafa Khatchadorian

é o maior idiota

Então chegaram as notas do terceiro bimestre.

Parecia que alguém tinha pegado todas as minhas péssimas notas do último boletim e reorganizado em lugares diferentes. Em outras palavras: dois meses de aulas de reforço e a única coisa que eu tinha aprendido era como combinar 2 e 0

de forma diferente.

Eu sabia que a Jeanne estaria louca para saber como “nós” fomos, então levei o boletim comigo para nossa sessão de estudos.

– Não leve para o lado pessoal – disse a ela. – Não dá para consertar um carro se ele não tiver motor, certo?

Eu até bati na cabeça, como se ela fosse oca, mas a Jeanne não deu risada. Ela só ficou lá, parada, olhando para as minhas notas.

Eu tentei mais uma vez.

– Ei, veja o lado positivo: mais um bimestre e a gente pode se despedir do sexto ano para sempre.

– Bom – disse ela finalmente. – Espero que sim.

– Você espera que sim? – Eu não gostei daquilo, nem um pouco. – Do que você está falando?

– Estou falando que você já deve ter pensado sobre esse assunto, certo?

– Eu já devo ter pensado a respeito de quê?

– Das suas notas, Rafa. Você não pode passar o ano todo com o boletim assim e ficar achando que vai direto para o sétimo ano. Podem obrigar você a fazer aulas extras ou a ficar de recuperação nas férias. Ou... – Jeanne mordeu o lábio, como se não quisesse falar a parte seguinte. – Ou... você pode ter que fazer o sexto ano todo de novo – completou ela, logo antes de a minha cabeça explodir em um milhão de bilhões de pedacinhos.

167



168

## **CAPÍTULO 59**



169

**CAPÍTULO 60**



Enrolando para

ganhar tempo

Eu me levantei e saí direto da sala de matemática.

Não poderia chorar por causa disso... não na frente da Jeanne.

Não na escola.

De jeito nenhum.

Mas eu fui direto para o banheiro e me tranquei em uma das cabines, só para garantir.

*Como é que isso foi acontecer?*

Eu tinha passado todo o ano pensando em como sobreviver ao sexto ano e acabei me esquecendo de considerar a pior coisa possível. Era como não enxergar a aproximação de um porta-aviões...

E QUE TIPO DE IDIOTA NÃO VÊ UM PORTA-AVIÕES SE APROXIMAR?



Pensei seriamente em sair daquela escola e nunca mais olhar para trás. Quer dizer, de que adiantava terminar o ano se eu simplesmente ia ter que repetir tudo de novo?

Mas, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, alguém começou a bater na porta do banheiro.

– Rafa? Você está aí?

Era a Jeanne. Inacreditável.

Não respondi, mas a porta se abriu assim mesmo.



– Estou entrando – disse ela e, um segundo depois, vi os tênis dela por baixo da porta.

– Rafa?

– Vá embora – falei.

– Não é o fim do mundo, sabe? Ainda nem chegou o fim do ano letivo. Ainda dá tempo.

– Tempo para quê? Um transplante de cérebro?

– Para você tirar notas boas.

171

– Falando assim até parece fácil. Você dorme e acorda pensando em frações.

Ela deu um passo mais para perto e eu vi o olho dela na fresta da porta. Se eu pudesse dar descarga em mim mesmo e sumir dali, era o que eu teria feito.

– Sabe o que meu pai diria agora? – perguntou Jeanne.

– Sei: “O que você está fazendo no banheiro dos meninos?”

– Não. Ele iria falar para você tomar coragem.

– Tomar coragem? – indaguei.

– É o que ele sempre diz quando acha que eu estou prestes a entregar os pontos.

“Não desista... coragem!”

Eu fiquei em pé e abri a porta da cabine.

– Eu não estou prestes a entregar os pontos – afirmei, e isso era meio patético, já que eu estava parado bem do lado de uma privada.

– ã-hã – disse Jeanne. – Será que nós podemos terminar esta conversa em algum outro lugar, por favor?

Mas então... *toc toc toc toc!*

Alguém estava do lado de fora. Aquilo estava começando a ficar esquisito de verdade.

– Olá? – perguntou uma voz conhecida. A porta se abriu e a professora Ida estava ali parada, com cara de quem ia matar um. – Rafa Khatchadorian e Jeanne Galletta!

O que diabos está acontecendo aqui?

172





A Jeanne Galletta se  
mete em confusão pela  
primeira vez na história

do universo

Se você tivesse dito, no começo do ano, que a Jeanne Galletta iria ser mandada para a coordenação por algum outro motivo além de colecionar prêmios e ser perfeita, eu teria dado risada na sua cara.

173



E se você tivesse falado que ela seria mandada para lá por ter sido pega no banheiro dos meninos sozinha comigo, eu teria dado risada na sua cara, mas de uma distância segura, porque você obviamente seria uma pessoa maluca e perigosa.

No entanto, lá estávamos nós, cinco minutos depois, sentados no banco da vergonha, na frente da coordenação, esperando para levar bronca.

– Eu não acredito que isto está acontecendo – sussurrou Jeanne. – É uma injustiça!

– Nada de conversa! – falou a Sra. Harper, da mesa da secretaria.

Jeanne só balançou a cabeça. Não dava para saber se ela queria berrar ou chorar, ou os dois. Então, quando a Sra. Harper parou de

olhar para a gente, eu escrevi um rápido bilhete em um papel velho de aviso de atraso e passei para ela.

Ela chegou a sorrir quando leu aquilo, mas não durou muito. A professora Ida logo abriu a porta da sala e nos chamou para entrar.

– Agora, será que alguém pode, por favor, me explicar isso que vocês aprontaram? – disse ela. – Jeanne?

– A gente não aprontou nada, professora Ida – respondeu Jeanne, falando super-rápido. – Não foi nada. Eu juro. A gente estava estudando matemática e...

– Estudando matemática? No banheiro dos meninos?

– Não é culpa dela – interfeiri. – Eu entrei primeiro, e não queria sair.

A professora Ida olhou para mim como se eu estivesse falando russo e então olhou de novo para a Jeanne, como se fosse para ela traduzir.

– A questão é que ninguém se machucou e nada aconteceu – disse Jeanne. – Quer dizer, até parece que nós quebramos alguma regra... E não foi isso que aconteceu. Não mesmo.

174

– Uma regra muito importante foi quebrada no momento em que você entrou naquele banheiro – argumentou a professora. – Acredito que, neste caso, castigo depois da aula seja obrigatório.

– *O quê?* – exclamou Jeanne.

– Fala sério! – Eu praticamente berrei. – Isso é uma injustiça completa!

– Veja bem como fala, Sr. Khatchadorian. Vai ser muito fácil você ir parar no mesmo castigo que a Srta. Galletta – advertiu a professora Ida.

Eu demorei um segundo para entender o que ela estava dizendo. Jeanne e eu olhamos um para o outro exatamente na mesma hora.

– Espere aí – falei. – Ela vai ficar de castigo e eu não?

A professora Ida deu de ombros.

– Rafa, eu não pensei, nem por um momento, que você fosse inocente nisto tudo – disse ela. – Mas o negócio é que você estar no banheiro dos meninos não quebra nenhuma regra. Sinto muito, Jeanne, mas minhas mãos estão atadas.

Então o sinal do quinto tempo tocou e a professora Ida se levantou. A conversa tinha chegado ao fim. Ela até nos acompanhou ao corredor para se assegurar de que nós iríamos direto para a aula.

Jeanne e eu fomos andando feito um par de zumbis.

– Sinto muito mesmo por isso. Desculpe – falei.

– A culpa não é sua – respondeu ela.

– De certa forma é, sim – afirmei. – Se eu não tivesse entrado naquele banheiro, para começo de conversa, nada disso teria acontecido.

– Bom, agora a gente não pode fazer mais nada – concluiu Jeanne, mas eu não tinha muita certeza disso.

Aliás, eu havia acabado de pensar em pelo menos uma coisa que eu poderia fazer.

Olhei para trás, para ter certeza de que a professora Ida ainda estava no corredor, e agitei os braços para chamar a atenção dela.

– Ei, Sargento Ida!

– O que você está fazendo? – perguntou Jeanne, mas eu a ignorei.

– Vamos brincar de esconde-esconde! Está com você! – gritei o mais alto possível, correndo direto para o banheiro feminino mais próximo.

175

## CAPÍTULO 62





Fim de jogo

Então eu tive que ficar de castigo depois da aula com a Jeanne, mas adivinhe só?

Não fez a menor diferença.

Quando pensei melhor a respeito do assunto, percebi que poderia ter ficado de castigo 100 vezes e isso ainda não mudaria o fato de que a Jeanne tinha sido punida... Tudo por minha causa.

Resumindo: eu tinha quebrado a minha própria Regra de Não Prejudicar Ninguém de um jeito bem grave, e não precisava do Leo para me dizer o que aquilo significava: eu tinha acabado de perder minha terceira e última vida na Operação R.A.F.A.

O jogo tinha chegado ao fim. No que dizia respeito à missão, eu estava oficialmente morto.

Então, além de prejudicar todas as pessoas que sempre tinham sido tão legais comigo e correr o risco de repetir de ano, eu também tinha me ferrado... *no meu próprio jogo*.

176

Fim da história, certo? Rafa Khatchadorian = fracassado total. Não há mais nada a ser dito.

177

# CAPITULO 63



Mais uma coisa

Só que... você não é burro. Obviamente, as páginas deste livro ainda não acabaram. É igual quando o cara do filme cai de um penhasco para você achar que ele morreu, só que você sabe que, como o filme está só na metade, não pode ter acabado. Alguma coisa ainda precisa acontecer.

E aconteceu mais uma coisa, mas eu vou deixar o Leo contar esta parte.

178











**CAPÍTULO 64**

(Não) praticarás o



vandalismo

Na manhã seguinte, deixei um bilhete para minha mãe dizendo que eu precisava ir para a escola mais cedo para trabalhar em um projeto, o que era basicamente verdade. Eu só tinha deixado de fora a parte que *cedo* significava às quatro da manhã e *projeto* significava uma atividade altamente ilegal.

– Você não vai se arrepender – repetia o Leo sem parar. Da maneira como ele via as coisas, o objetivo todo da Operação R.A.F.A. era quebrar as regras. Então, por que eu deveria deixar que uma coisinha boba como perder o jogo me impedisse de fazer a parte pela qual eu estava esperando havia tanto tempo?

Como eu disse antes: genial.

Quando cheguei à escola, fui até a parte de trás do ginásio e estacionei minha bicicleta. Tem um muro imenso lá, perto do lugar onde costumamos jogar queimada quando o professor Lauro não está disposto a nos torturar

pessoalmente. Antes disso tudo, para mim aquilo só seria um muro. Mas agora eu enxergava uma tela gigantesca.

Peguei meu enorme pincel atômico, uma grande lanterna velha e alguns dos rascunhos que eu tinha feito durante meu treinamento. Eu havia desenhado em papel quadriculado – que é mais ou menos parecido com uma parede de tijolos – para saber o tamanho que as coisas precisariam ter.

Mas o Leo estava ficando impaciente.

– Você não precisa mais disso – falou ele. – O tempo está passando. Pare de pensar tanto e simplesmente comece a fazer.

E eu obedeci. Posicionei a lanterna em uma pedra para que iluminasse bem a parede, peguei meu pincel atômico e coloquei mãos à obra.

No início, foi meio devagar. Eu não sabia muito bem o que desenhar primeiro, nem em que ordem fazer as coisas. Mas, quanto mais eu avançava, mais eu ia me envolvendo e, em algum momento, tudo começou a fluir.

183

– É isso aí – disse o Leo, entusiasmado. – Coloque mais disso ali. Faça maior.

Tente assim. Não! Maior. MAIOR!

Ele falou isso muitas vezes. Depois de um tempo, eu já estava correndo de um lado para outro feito louco, trabalhando aqui, trabalhando ali, e subindo em uma lata de lixo para alcançar as partes mais altas. A coisa toda começou a ficar tão grande que senti que estava *dentro* do desenho, mesmo antes de terminá-lo. Foi como o Leo tinha dito. Eu não estava mais pensando. Eu só estava *fazendo*, como se o pincel atômico fosse apenas mais uma parte de mim e as linhas, formas e imagens estivessem saindo direto da minha mão. Foi uma sensação fantástica.

E eu também perdi totalmente a noção do tempo. De repente, o sol nascia e eu dava os retoques finais em tudo. Meu braço estava tão cansado que parecia prestes a despencar, mas meu cérebro ainda zunia feito louco. Parecia que eu nunca mais iria dormir na vida. Aliás, eu estava tão concentrado que nem ouvi a viatura de polícia se aproximando.

Ela dobrou a esquina da escola e as luzes vermelhas e azuis começaram a brilhar.

O carro parou bruscamente. As portas se abriram dos dois lados e não um, mas *dois* policiais saíram de dentro dele.

Eu fiquei paralisado. Não sabia se devia largar o pincel atômico, colocar as mãos para cima ou fazer sei lá o quê.

Mas os policiais nem estavam olhando para mim. Eles ficaram lá parados, olhando fixamente para o muro.

– Caramba, moleque – exclamou um deles. – Você fez mesmo tudo isso?

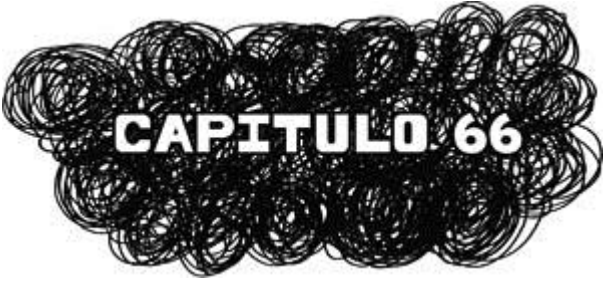




# CAPÍTULO 65



Dois minutos depois...



**CAPITULO 66**

Dando um tempo

(de novo)

Você reparou em uma coisa? Viu que estávamos só eu e o Leo no banco de trás daquela viatura de polícia?

Bem lá no começo do livro, eu tinha mostrado a você um desenho em que eu, o Leo e a *Georgia* aparecíamos em um carro do Departamento de Polícia de Hills Village, e eu disse que nós iríamos voltar a essa parte.

Não, não estou curtindo com a sua cara. Sim, essa parte vai vir. Não, a gente ainda não chegou lá.

Deixe-me explicar: tudo o que aconteceu naquela manhã – com o mural e eu ter sido preso – foi só o início do melhor e pior dia da minha vida. Ainda tenho muita coisa para contar.

Não saia daí!

188



Prisão domiciliar

Já que estamos aqui, vou aproveitar e fazer um teste surpresa para ver se você estava mesmo prestando atenção:



O que você acha que o Urso fez quando a polícia de Hills Village me levou para casa de manhã cedo?

1. Subornou os policiais para que fossem embora e esquecessem o que tinha acontecido.
2. Me levou para tomar um café da manhã delicioso.
3. Ficou completamente enlouquecido e começou a me perseguir pela casa até que eu me tranquei no banheiro e minha mãe disse que era para ele se acalmar ou ela mesma iria chamar a polícia de volta.

Resposta: digamos apenas que é ótimo que meus pés sejam tão rápidos.

Depois disso eu fiquei bem longe do Urso – o que não foi difícil, já que minha mãe mandou que eu me trancasse no meu quarto “até segunda ordem”. Foi mais ou menos como receber suspensão dentro da escola, mas sem a escola. Eu só fiquei lá, sentado na cama durante horas, desejando estar em algum outro lugar.

Ou ser *alguma outra pessoa*. Como, por exemplo, alguém que não fosse sempre uma decepção para a própria mãe.

– Você precisa se concentrar no lado positivo – disse Leo. – Foi uma obra-prima e tanto a que você realizou hoje. Ninguém vai se esquecer dela.

– É, inclusive o diretor David e a professora Ida – respondi. – Eles provavelmente vão me expulsar da escola.

Na véspera, eu até poderia pensar que isso era algo bom. Agora, a única coisa que eu sabia com certeza era que não queria mais me sentir assim... como se tudo acabasse sempre da mesma forma para mim, sem importar o que eu fizesse, bom ou mau, ou quanto me esforçasse. Talvez a professora Ida tivesse razão. Talvez eu estivesse

mesmo destinado a ir para a penitenciária federal algum dia... o castigo máximo.

189

Por volta da hora do almoço, minha mãe voltou em casa para falar comigo.

– Eu fui até a escola – disse ela – e falei para o diretor David que você vai pintar o muro no fim de semana. É uma pena, mesmo. Se você tivesse feito aquele desenho em qualquer outro lugar, eu teria ficado impressionada.

– Eles vão me expulsar? – perguntei.

Minha mãe suspirou. Ela parecia realmente triste... por minha causa, é claro.

Outra vez.

– Não sei – respondeu ela. – Nós temos uma reunião amanhã bem cedo na escola. Até lá, você não vai sair daqui.

Quando ela foi saindo do quarto, eu disse que estava muito arrependido, de verdade, mas ela só disse:

– Eu sei que está, Rafa.

E então fechou a porta.

A única pessoa que eu vi naquela tarde além da minha mãe foi a Georgia. Ela levou um potinho de pudim para mim quando chegou em casa da escola, mas acho que foi só para me fazer contar o que tinha acontecido.

Eu não gritei com ela, mas pedi para ela sair e não voltar. Eu só queria ficar sozinho com meus pensamentos.



Durante o resto do dia, tudo ficou quieto. Não aconteceu mais nada até escurecer. Ouvei quando a TV foi ligada na sala e senti um cheiro

de cebola vindo da cozinha. Foi quando a campainha tocou e tudo passou de muito, muito ruim...

...para muito, muito pior.

191



A pior parte de todas

Coloquei a cabeça para fora do quarto para escutar.

– Deixa que eu atendo – ouvi minha mãe dizer.

A porta de entrada se abriu, mas então nada aconteceu.

– Que estranho – falou ela. – Não tem ninguém aqui... Ah, espere. O que é isto?

Eu ouvi o Urso grunhir, do jeito que ele faz quando rola para fora do sofá.

– Então, o que é? – perguntou ele um segundo depois.

Agora os dois estavam na varanda.

– Não sei bem – respondeu minha mãe.

A voz dela estava bem distante, como se ela estivesse pensando em alguma outra coisa. Ouvi papéis farfalhando.

– Não sabe bem? – retrucou o Urso. Ele estava ficando todo mal-humorado mais uma vez. – Olhe só para isto! Estou dizendo... Aquele garoto não passa de um vândalo.

– Não fale assim dele. E baixe a voz.

– Está de brincadeira? Olha, se você não vai fazer nada, eu vou. Aliás vou dar um jeito nele agora mesmo.

– Não vai, não. Não desta maneira.

A porta de entrada bateu e eles começaram a discutir lá fora. Não dava mais para entender o que eles estavam dizendo, mas obviamente falavam de mim. Meu sangue começou a ferver.

De repente ouvi o Urso urrar.

– NÃO ME DIGA O QUE FAZER!

Então minha mãe respondeu algo que eu não consegui escutar.

Daí:

192

– CALA A BOCA, JULES! CALA A BOCA!

Eu ouvi a minha mãe soltar um grito e tudo ficou em silêncio... mas não de um jeito bom. Eu saí correndo pelo corredor e praticamente dei um encontrão na Georgia, que vinha do outro lado. Ela parecia assustada de verdade e estava chorando.

– Rafa! Vem ajudar a mamãe, rápido!

193



O famoso incidente com

o carro de polícia

Assim que eu vi que minha mãe tinha caído da escadinha de entrada, falei para a Georgia ligar para a emergência.

– Mas...

– *AGORA!* – gritei e fechei a porta atrás de mim ao sair.

O Urso estava parado ao lado da minha mãe, tentando ajudá-la a se levantar, mas ela não deixava.

– Sai de perto de mim! – dizia ela.

– Jules, desculpa. Foi um acidente. Foi só um acidente...

– Eu sei – respondeu ela. – E não me importo. Só saia daqui, Carl!



Foi nesse momento que eu reparei em todas aquelas folhas e no envelope grande em que estava escrito Sra.K. na frente. Estavam espalhadas por toda a varanda, como se alguém as tivesse jogado lá. E também não eram quaisquer folhas. Eu reconhecia a caligrafia, os desenhos, tudo. Eram cópias da capa do meu caderno da



Operação R.A.F.A... incluindo uma cópia de cada página que eu tinha comprado de volta do Miller, até onde eu conseguia ver.

Mas eu tinha problemas maiores para resolver naquele momento.

Pulei da varanda e empurrei o Urso para longe da minha mãe, com a maior força possível.

– Sai daqui! – berrei para ele.

195

A boca dele estava aberta e seus olhos estavam meio vazios, como se ele nem estivesse ali. Eu nunca tinha visto o Carl daquele jeito. Ele simplesmente recuou, sem brigar, e ficou parado na calçada, sem ir embora, mas também sem se aproximar.

– Tudo bem – disse a minha mãe quando eu fui ajudá-la a se levantar. – Foi só um acidente. Ele não tinha a intenção de me machucar.

Mesmo assim, eu fiquei lá até a polícia chegar, com duas viaturas e uma ambulância. Colocaram o Urso no banco de trás do carro. Outro policial começou a fazer perguntas para mim e para a Georgia a respeito do que tínhamos visto, enquanto os sujeitos da ambulância examinavam o pulso da minha mãe. Georgia ficou chorando o tempo todo enquanto eu segurava a mão dela, e isso, pode acreditar, não é algo que eu faça sempre. A cena toda era uma loucura. Foi totalmente maluco!

– Estou bem – repetia a minha mãe. – Eu estou bem.

Mesmo assim, quiseram levá-la ao hospital para tirar alguns raios x, então ela entrou na traseira da ambulância enquanto a Georgia e eu observávamos. Falaram que nós não podíamos ir junto, mas o policial disse que ia nos levar.

– Vejo vocês lá – gritou ela.

– Nós estaremos logo atrás de vocês – disse o policial.

– E eu também estou bem aqui – sussurrou o Leo.

E isso era uma grande dificuldade para ele, já que ele nunca fala quando tem mais gente por perto. Mas eu gostei de ele ter se pronunciado.

E, aliás, se você ainda estiver curioso sobre o que aconteceu:

196



197



## CAPITULO 70

Mamãe ♥

Estava tudo bem com minha mãe. Enfaixaram o pulso dela no hospital e chamaram um táxi para nos levar para casa. Ela se sentou no banco de trás e ficou abraçando nós dois com o pulso machucado e tudo.

Quando chegamos em casa, a primeira coisa que eu vi foi que alguém tinha colocado todas as páginas dentro do envelope mais uma vez e deixado na varanda.

Não fiquei muito feliz com isso, mas minha mãe não falou nada. Ela só levou o envelope para dentro e eu não voltei a vê-lo depois disso.

O Urso tinha deixado alguns recados na secretária eletrônica, dizendo que estava muito arrependido, agradecendo por minha mãe não prestar queixa e falando que ia ficar na casa de um amigo por enquanto.

– Jules, ligue para mim – dizia ele. – O número é 524...

Minha mãe apertou o botão de apagar antes mesmo de ele terminar. Aquilo me deu vontade de gritar de alegria.

– Venham se sentar comigo – falou ela para nós dois. – Quero conversar com vocês.

Então nos sentamos à mesa da cozinha, com uma cadeira vazia no lugar em que o Urso costumava comer.

– As coisas vão mudar por aqui – declarou ela. – O Urso não vai mais morar com a gente, e espero que isso signifique que eu também não vou mais precisar dobrar os turnos na lanchonete.

Nessa hora nós comemoramos mesmo. Era a melhor notícia que eu já tinha recebido na vida.

Mas é claro que a alegria não durou muito.

– Já em relação a você, Rafa, ainda tem muita coisa que precisamos resolver.

– Eu sei – respondi. – Eu sinto muito, de verdade. – Parecia que eu andava pedindo muitas desculpas ultimamente. Demais, até, para falar a verdade. Minha mãe esticou o braço e colocou a mão no meu ombro, mas ver aquela faixa no pulso

dela só fez com que eu me sentisse pior. – O que aconteceu hoje... a culpa foi toda minha. Eu só... Eu, hum...

Eu nem sabia que estava prestes a chorar. Começou meio do nada. De repente havia lágrimas saindo dos meus olhos, o meu rosto estava todo contorcido e eu urrava feito um bebê. A parte mais estranha foi que eu nem fiquei com vergonha.

Nem com a Georgia ali sentada, olhando para mim de queixo caído.

– Não foi culpa sua – afirmou minha mãe. – Nem um pouco.

– Aposto que às vezes você fica desejando ter um filho normal – falei, enquanto assoava o nariz em um dos lenços de papel que ela me deu.

– Eu sou normal! – exclamou Georgia.

– Não é assim que eu encaro as coisas – retrucou minha mãe. – É verdade, Rafa, que já faz muito tempo que você anda tomando decisões muito ruins. Mas eu também fiz algumas escolhas ruins, não é?

Eu sabia que ela estava falando do Urso, mas não disse nada.

– De todo modo, vamos pensar nisso de manhã, certo? – Então ela se inclinou para cochichar no meu ouvido. – E eu acho que ser normal é meio chato, você não acha?

– Ei, nada de cochichar! – repreendeu Georgia.

– É o que o Leo diz – cochichei em resposta, e minha mãe deu um sorriso meio feliz, meio triste.

– De onde você acha que ele tirou isso? – perguntou ela.

– De onde *quem* tirou? – quis saber a Georgia. – Tirou o quê? Do que nós estamos falando?

E apesar de eu saber que o Leo não estava ali *de verdade* e que ele não podia *realmente* fazer um sinal de positivo para mim do outro lado da mesa, foi exatamente isso que ele fez. Assim mesmo.

199



Isso TERIA que

acontecer em algum

momento

Quando minha mãe me levou à escola no dia seguinte, todo mundo (e eu quero dizer todo mundo MESMO) ficou olhando para mim. Acho que isso significava que todos tinham visto meu mural, e acho que era uma coisa boa, porque no fim de semana ele já não estaria mais lá. Muita gente cochichava e apontava e um menino até tirou uma foto, mas ninguém falou nada.

Com uma exceção.

O Miller estava apoiado na vitrine dos troféus, observando, quando eu entrei. Ele estava com aquele mesmo sorriso idiota de sempre no rosto, como se fosse um bebê gigante que tivesse acabado de fazer o maior cocozão na fralda.

– Ei, Khatchadorian! – berrou ele para mim. – Recebeu meu pacote?

Bom, acredite ou não, eu quase havia me esquecido daquele envelope. Eu tinha passado a noite toda me culpando pelo que tinha acontecido. E não tinha parado para lembrar que tudo havia começado quando a campainha tocou... logo antes de a minha mãe e o Urso começarem a discutir...





...e a Georgia desatar  
a chorar...

...e a minha mãe ir

parar no hospital.

Saí de perto da minha mãe e corri para cima do Miller, como da última vez, só que agora nós estávamos cara a cara. Não desacelerei até meu punho se enterrar na barriga dele em velocidade total.

201

O Miller pareceu totalmente chocado, mas isso não impediu que ele revidasse e me acertasse com tudo no nariz. Senti o sangue quase na mesma hora. Comecei a cair, mas no caminho eu o agarrei e o puxei até nós dois estarmos no chão, rolando e dando socos sempre que possível. Ele me acertou com força no estômago e eu o atingi perto do olho...

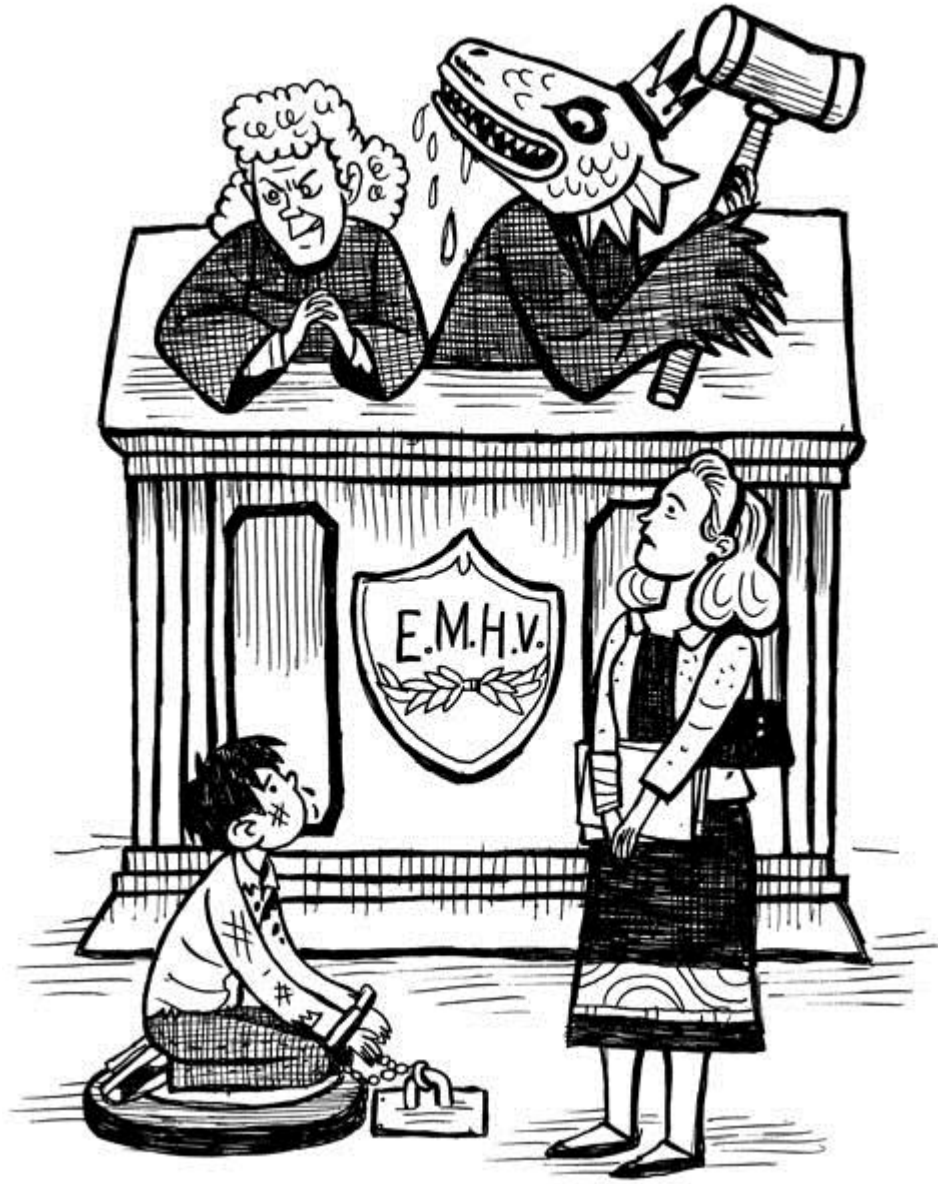
Então o diretor David veio nos separar e minha mãe me puxou para longe do Miller. Nós dois continuávamos berrando e gritando... eu nem me lembro do que eu disse, mas provavelmente não ia poder mesmo colocar aqui neste livro. Minha camisa estava rasgada na frente, parecia que eu ia vomitar e ainda estava sangrando.

Mas não pude deixar de notar que eu continuava vivo. Agora mais encrocado do que nunca, se é que isso era possível, mas tinha acabado de sobreviver ao Miller, mais ou menos da mesma maneira como eu tinha sobrevivido à maior parte do sexto ano: um pouco abalado (tudo bem, muito abalado) e não exatamente como um vencedor, *mas ainda em pé*. Isso é mais do que qualquer pessoa na escola esperaria de mim. Inclusive eu.

Então, beleza.

202

# CAPÍTULO 72



## A grande letra "E"

– Bom, se ainda não estava decidido, agora está – disse o diretor David. – Rafa, você está expulso da Escola Municipal de Hills Village pelo resto do ano.

203



Eu não estava muito surpreso, mas mesmo assim nem conseguia olhar para a minha mãe. Ela provavelmente queria terminar o que o Miller tinha começado e me matar naquele mesmo instante.

Nós estávamos na sala do diretor David, junto com a professora Ida. Eu estava com um saco de gelo no nariz e tinha um alfinete de fralda fechando minha camisa.

Também me sentia um pouco entorpecido – em vários sentidos.

– O Rafa vai poder continuar recebendo as lições para estudar em casa – explicava o diretor David para minha mãe. – E, é claro, você pode matriculá-lo novamente no sexto ano no fim do período letivo.

A coisa só foi piorando... e piorando...

Então o telefone do diretor David tocou. Ele atendeu.

– Pois não? – falou. Depois logo emendou: – Diga a ela que estamos em uma reunião com uma mãe.

Mas, um segundo depois, a porta se abriu mesmo assim e a professora Donatella entrou na sala.

– Vou ser rápida – disse ela. – Compreendo que esta seja uma reunião particular, mas eu gostaria de oferecer uma sugestão em nome do Rafa, se me permitirem.

Então todo mundo olhou para minha mãe, inclusive eu.

– Por favor, vá em frente – autorizou ela.

– Eu ia mencionar isto mais para o fim do bimestre, mas parece que o momento certo chegou.

Ela colocou um folheto na mesa do diretor David, em um lugar onde todos podiam enxergar.

204



O diretor David e a professora Ida não disseram nada. Minha mãe pegou o folheto.

– A escola Airbrook poderia ser o ambiente perfeito para o Rafa – declarou Donatella. E então olhou bem para mim. – Você teria que fazer uma viagem mais longa de ônibus, mas acho que iria gostar de lá. A escola combina artes visuais com matérias acadêmicas, para crianças que não aprendem da maneira tradicional.

– Como assim? É uma escola para quem tem dificuldade de aprendizado? – perguntei.

– Não – respondeu a professora. – É uma escola para artistas.

Aí eu comecei a me interessar.

– Com licença – disse a professora Ida. – O Rafa está sendo expulso. Está sugerindo que ele deve ser *recompensado* por seu comportamento?

– De jeito nenhum – falou a professora Donatella. – Mas estou dizendo que o Rafa tem talento. Vi isso o ano todo.

Isso era novidade. Eu não me lembro de ninguém ter usado as palavras *Rafa* e *talento* na mesma frase antes disso.

– Mas e as notas dele? – quis saber minha mãe.

Eu estava olhando para o folheto por cima do ombro dela. Havia imagens de uns alunos na frente de cavaletes de pintura, de outros fazendo esculturas e de mais alguns fazendo algo que eu nem sabia ao certo o que era.

– Não há dúvida de que vamos ter que trabalhar um pouco o lado acadêmico – disse a professora Donatella. – Mas, mais uma vez, a escola Airbrook é para alunos de todos os níveis. Se o portfólio do Rafa for promissor, podemos até conseguir uma bolsa de estudos.

– Portfólio? – perguntei.

– Uma seleção dos seus desenhos e trabalhos de arte – explicou a professora. – Para que possam avaliar o seu potencial.

Eu estava ficando mais animado a cada segundo. Naquele momento, as coisas pareciam

melhores que as minhas expectativas.

205

Quer dizer, até minha mãe abrir a bolsa, enfiar a mão lá dentro e tirar o pequeno pacote enviado pelo Miller no dia anterior.

– Eu não tinha certeza se deveria ou não mencionar isto aqui – disse ela –, mas agora estou achando que sim.

Foi aí que eu percebi que estava tudo acabado para mim.

206



Ainda não terminou

No minuto seguinte, as cópias do meu caderno estavam todas espalhadas por cima da mesa do diretor David. Estava tudo ali: as regras da Operação R.A.F.A., os regulamentos da escola que eu tinha

desrespeitado e todos aqueles desenhos idiotas que o Leo e eu tínhamos feito durante o percurso. Agora todo mundo podia ver que delinquente juvenil eu era. Fiquei só olhando para o chão.

– Bom, isto explica algumas coisas – disse a professora Ida, e eu senti a escola de arte escorregando entre os meus dedos.

– Na verdade – retrucou a minha mãe –, não foi por isso que eu quis mostrar estes papéis.

Eu ergui os olhos.

– Sim – concordou a professora Donatella. – Já entendi qual é sua intenção com isso. Nós temos o início de um portfólio aqui mesmo. Rafa, alguns destes desenhos são tão *você*...

*O quê?*

Eu nem tinha certeza do que a professora Donatella queria dizer, mas parecia bom.

– Sra. Khatchadorian – disse o diretor David –, é claro que a senhora pode matricular o Rafa onde quiser, mas é importante que ele compreenda a gravidade de suas ações aqui.

– Concordo plenamente – respondeu minha mãe. – E, pode acreditar, haverá consequências.

Eu não aguentava mais. Onde aquilo ia parar?

– Mas, veja bem, eu sempre soube que o Rafa, no fundo, é um artista – declarou minha mãe. – Está no sangue dele. Aliás, ele tem esse nome em homenagem ao grande Rafael Sanzio de Urbino. Todos os meus filhos têm nomes de artistas que eu admiro. O nome da irmã do Rafa é em homenagem a Georgia O’Keeffe.

– Belas escolhas – elogiou a professora Donatella, sorrindo.



207

– E – prosseguiu minha mãe – o Rafa também teve um irmão gêmeo.

Eu queria que ela parasse de falar, mas é claro que ela não parou. Simplesmente continuou.

– O nome dele era Leonardo – falou ela.

– Por causa do Leonardo Da Vinci? – perguntou a professora Donatella.

– Por isso mesmo. Infelizmente, o Leo morreu quando era muito pequeno. Ele teve meningite quando os meninos tinham só 3 anos e nós o perdemos.

A professora Donatella colocou a mão no ombro da minha mãe. O diretor David e a professora Ida ficaram com cara de quem não sabia o que dizer.

– Faz muito tempo – falou minha mãe, agora olhando para mim. – Mas, mesmo assim, o Leo continua conosco, em espírito. Não é, Rafa?

Eu só fiz que sim com a cabeça. Afinal de contas, era verdade.

Parece que eu lhe devo uma explicação.

208



## Uma explicação

Você deve estar aí pensando: ESPERE UM SEGUNDINHO... todos estes capítulos e todas estas páginas, e só agora ele vem me contar que esse tal de Leo na verdade era o irmão dele?

Acho que a resposta resumida é a seguinte: sim. E não, eu não sou louco. Eu sou legal. De verdade. Talvez eu não devesse mencionar isto, mas acho que, se você me acompanhou até aqui, merece conhecer toda a verdade.

Eu não me lembro muito bem de quando o Leo estava com a gente. O cabelo dele era mais claro que o meu e ele era – vamos ser sinceros – meio gorducho. Em todas as fotos, ele parece muito maior do que eu. Mas nós dois éramos bem pequenos quando ele morreu. Eu só me lembro de como tudo ficou quieto pela casa e que minha avó veio ficar um tempo conosco.

Então, em algum momento, eu comecei a imaginar como seria se o Leo ainda estivesse por aqui. E nunca mais parei.

Quero deixar registrado que não estou dizendo que o Leo vai ficar por aqui para sempre. Talvez eu consiga superar essa história. Ou talvez eu até encontre um melhor amigo real algum dia... Quem sabe? Se isso acontecer, tenho certeza de que o Leo não vai se importar. Ele sempre vai ser meu irmão, isso não vai mudar.

Enquanto isso, eu gosto das coisas como elas são. Talvez isso faça com que eu seja esquisito. Talvez faça até parte daquilo que faz de mim um "artista", como minha mãe disse, mas a verdade é que está mais ou menos funcionando para mim assim...

Bom, tirando a parte de que eu estava prestes a ser expulso depois de me meter em toda aquela confusão. Eu sei, eu sei... vou dar um jeito. Só vire a página e continue a ler.



**CAPÍTULO 75**

## A grande pegadinha

Agora que minha mãe tinha contado tudo para o diretor David e a professora Ida, eles meio que ficaram lá se entreolhando.

– Então, bom – disse minha mãe, pegando o folheto da escola de arte Airbrook –, se houver mais alguma coisa que eu possa fazer para que ele seja aceito...

Ela colocou o folheto de volta na mesa do diretor David, meio que para dizer que agora estava nas mãos dele.

– Sra. Khatchadorian, em primeiro lugar, permita-me dizer que sinto muito pela sua perda – declarou o diretor David.

– Nós dois sentimos – completou a professora Ida.

Ela até parecia estar sendo sincera.

– Obrigada. Agora, quanto ao Rafa...

– Posso fazer mais uma sugestão? – interrompeu de novo a professora Donatella.

Todo mundo olhou para ela. Até agora, ela havia ficado do meu lado, então com toda a certeza eu queria ouvir o que ela tinha a dizer.

– Vamos manter a expulsão do Rafa – disse ela. – Ele pode ficar fora da escola neste bimestre e depois se matricular em horário integral nas férias, para a recuperação.



Lá estava... a grande pegadinha.

Recuperação nas férias!

Eu sabia que estava bom demais para ser verdade.

– Eu posso trabalhar com ele tanto nas matérias acadêmicas quanto no portfólio, e aí veremos o que acontece – sugeriu ela.

– Rafa? – indagou o diretor David. – O que tem a dizer sobre tudo isso?

De repente, todo mundo estava calado e olhando para mim. Era minha

oportunidade de dizer algo inteligente.

– Eu não quero fazer recuperação nas férias – respondi.

– O QUÊ? – gritou minha mãe.

A professora Ida deu um sorrisinho.

A professora Donatella pareceu perder todo o ânimo.

– Mas vou fazer – emendei, olhando bem para o diretor David. – Se vocês deixarem.

Ele e a professora Ida ficaram se entreolhando. Eu não tinha certeza se eles estavam convencidos, mas então pensei em mais uma coisa para dizer.

– Talvez eu também possa fazer um mural de verdade. Com tinta e tudo. Uma coisa para a escola, tipo, para mostrar que eu estou arrependido.

– Na verdade – raciocinou a professora Donatella –, um projeto assim pode ser excelente para o pedido de inscrição na Airbrook. – Ela olhou para o diretor David e a professora Ida. – Quer dizer, isso se nós levarmos essa ideia adiante.

211

No começo, ninguém disse nada. Finalmente, a professora Ida deu de ombros e o diretor David se pronunciou.

– Teria que ser algo apropriado. Nós precisaríamos ver o esboço antes de o desenho virar um mural.

– Sem problema – respondi.

– E tudo isso só pode começar junto com a recuperação nas férias – continuou o diretor David.

– E, mesmo assim – completou a professora Ida –, se notarmos algum tipo de problema de comportamento...

– Isso não vai acontecer – assegurou minha mãe, apertando minha mão. – Certo, Rafa?

– Certo – concordei, tentando sorrir, como se estivesse sendo sincero.

Na verdade, eu não fazia ideia se seria capaz de fazer essas coisas. O mural, as aulas, meu “comportamento”... Mas valia a pena tentar, se isso significasse trocar a Escola Municipal de Hills Village por uma escola de arte ( *escola de arte!* ) no ano seguinte. Talvez até como aluno do sétimo ano.

Além do mais, eu achei que devia à minha mãe (e ao Leo Caladão e à professora Donatella – a Mulher-Dragão – e, sim, até à Jeanne Galletta) pelo menos dar uma chance a esse plano maluco.

212



O que aconteceu depois

Então, voltamos ao presente. Eu continuo expulso da escola. O ano letivo ainda não acabou. E, pode acreditar, estar fora do colégio não é mais divertido do que era estar dentro dele. Minha mãe fez questão de que fosse assim.

Mas, primeiro, deixe-me contar as partes boas.

Mais ou menos uma semana depois que isso tudo aconteceu, o Urso foi lá em casa buscar as coisas dele enquanto minha mãe estava no trabalho. Agora ele oficialmente não mora mais com a gente. Ele até se esqueceu do estoque secreto de energético – que eu coloquei em um esconderijo novo e não vou contar nem para *você* onde é.

Nesse meio-tempo, minha mãe passou a trabalhar na lanchonete apenas em meio-expediente. Agora ela passa todas as noites em casa. De lá para cá, tem feito jantar para nós todos os dias, e ela é uma cozinheira *muito* melhor do que eu, a Georgia e o Urso juntos.

Depois que eu fui expulso, a Jeanne Galletta até me ligou para saber se eu estava bem. Eu disse a ela que sim, mas que eu não sabia se ia voltar para a Escola Municipal de Hills Village no ano seguinte. Então ela disse que, bom, talvez a gente pudesse ir ver um filme nas férias, que ela estava convidando, e eu respondi que ia pensar sobre o assunto. (Certo, você provavelmente já descobriu qual parte disso não é bem verdade, mas não faz mal sonhar, certo?) Mas também tenho notícias não tão boas assim.

Minha mãe não me deixa ficar sozinho em casa, por isso, todos os dias úteis, durante as últimas seis semanas, eu tenho vindo aqui para a lanchonete do Swifty.

O dono deixa a gente colocar uma mesa dobrável na despensa, onde eu me sento em cima da minha lata de picles e fico fazendo



meus deveres da escola (coisa que parece ser uma loucura, já que eu fui expulso, mas vá dizer isso para minha mãe).

213

Também passo uma hora por dia lavando louça, varrendo ou limpando o restaurante. O Swifty chama isso de minha "taxa de alojamento e alimentação".

Assim eu ganho almoço todos os dias, o que não é nada mau.

No começo, achei que não fosse conseguir. Mesmo com a lição de casa e o trabalho de limpeza, sobravam muitas horas sem fazer nada, em que eu ficava olhando para as paredes, esperando a recuperação das férias (buuuu!) começar. Eu nunca tinha ficado tão entediado na vida.

Mas então tive outra ideia. Uma das boas, como a da Operação R.A.F.A. Só que essa missão não era um jogo. Era mais um projeto especial para me ajudar a passar o tempo.

E adivinhe só?

Terminei meu projeto.

Ele é isto que você acabou de ler.

214







Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por**

## **editoras brasileiras.**

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O

leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.